UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Miriam Grajew

Amor e ódio no caso clínico do Homem dos Lobos

São Paulo
2019

MIRIAM GRAJEW

Amor e ódio no caso clínico do Homem dos Lobos

Versão corrigida

Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo
para obter o título de Mestre em Ciências

Área de concentração: Psicologia Escolar e do
Desenvolvimento Humano

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Loffredo

São Paulo

2019

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Grajew, Miriam

Amor e ódio no caso clínico do Homem dos Lobos / Miriam Grajew; orientadora
Ana Maria Loffredo. -- São Paulo, 2019.

149 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do
Desenvolvimento Humano) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo,
2019.

1. Homem dos Lobos. 2. Impasse. 3. Transferência. 4. Contratransferência. 5.
Ambivalência. I. Loffredo, Ana Maria, orient. II. Título.

Nome: Grajew, Miriam

Título: Amor e ódio no caso clínico do Homem dos Lobos

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Mestre em Ciências

Aprovada em 07 de dezembro de 2018

Banca Examinadora

Profª. Dra.
Instituição: Instituto de Psicologia USP
Julgamento: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Ana Maria Loffredo pelo rigoroso trabalho de orientação e pelo estímulo à curiosidade.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pela concessão da bolsa de mestrado e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

À banca de qualificação, Profa. Dra. Renata Udler Cromberg, pelos vivos comentários que reverberam, e Prof. Dr. Nelson Ernesto Coelho Junior, pelos precisos apontamentos que norteiam.

Ao grupo de orientação, pela fiel companhia ao longo do trabalho de pesquisa, Ana Laura Azevedo, Elisa Penna Bernal, Erico Bruno Viana Campos, Fabíola Abadia Borges, Letícia Billarrubia Sampaio, Lucas Hangai Signorini, Lucas Palaia Cassas, Maria Beatriz Bueno Domingues, Paulo Emilio Pessoa Cabral, Priscila Souza Vicente Penna e Renan Siqueira Rossini.

Às secretárias do departamento, Sandra Dias Pereira e Olívia Martins Rosa, pelo gentil suporte à pesquisa.

A Marcelo Soares da Cruz, pela confiança, escuta sempre atenta que dão liberdade ao pensamento.

A Décio Gurfinkel, pelo mergulho no mundo dos sonhos.

À Mara Caffé, por fazer pensar uma nova psicanálise.

A Daniel Delouya, por compartilhar seu vivo pensamento clínico.

A Oswaldo Ferreira Leite Netto, pela defesa e disseminação da psicanálise e pela confiança.

A Alejandro Viviani, pela generosidade e clareza de seus ensinamentos.

À Audrey Setton, por contar com seu generoso apoio.

À Renate Sanches, por compartilhar a riqueza de suas experiências.

À Silvana Rabello, com saudades da delicadeza de suas palavras.

À Andréa Socha, pelo impulso à pesquisa e por sua carinhosa amizade.

À Lia Novaes Serra, pela delicadeza de uma amizade.

À Danna de Luccia, por todo o apoio, inúmeras leituras e muitas conversas.

À Gabriela Levy Copello, que mesmo distante está perto.

À Daniela Adachi Guimarães, pela delicadeza de sua presença.

À Iandara Uchôa, por todas as frutíferas trocas.

À Paula Carvalho, pelo precioso trabalho de revisão.

À Roberta Saraiva Coutinho, à Telma Lira Takaki Shen, à Manoela Assef da Silva e à Adriana Martins, pela amizade.

Aos analisandos, que dão sentido a essa pesquisa.

À Sarah, a Jakow e a Daniel, que trazem alegria de viver.

“Seu receio de uma existência autônoma era tão grande que sobrepujava todos os tormentos da doença”

Freud (1918[1914]/2010, p. 19)

“Pai, a quem não conheço! Pai, que outrora preenchíeis toda a minha alma, e agora Vos afastais de mim, chamai-me para junto de Vós! Não mais Vos caleis! Vosso silêncio não poderá deter esta alma sedenta. Um homem, um pai, poderia zangar-se com o filho que retornasse inesperadamente e, abraçando-o, exclamasse: ‘Retornei, meu pai! Não te zangues por eu interromper uma viagem que, por tua vontade, devia demorar mais algum tempo. O mundo é o mesmo em toda parte, sofrimento e trabalho, depois recompensa e alegria. Mas de que me serve tudo isso? Só me sinto bem quando estou perto de Ti, e é na Tua presença que desejo sofrer e sentir prazer.’ E Vós, amado Pai celestial, haveríeis de rejeitar esse filho?”

Goethe (1774/2007, pp. 128-129)

RESUMO

Grajew, M. (2019). *Amor e ódio no caso clínico do Homem dos Lobos* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

O estudo sobre o impasse que se dá nas análises pode contribuir para uma reflexão metapsicológica, que, por sua vez, alimenta a experiência clínica, principalmente nos casos em que estão em jogo importantes questões pertinentes à constituição psíquica, e nos permite um maior conhecimento das camadas mais profundas de nosso funcionamento. Nossa hipótese é a de que o impasse se dá somente pela influência concomitante da transferência do analisando e das reações contratransferenciais do analista. No estudo do caso do Homem dos Lobos, observa-se a forte presença de amor e ódio na relação entre a dupla analítica, sendo que esses afetos não teriam sido suficientemente elaborados e o que restou foi uma forte ligação do Homem dos Lobos a Freud, que perdurou no tempo, mesmo depois de tida como encerrada a análise. A posição feminina implícita no desejo homossexual de satisfação com um homem muito surpreendia Freud que via nessa atitude uma das maiores resistências à análise, sem que considerasse a possibilidade da existência de um desejo de castração que a posição feminina implica. De igual modo, o desejo incestuoso pela mãe, evidente na bissexualidade do analisando, não teria sido suficientemente elaborado em análise. Em troca, o que se estabeleceu foi uma relação de fascinação e idealização por parte do Homem dos Lobos, em que não existe lugar para a falta, e se recorre a defesas pela via do isolamento, da onipotência e da busca pelo duplo, diante das angústias arcaicas de aniquilamento. Havia uma alienação apaixonada em relação a Freud, que dificultou o processo de separação dos dois. Com a segunda analista, Brunswick, que se colocou como uma mediadora entre os dois homens, o impasse pôde em certa medida se dissolver e o Homem dos Lobos pôde elaborar minimamente os afetos e transferências de amor e ódio, que lhe deu uma certa independência e lhe possibilitou uma saída pela via da sublimação.

Palavras-chave: Homem dos Lobos; impasse; transferência; contratransferência; ambivalência

ABSTRACT

Grajew, M. (2019). *Love and hate in Wolfman's case* (Dissertação de Mestrado).
Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

The study concerning the impasse which appears in analysis may contribute to a metapsychological reflection which in turn offers elements for a clinical experience, especially in cases where important points pertinent to psychic constitutional issues are present. This allows for a greater knowledge of our basic functioning. Our hypothesis is that the impasse takes place only with the concomitant influence of the patient's transference and the countertransference reactions of the analyst. In studying the case of the Wolfman, one can observe the strong presence of love and hate in the relationship between the analyst and the patient. The repetition of these sentiments were not sufficiently worked through and what remained was a strong tie between the Wolfman and Freud, which lasted for a long time, even after the analysis was considered ended. The implicit feminine position in the homosexual desire with a man astonished Freud who understood that this attitude was the main cause for the resistance in analysis, without considering the possibility that the Wolfman had a desire for castration implicit in the feminine position. Likewise, the incestuous desire for the mother, evident in the bisexuality of the patient, was not sufficiently worked through during the analysis. In exchange, what was established was a relationship based on fascination and idealization, with no space for lack, thus invoking defenses through isolation, omnipotence and the pursuit for the double, in face of archaic anguishes of extinction. There was a passionate alienation in relation to Freud which was the cause of their difficult separation. With the second analyst, Brunswick, who acted as a mediator between the two men, the impasse was broken to a certain degree, and the Wolfman could minimally worked through the attachment and transferences of love and hate, giving him certain independence and the possibility for a way out via sublimation.

Keywords: Wolfman; impasse; transference; countertransference; ambivalence

SUMÁRIO

Introdução.....	8
Capítulo 1 – Analidade: entre fascinação e agressão.....	17
O impasse como potência.....	17
Um encontro entre colaboradores	22
A abertura da análise	27
A analidade: um combate	30
Sobrevivendo ao ódio	35
A fascinação: uma relação fusional.....	40
Amor: uma sublimação possível	44
A sintomatologia anal e a sublimação	49
O desfecho da análise: a transferência não dissolvida	52
O impasse no campo de batalha da transferência: entre sugestão e construção	61
Uma união violenta e necessária para a alteridade	69
Capítulo 2 – Elementos de uma melancolia crônica	72
A primeiríssima neurose: um distúrbio de alimentação	72
A pulsão de morte: um problema da identificação.....	75
A autoconservação: entre “ <i>ser devorado</i> ” e “ <i>devorar</i> ”	80
A hipótese de uma melancolia crônica	81
Abraham: o ódio na melancolia	85
O peso do objeto na melancolia: uma dificuldade no desligamento.....	90
Os desafios de um amor narcísico	96
Um paradoxo no processo de identificação.....	101
Capítulo 3 – A bissexualidade na transferência.....	113
A cena primária: uma exclusão do prazer compartilhado	114
O ódio: uma fantasia de união incestuosa imortal	117
Identificação com a mãe	119
A recusa da feminilidade.....	123
A polissemia do amor: uma elaboração possível.....	126
Uma morte necessária?	131
Considerações finais.....	137
Referências.....	142

Introdução

É enorme a quantidade de trabalhos dedicados ao estudo do mais famoso caso de Freud, conhecido como Homem dos Lobos. Ele foi relatado por ao menos três pessoas: Freud, Brunswick e o próprio analisando, além de estudado e debatido à exaustão no meio psicanalítico. Essa ampla investigação da vida pessoal do analisando e dos processos de análise do caso deixam evidente a relevância do caso para a comunidade psicanalítica.

O caso do Homem dos Lobos é de complexidade ímpar, e diversas abordagens podem ser adotadas para o seu estudo, que se mostra ainda pertinente especialmente em função do impasse que se instalou em sua primeira análise. No próprio relato do caso, Freud (1918[1914]/2010) considera que somente diante dos impasses é possível produzir conhecimento científico. No importante texto tardio de sua obra, “Análise terminável e interminável”, Freud (1937a/2018) recomenda aos analistas que, em vez de “pesquisar como se dá a cura pela análise, deveriam perguntar que obstáculos se põem no caminho da cura analítica” (p. 282). O caso, portanto, é digno de estudo por conta dessa noção de impasse que ele apresenta e, acima de tudo, por seu grau de dificuldade:

As análises que em pouco tempo obtêm resultado favorável são valiosas para a autoestima do terapeuta e reveladoras da importância médica da psicanálise; para o avanço do conhecimento científico são geralmente sem valor. Não se aprende nada de novo com elas. Pois tiveram sucesso tão rápido porque já se sabia o que era necessário para a sua resolução. *Algo de novo se ganha apenas com as análises que oferecem dificuldades especiais, cuja superação requer muito tempo. Somente nesses casos conseguimos descer às camadas mais fundas e primitivas do desenvolvimento psíquico, lá encontrando soluções para os problemas das configurações posteriores* [itálicos nossos]. (Freud, 1918[1914]/2010, p. 17)

Foi a partir do estudo do *impasse* ocorrido naquela análise que percebemos a importância dos afetos de *amor* e *ódio*, na polissemia abrangida por eles, como uma chave para a compreensão do que teria acontecido na dinâmica transferencial, que operava como um entrave para a ocorrência de mudanças psíquicas. O interesse em aprofundar o tema tem relação direta com os desafios que nossa clínica oferece, pois o longo e penoso tratamento psicanalítico nos coloca frequentemente diante de *impasses* que nos levam a inúmeras interrogações. São resistências ao tratamento que, nas palavras de Etchegoyen (2004),

quando nos colocamos a considerá-las seriamente, devemos enfrentar as interrogações últimas sobre o valor de nosso método e a eficácia de nossa técnica. O impasse de um só tratamento leva o analista autêntico invariavelmente a um questionamento de sua profissão e de sua disciplina. (p. 440)

A título metodológico, a única fonte primária sobre o assunto é o relato do caso, e sua leitura é sempre um *a posteriori*, está sempre aquém da experiência vivida pela dupla, em sua intimidade. É uma tentativa de colocar em palavras a complexa experiência analítica que se dá no plano do que Coelho Junior (2010) chama de corporeidade, compreendendo este termo como algo também da ordem do psíquico, como uma alternativa à oposição clássica corpo e mente, definida como sendo um campo de “experiências sensoriais, afetivas e significantes, mesmo que protossimbólicas” (p. 53). É nesse plano da corporeidade do analista e do paciente que são vividos e sentidos os processos transferenciais e contratransferenciais. O objeto de estudo da presente pesquisa é o relato de um caso, que se refere precisamente a essa experiência de uma co-corporeidade, em que não haveria a ideia de uma unidade fechada em si mesma, como propõe Coelho Junior (2010):

Sugiro, portanto, que passemos a pensar o fundamento do campo analítico como uma co-corporeidade, um tecido material e energético, móvel e instável, movido por forças pulsionais mensageiras e marcado por interferências de intensidades internas e externas, constituindo um campo de forças e protossentidos. Não há como expulsar a dimensão pulsional da corporeidade, tampouco o Eu e o inconsciente. Mas também não há como negar a dimensão relacional. Prefiro co-corporeidade a intercorporeidade porque entendo que a ênfase não deve se situar no “entre” corporeidades, mas sim na ideia da copresença de duas corporeidades, que já trazem em si o Eu e o outro. *Co-corporeidade que não é uma unidade indiferenciada, mas a presença de duas corporeidades em que cada uma é mais do que uma unidade fechada em si, é sempre a simultaneidade do dois e do um, de certo nível de diferenciação e de indiferenciação* [itálicos nossos]. (p. 59)

Há uma complexidade inerente ao texto de um relato de caso, pois o leitor lê apenas uma versão dos eventos que se passam nesse plano, e essa narrativa é permeada de elaborações do analista. Além disso, não se pode menosprezar o papel do leitor: um relato publicado para a comunidade psicanalítica conta com a reação de seus interlocutores, cuja repercussão esperada influencia notadamente a construção desse tipo textual.

O relato do caso tem um caráter *a posteriori*, ou seja, seria um segundo momento, um segundo nível da experiência, que apresenta um aspecto positivo, como ressalta Loffredo (2002), pois o analista, diante da escrita, deixa-se:

impregnar pelas *impressões* deixadas pelo paciente e pela relação entre ambos. Como uma câmara de ressonância ao diálogo ocorrido recentemente, vai passar da palavra ouvida, da imagem sonora, isto é, da escuta, para a palavra escrita. O analista estaria colocado numa posição, de certa forma, aparentada à atenção flutuante, num segundo tempo desse procedimento-atitude, para que as impressões emergjam da memória e possam ir produzindo, gradualmente, *Gestalten* significativas. É neste segundo tempo de “ressonância e discernimento” que se recorta um espaço privilegiado de convívio do *clínico* com o *metapsicológico*. (p. 184)

A intenção de Freud diante dos impasses em suas experiências clínicas não foi diferente: era o ponto de partida para as elaborações teóricas bem como para o método de tratamento. O que se verifica é que há uma checagem e estimulação recíprocas entre teoria e clínica a todo momento, em que ambas se influenciam numa via de mão dupla. Como destaca Loffredo (2004), no debate intitulado “Ler Freud: apreensões em torno do originário”, publicado pelo *Jornal de Psicanálise*, o método alimenta a produção teórica, e esta, por sua vez, dá ao método o estatuto que ele tem. A partir do que Prado Jr. (2000) ressalta, de que desde a elaboração da “Interpretação dos Sonhos” (Freud, 1900a[1989]/1996) há uma subversão da produção teórica freudiana, quando a interpretação dos sonhos precede e fundamenta a construção teórica, Loffredo afirma que “a teoria submete-se ao método do qual se deriva, num movimento permanente através do qual a teoria se corporifica e se checa, simultaneamente, por meio do método” (Loffredo et al., 2004, p. 12).

No entendimento de Schneider (1993), desde o nascimento do método catártico, fruto da experiência de Breuer e Freud com as histéricas, não há como dissociar a prática da teoria, como ressalta a respeito desse momento histórico: “Caminho etiológico, caminho terapêutico e caminho epistemológico nascem um do outro como por acréscimo, já que o procedimento da narrativa é primitivamente aplicado sem intenção de cura ou conhecimento” (pp. 35).

A experiência de Freud com o Homem dos Lobos tornou-se um marco para o desenvolvimento da metapsicologia pelo amplo conjunto de formulações teóricas que ela suscitou. Em suas notas introdutórias ao relato, Strachey (1996b) afirma que esse foi o mais elaborado e, sem dúvida, o mais importante de todos os casos clínicos de Freud. O editor destaca a relevância que tivera a análise do jovem russo para a produção teórica, sendo diretamente citado em artigos como “A repressão” (Freud, 1915c/2010), “Inibição, sintoma e angústia” (Freud, 1926/2014) e “Análise terminável e interminável” (Freud, 1937a/2018). Além disso, o caso foi um forte argumento para contestar o pensamento de outros psicanalistas, como ocorreu com Jung, uma vez que, com tal publicação, refuta qualquer possibilidade de negação da

sexualidade infantil, bem como para se contrapor às hipóteses de Adler sobre o protesto masculino.

As questões relativas ao erotismo anal do jovem russo serviram de estímulo para a formulação do artigo “Sobre transformações dos instintos, em particular no erotismo anal” (Freud, 1917/2010). O editor inglês considera que o caso foi ainda mais importante para o esclarecimento teórico da organização oral da libido, que foi primeiramente mencionada na terceira edição de “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (Freud, 1905a/2016), cujo prefácio data de outubro de 1914, precisamente o mês em que Freud redigiu o relato. A organização oral da libido foi um disparador para outros importantes conceitos e considerações metapsicológicas:

Parece provável que o material ‘canibalístico’ revelado nessa análise tenha desempenhado um papel importante na preparação do caminho para algumas das mais significativas das teorias de que Freud se ocupava nesse período: *as interconexões entre incorporação, identificação, a formação de um ideal do ego, o sentimento de culpa e os estados patológicos de depressão* [itálicos nossos]. (Strachey, 1996b, p. 18)

Essas articulações teóricas aparecem em “Totem e tabu” (Freud, 1913[1912-1913]/2012), em “Introdução ao narcisismo” (Freud, 1914b/2010) e são retomadas em “Luto e melancolia” (Freud, 1917[1915]/2011). O editor acrescenta também que a principal descoberta clínica talvez tenha sido a de revelar a evidência dos impulsos femininos primários na neurose e o marcante grau de bissexualidade presente no analisando. A concepção da bissexualidade já era conhecida, mas ganha maior destaque na teoria psicanalítica: sua ocorrência passa a ser considerada universal e é consolidada a existência do complexo de Édipo negativo, exposto mais claramente alguns anos depois em “O Eu e o id” (Freud, 1923c/2011).

Todos esses textos contribuem imensamente para fomentar a discussão daquilo que é próprio à clínica. Para Fédida, “a qualidade de um texto metapsicológico está no fato de ser sempre muito claro, de abrir a liberdade para pensar. Ele fala ao psicoterapeuta ou ao psicanalista em sua prática, lida com as dificuldades que essa prática comporta” (1988, p. 26). É certo, portanto, que teoria e prática caminham juntas, e o caso do Homem dos Lobos é reconhecidamente um marco dessa via que se retroalimenta. A partir de seu impasse, Freud realiza avanços teóricos que lhe permitiram articular, além das questões indicadas por Strachey (1996b), outras que são próprias à virada metapsicológica dos anos 1920, relativas à pulsão de

morte¹, à repetição, ao indiferenciado e ao inquietante retorno ao ventre materno. Não podemos deixar de mencionar o estímulo para pensar a prática, uma vez que foi com o Homem dos Lobos que Freud fez a primeira aplicação da técnica ativa, estipulando o prazo para o término da análise, assim como utilizou-se largamente das construções em análise, que voltaram a ter centralidade no debate presente no excelente texto de sua maturidade “Construções em análise” (Freud, 1937b/2018).

Com o intuito de estudar o impasse que estanca o processo de análise, mas que, ao mesmo tempo, pode contribuir para as formulações metapsicológicas, faz-se necessário delimitar o termo. Para tal, a formulação a que chega Etchegoyen (2004), a partir de um minucioso estudo sobre o tema, pode ser elucidativa:

o impasse psicanalítico é um conceito técnico, comporta uma detenção insidiosa do processo, tende a se perpetuar, o *setting* conserva-se em suas constantes fundamentais, sua existência não salta aos olhos como resistência incoercível ou erro técnico, tem suas raízes na psicopatologia do paciente e envolve a contratransferência do analista. (p. 440)

O impasse diz respeito à relação transferencial e para que ele se configure deve haver a contribuição tanto da psicopatologia do analisando quanto da contratransferência do analista. Portanto, para estudar esse beco sem saída, foi necessário retomar alguns dos principais eventos da história clínica do caso, para então iluminar a qualidade da relação estabelecida entre Freud e o Homem dos Lobos, que se mostrou intensamente ambivalente, permeada de *amor* e *ódio*, considerando-se a polissemia que esses termos admitem.

Esses afetos, de amor e ódio, estão presentes no processo de constituição do Eu, no contexto das relações narcísicas e fusionais. O ódio tem um papel essencial na constituição de si, formando uma barreira entre o externo e o interno, com o desenvolvimento da noção de uma certa individualidade, separada do outro. Por outro lado, a agressividade pode vir a oferecer uma resistência contra uma posição passiva diante do outro que, justamente, contribui para a formação da instância psíquica do Eu. Já a via do amor colabora com a identificação e a relação com o semelhante, que tomará parte no processo de formação das instâncias psíquicas, como

¹ O termo “pulsão” é utilizado neste trabalho no sentido do termo alemão *Trieb*, embora a palavra “instinto”, usada pelo tradutor de Freud na edição da Companhia das Letras, deva aparecer nas citações e nos nomes dos títulos das obras. Para maiores esclarecimentos Souza (2010a) e Hanns (1996, 1999, 2004) desenvolvem o tema.

bem pode representar um aspecto temeroso e perigoso de uma mistura sem barreiras e proteção, diante da qual se recorre a saídas defensivas.

No primeiro capítulo, veremos como houve uma imediata fascinação do russo por seu analista vienense, em uma sede de submissão que convivia com uma enorme resistência à posição passiva, permeada de agressividade. Na cena inaugural da análise já se revelam palavras de ódio que ameaçam o analista, lidas como marcantes traços de sua sintomatologia anal. Toda essa dinâmica será o pano de fundo para uma reflexão sobre o papel do pai como modelo estruturante da instância egoica, nos conduzindo à problemática da idealização e da sublimação. Por fim, há uma breve discussão sobre a repetição, a transferência, a sugestão, bem como a construção em análise.

No segundo capítulo, aborda-se a primeira neurose do Homem dos Lobos, que se expressou num sintoma característico da fase oral: uma recusa a alimentar-se que se somava a um medo de morrer. Tal sintoma manifestou-se na transferência, tanto no medo de ser devorado pelo analista, como em suas próprias ameaças de devorar Freud quando se encontrava em dificuldades. Além da oralidade, seu adoecimento narcísico, tal como descrito por Freud (1918[1914]/2010), nos remeterá à problemática melancólica, caracterizada pela impossibilidade de realizar o luto pela perda do objeto, que vem a se incrustar no Eu (Freud, 1917[1915]/2011). Nesse sofrimento, ressalta-se a marcante presença da ânsia por amor, já destacada no Manuscrito E (Masson, 1986), e do ódio que, ao ser projetado, retorna com o sentimento de não ser amado (Abraham, 1911/1970).

No terceiro e último capítulo, tematiza-se a remodelação da cena primária, que foi o foco do último período da análise com Freud. Destaca-se a presença da bissexualidade e das fantasias de incesto, na busca pelo retorno ao ventre materno diante de uma angústia mais arcaica de separação e aniquilamento. Chega-se à hipótese de que um dos prováveis pontos de parada do trabalho analítico teria ocorrido devido à valorização de Freud pela identificação com o pai e pelo *medo* da castração, em detrimento da identificação com a mulher e do *desejo* de castração em seu analisando. Além disso, o desejo de união incestuosa por parte do russo também não teria sido reconhecido por Freud. Com isso, não teria sucedido um encontro que reverberasse tais ânsias, de amor homossexual com a figura do pai e de desejos incestuosos relacionados à mãe, impossibilitando, portanto, que as palavras do analista ecoassem no jovem, promovendo a elaboração, e facilitando, assim, a separação.

Nas considerações finais, serão retomados os principais achados teóricos de cada capítulo, articulando-os à história clínica do Homem dos Lobos, para então destrinchar aspectos do impasse que possam contribuir para pensar as questões que a clínica nos coloca.

Serguei Konstantinovitch Pankejeff

Serguei Konstantinovitch Pankejeff (1886-1979) nasceu na Ucrânia e foi criado com sua irmã Anna, em Odessa, por três governantas (Gruscha, Nania e Miss Owen) e alguns preceptores, no seio de uma família da rica aristocracia rural com grave histórico de doenças psicológicas: “Sua mãe, afetada por diversos distúrbios psicossomáticos, preocupava-se exclusivamente com sua saúde, enquanto o pai, depressivo, levava a vida ativa de um político conhecido por suas opiniões liberais” (Roudinesco, 1998, p. 564).

O Homem dos Lobos – apelido com o qual Freud denomina Pankejeff e que será adotado por ele em lugar de seu nome próprio, por exemplo, quando respondia ao telefone (Obholzer, 1982) – teve uma longa história de adoecimento e passou por vários tratamentos. Ao chegar a Viena para se consultar com Freud, em janeiro de 1910, estava “totalmente incapacitado para a vida e dependente dos outros” (Freud, 1918[1914]/2010, p. 14). Naquele momento já havia sofrido duas grandes perdas: a da irmã e a do pai. Anna, dois anos mais velha que ele, suicidou-se em 1905, quando ele tinha apenas dezoito anos. Ela foi uma personagem central em sua história: quando ele contava com pouco mais de três anos, sua irmã o seduzira, induzindo-o a práticas sexuais – ela supostamente também teria sido seduzida por seu próprio pai. Além disso, o menino sentia ciúmes dela em função da predileção de seu pai pela inteligência e astúcia da menina. O pai de Serguei, Konstantin Pankejeff, decidiu homenagear a memória de sua filha abrindo um hospital para problemas nervosos com o nome dela. Dois anos após o suicídio da irmã, foi a vez de seu pai encerrar a própria vida. Aos cinquenta anos de idade, ele se deparou novamente com o suicídio, dessa vez, o de sua esposa.

Outros membros da família sofreram de problemas psíquicos. O avô paterno de Serguei morreu alcóolatra e sua mulher, Irina Petrovna, sofreu de depressão depois da morte de sua filha, tendo supostamente se suicidado. Um tio paterno, Pierre, desenvolveu um delírio paranoico, foi internado e, depois de morrer, Serguei herdou sua fortuna. Dois primos maternos

que viviam com os Pankejeff foram tratados por esquizofrenia por Moshe Wulff (Borch-Jacobsen, 2011). Wulff, nascido em Odessa, foi o primeiro médico a praticar psicanálise na Rússia (Roudinesco, 1998).

Aos dezoito anos de idade, depois de se relacionar com uma mulher, contraiu gonorreia e adoeceu gravemente com acessos de depressão. Passou por diversos sanatórios, clínicas de repouso e termas medicinais e se tratou com diversos psiquiatras de renome – Bekhterev, em São Petersburgo, que utilizou a hipnose; Ziehen, em Berlim; e Kraepelin, em Munique, que emitiu o diagnóstico de psicose maníaco-depressiva. Foi lá que conheceu Teresa Keller, uma mulher divorciada e mais velha que ele, que veio a ser sua esposa, apesar da oposição de sua família em função de sua modesta condição social – ela também veio a se suicidar em 1938, gerando um período de crise no russo. Depois dessas viagens, de volta a Odessa, Pankejeff consultou um dos primeiros psicanalistas russos, Leonid Droznes, que logo decidiu levá-lo a Viena para se tratar com Freud. Este o trata como um neurótico obsessivo e considera o caso como uma seqüela de neurose obsessiva mal curada na infância:

a sua infância havia sido dominada por um grave distúrbio neurótico, que teve início logo antes de seu quarto aniversário, como uma histeria de angústia (zoofobia), transformou-se em neurose obsessiva de conteúdo religioso e prolongou-se, com suas ramificações, até os dez anos de idade. (Freud, 1918[1914]/2010, pp. 14-15)

Apenas em 1971, Serguei Konstantinovitch Pankejeff revelou sua verdadeira identidade ao publicar “The memoirs of the Wolf-Man” e “My recollections of Sigmund Freud” no livro organizado por Muriel Gardiner² (1971), cujo título é *The Wolf-Man by the Wolf-Man*, que contém também uma introdução de Anna Freud, os relatos do caso por Freud e Brunswick e textos de Gardiner. A obra foi publicada quando o russo contava com 84 anos e já haviam se passado mais de quarenta anos das publicações de seus dois analistas: o de Sigmund Freud, de 1914, mas que fora publicado somente depois da 1ª Guerra Mundial, em 1918; e o de Ruth Mack-Brunswick, publicado em 1928. Dos casos que foram publicados por Freud, esse foi o

² Muriel Gardiner (1901-1985), psiquiatra e psicanalista americana, militante do antifascismo e dos direitos da mulher, fez análise com Brunswick e foi em seu consultório que conheceu o Homem dos Lobos, “que lhe deu aulas de russo e com quem simpatizou a ponto de analisá-lo” (Roudinesco, 1998, p. 289). Entusiasta do movimento psicanalítico, criou a New-Land Foundation, que contribuiu para a compra e publicação das correspondências de Freud, especialmente com Eduard Silberstein, e para a criação do Freud Museum. “Na mesma perspectiva, Muriel Gardiner continuou a se interessar pelo Homem dos Lobos, ajudando-o financeiramente e fazendo com que redigisse suas memórias, que foram traduzidas para o mundo inteiro” (Roudinesco, 1988, p. 290).

único que ganhou um testemunho escrito pelo analisando em primeira pessoa. É um relato impactante, que revela profundo conhecimento psicanalítico e extraordinário poder de análise.

Capítulo 1 – Analidade: entre fascinação e agressão

O impasse como potência

O impasse na análise de Freud com Pankejeff sobreveio quando o jovem russo, depois de apresentar algumas mudanças, permaneceu entrincheirado, em uma postura de dócil indiferença, com enorme receio de uma vida autônoma. Freud (1918[1914]/2010) faz uma descrição bastante precisa de como o impasse sucedeu:

O paciente de que me ocupo permaneceu muito tempo entrincheirado, inatacável, detrás de uma postura de dócil indiferença. Ele escutava, entendia, e não permitia que nada se aproximasse. Sua impecável inteligência estava como que desconectada das forças instintivas que dominavam seu comportamento, nas poucas relações que lhe restavam da vida. Foi preciso uma longa educação para movê-lo a participar *autonomamente* do trabalho [analítico], e quando em decorrência desse esforço vieram as primeiras liberações, ele imediatamente cessou o trabalho, a fim de evitar outras mudanças e manter-se comodamente na situação criada. *Seu receio de uma existência autônoma era tão grande que sobrepujava todos os tormentos da doença.* Para vencê-lo houve apenas um caminho. Tive de esperar até que a ligação à minha pessoa se tornasse forte o bastante para contrabalançá-lo, e então joguei este fator contra o outro. Determinei, não sem me orientar por bons indícios de oportunidade, que o tratamento tinha que findar num determinado prazo, não importando até onde tivesse chegado; prazo este que eu estava decidido a cumprir. O paciente acreditou afinal em minha seriedade. Sob a pressão inexorável desse limite de tempo, sua resistência, sua fixação na enfermidade cedeu, e num período relativamente curto a análise forneceu todo o material que possibilitou o levantamento das inibições e a eliminação dos sintomas [itálicos nossos]. (pp.18-19)

Apesar de pouco estudado e mencionado na literatura psicanalítica, o impasse é discutido por alguns autores, como é o caso de Glover (1955), em seu livro *The technique of psychoanalysis*, sob as designações de *analytic stagnation* e *stalemate analysis*. Outro autor que analisou o tema foi Rosenfeld (1987), em seu último livro *Impasse e Interpretação*, no qual considera, por exemplo, que alguns impasses sobrevêm após a análise ter feito bons progressos e decorrem de ataques destrutivos por parte do analisando, como expressão de uma inveja oculta pelo sucesso. Esse tipo de reação faz parte das chamadas reações terapêuticas negativas, como foram descritas em “O Eu e o Id” (Freud, 1923c/2011).

Em longas análises, no momento em que um impasse está ameaçando se instalar, o analista frequentemente se depara com problemas na *contratransferência*, que o impossibilitam de escutar o analisando, e isso o leva a fazer uma avaliação errada da situação. Decorrem

interpretações enviesadas que acabam por provocar uma reação desastrosa no analisando e, com a deterioração da relação da dupla, configura-se um *impasse total* (Rosenfeld, 1987).

A partir de um minucioso levantamento na literatura psicanalítica, Etchegoyen (2004) define o impasse como sendo uma interrupção no processo de análise, que até então vinha acontecendo e, como um beco sem saída, é uma situação que não avança nem retrocede e que tende a se perpetuar, desde que o *setting* se mantenha em suas condições gerais. A origem do impasse não se encontra somente do lado do analisando, em sua resistência, sendo sua psicopatologia apenas um dos fatores que contribuem para a situação. Se fosse apenas uma resistência incoercível de sua parte, ela saltaria à vista, sendo mais claro o momento de sua aparição e, além do mais, o analista não se sentiria responsável pela situação. Por outro lado, caso fosse apenas um erro técnico da parte do analista, isso seria facilmente notado pela dupla ou por um terceiro convidado a opinar. Portanto, para que se configure a situação de impasse deve haver a contribuição de ambas as partes, do analisando e do analista.

O impasse tem um extraordinário potencial para levar o analista a questionar a eficácia de sua técnica, o valor do seu método e até mesmo sua profissão. Ele pode gerar reestruturações, como novos paradigmas dentro da disciplina ou ainda crises existenciais no próprio analista. Como exemplo, Etchegoyen (2004) cita o conceito de *repetição*, que se impõe em “Recordar, repetir e elaborar” (1914a/2010), seis anos antes do advento da pulsão de morte, pois a origem do conceito de repetição remonta às dificuldades que Freud encontrou na clínica para fazer seus analisandos progredirem – como certamente ocorreu com o Homem dos Lobos.

Nesse texto de 1914, a repetição ganha um espaço privilegiado na análise e, desde que bem manejada na transferência, onde se desenvolve em liberdade, será de suma importância para o advento da recordação. Como uma zona intermediária entre a doença e a vida, a repetição é uma transição necessária, uma vez que é somente a partir dela, dessa doença artificialmente produzida, que o analista pode exercer alguma influência. É então que se alcança o ponto crucial da elaboração, no auge dessa repetição e resistência, que inevitavelmente devem ser vivenciadas pela dupla e que demandam uma enorme quantidade de tempo:

Na prática, essa elaboração das resistências pode se tornar uma tarefa penosa para o analisando e uma prova de paciência para o médico. *Mas é a parte do trabalho que tem o maior efeito modificador sobre o paciente, e que distingue o tratamento psicanalítico de toda a influência por sugestão. Teoricamente pode-se compará-la com a “ab-reação” dos montantes de afeto retidos pela repressão, [ab-reação] sem a qual o tratamento hipnótico permanecia ineficaz [itálicos nossos].* (Freud, 1914a/2010, p. 209)

Não causa surpresa, portanto, que o período final da análise de Pankejeff coincide com a publicação desse texto: os afetos somente poderiam ser elaborados no auge da repetição que se dá na relação transferencial. Etchegoyen (2004) arrisca-se a dizer que “o impasse é, precisamente, a meu ver, o *negativo da elaboração*: quando se detém a elaboração, surge o impasse” (p. 441). Porém, tal distinção não seria tão clara, pois a repetição não só estaria do lado da elaboração, mas também do impasse.

Tal confusão ocorreria, por exemplo, no período que antecede o final da análise, em que tudo parece se estancar, quando os sintomas se repetem e vigoraram de forma exacerbada. Só que nessa última repetição, os sintomas poderiam ser elaborados mais uma vez e se desenvolveriam de uma maneira muito positiva, como pondera Rosenfeld (1987).

Portanto, resta a dúvida: em que momento o retorno dos mesmos problemas não é mais uma elaboração, mas se configura num impasse? Etchegoyen (2004) pondera que o fator temporal é fundamental, pois quando as repetições voltam a acontecer ao longo dos períodos sem nenhuma mudança ou elaboração, permanecendo repetições idênticas, isso seria indicativo de um impasse e não de uma elaboração. Em suas palavras: “O fator temporal, a evidência de que as fases repetem-se idênticas a si mesmas, sem que se possa confiar mais em que o tempo as mude (elaboração), é o que, a meu ver, melhor denuncia o impasse” (p. 442). Completa que essa decisão cabe ao analista, só que nunca se sabe, ao certo, se ele a faz objetivamente ou sob a influência de um compromisso contratransferencial.

A configuração do impasse é difícil de ser delimitada, como compreende Etchegoyen (2004), pois “as deficiências metodológicas (e/ou técnicas) da psicanálise, a relação complexa (ou confusa) do impasse com o processo de elaboração e o compromisso contratransferencial, três fatores sempre presentes, fazem-nos duvidar quando formulamos o diagnóstico de impasse” (p. 441). O autor chega a questionar se, hoje em dia, Freud avaliaria que houve um impasse na análise do Homem dos Lobos, que durava havia três anos, ou se seria mais cauteloso, já que hoje sabemos que “três (quatro) anos de análise não bastam para resolver uma neurose tão grave quanto aquela que levou o paciente a uma crise psicótica, em 1926, e a sua reanálise com Ruth Mack Brunswick” (p. 441).

Pode-se levantar a hipótese de que a estagnação dessa análise, observada em seu entrenchamento, seria simplesmente uma repetição de sua vida pulsional indomável, ou seja, seria apenas uma resistência por parte do analisando. Na avaliação de Abraham e Torok (1986), o russo permaneceu inacessível em função de sua cripta, que acolhia, em segredo, violentas

forças pulsionais relacionadas à sedução de sua irmã. Para proteger sua cripta, ele não permitia a aproximação de nada, mantendo-se fechado em uma mesma situação, sem observar mudança alguma.

Se supomos que houve um impasse, é preciso considerar que, além da psicopatologia do jovem russo, o caso contribuiu para sacudir Freud não só no plano teórico, culminando na virada metapsicológica dos anos 1920, mas também no plano contratransferencial, sendo esta a opinião de Bokanowski (2002). Isso nos leva a sustentar a hipótese de um impasse, como delimitado acima por Etchegoyen (2004), em que há a contribuição tanto da psicopatologia do analisando como dos aspectos contratransferenciais do analista, e seguir com a investigação a respeito do que teria se passado no plano transferencial e contratransferencial daquela análise.

Para delimitar o que podemos compreender como contratransferência, Neyraut (1974) sugere que ela vai além do que seria a concepção tradicional de uma paixão do analista e deve ser tomada como contexto e como implicação. Ao contrário de atrapalhar a escuta e perturbar a serenidade do pensamento clínico, seu aspecto reativo é fundamental. A contratransferência não é somente uma exigência frente à transferência, mas frente a tudo o que é a situação analítica, de todas as ordens, e dentre elas, aquelas que vêm do analista mesmo, de suas exigências e seu próprio pensamento, adentrando uma teoria extensiva da transferência. Encontramos uma definição do que seria o plano contratransferencial nas palavras de Fédida (1988):

Eu sou da opinião de que se deve guardar a palavra contratransferência para designar uma posição disjuntiva do analista em relação à transferência do paciente sobre ele e em relação a uma transferência dele sobre o paciente. Então, para mim há três termos: a transferência do paciente sobre o analista, a transferência do analista sobre o paciente e a possibilidade disjuntiva – que define a posição do analista – de poder apreciar esse funcionamento inter-transferencial. Ser analista é estar nessa condição de disjunção (p. 60-61).

A contratransferência, portanto, é essencial para a compreensão do que se passa na análise, mas desde que o analista possa se assenhorar dela. Para Minerbo (2012), há um nível consciente da contratransferência que corresponde ao que o analista vive e reconhece que vive, uma vez identificado com o objeto interno do analisando. Há um outro nível inconsciente da contratransferência que diz respeito à posição identificatória que o analista ocupa sem o saber, em resposta a uma convocação transferencial. A contratransferência é a oferta da matéria psíquica do analista, que “tem de estar, ao mesmo tempo, no ‘palco’, oferecendo seu corpo-

alma para contracenar com o paciente, e na ‘platéia’, observando e reconhecendo *quem ele está sendo* naquele momento em resposta à transferência” (p. 124).

O que aconteceria numa situação de impasse seria justamente a apreensão do analista nessa posição contratransferencial sem a posição disjuntiva, como Fédida apresenta. Portanto, além da relação transferencial e contratransferencial, é relevante avaliar o vasto material das sessões, como descrito no relato do caso e em outras publicações às quais hoje se tem acesso. Para Echegoyen (2004), não se pode afirmar que estamos diante de uma situação de impasse levando-se somente em consideração a opinião do analisando, nem exclusivamente as impressões de contratransferência do analista, mas apenas se for incluído igualmente o que aparece no material analítico. O impasse só se diferenciaria de um processo de elaboração a partir do material das sessões, avaliado não no momento em que é vivido, mas posteriormente a ele.

Ora, talvez não seja fortuito que Freud tenha escolhido especificamente o caso do jovem russo para escrever e publicar, tornando assim o caso paradigmático no meio psicanalítico. A partir de um estudo sobre o processo de elaboração e construção de um caso clínico, Cyssau (1999) afirma que essa construção exploratória advém de um evento da clínica que provoca a teoria preexistente do analista. Considera que justamente a *repetição* – o foco da atenção de Freud em seu artigo de 1914, “Recordar, repetir e elaborar” (1914/2010) –, que aparece na escuta ao longo das sessões, traz em si a possibilidade do surgimento de algo diferente e que aponta para uma nova versão.

São as pequenas modificações naquilo que vinha se repetindo que permitem a percepção do sentido inconsciente, e, dessa maneira, o que poderia simplesmente ser chamado de erro torna-se a via de acesso ao inconsciente. Há um evento fortuito, acidental, que desarranja e perturba algo na escuta do analista, e, por vezes, também no analisando, e é precisamente nesse momento que se dá o advento de um *caso clínico*, que se assenta em uma verdade, não sobre a regra, mas sobre a exceção, não sobre a cognição, mas sobre o afeto. Ora, é precisamente a elaboração dos afetos que garantiria as mudanças psíquicas em uma análise (Freud, 1914a/2010).

É somente após a sessão que a atividade associativa do analista abre um outro ponto de vista, uma outra percepção sobre o relato do analisando, e coincide com a construção do caso. A acuidade da percepção é despertada no contato com o discurso do analisando, a certas partes dele, e a figurabilidade do analista tem um papel crucial nesse processo: a “construção

propõe uma figurabilidade que serve de animação onde a lacuna revela a inacessibilidade do esquecido” (Cyssau, 1999, p. 72)³. Ou seja, o analista é tocado pelo discurso do analisando e pela transferência, e ele constrói o caso a partir de sua percepção e de sua figurabilidade, com a participação de seus próprios conteúdos mnêmicos e de sua própria análise. Nas palavras de Cyssau (1999):

poderíamos dizer que a análise constrói o infantil do paciente, e nela o caso se constrói com o *infantil do analista*. Pois é bem no surgimento, a cada vez fortuito, de um tal encontro contratransferencial que o advento do caso deve a sua construção, uma construção que, em retorno, oferece à análise uma possibilidade de abrir a sua trilha [itálicos nossos]. (p. 68)

Em outras palavras, a escuta atenta do analista para aquilo que pode emergir como algo fortuito dentro de uma cadeia de repetições, provocando-o em sua teoria preexistente, levam-no a uma reflexão *a posteriori*, constituindo, assim, a base para o advento do caso clínico. Este, por sua vez, favorece o trabalho analítico, abrindo-lhe trilhas.

À medida que a construção de um caso clínico se dá a partir da repetição e do que pode se originar dela, bem como do que diz respeito aos afetos do próprio analista – que provocam sua teoria e a sua pessoa, e são justamente os responsáveis pela elaboração e mudança psíquica –, esse processo de construção do caso clínico, em um *a posteriori*, se aproxima do que é próprio do impasse e da elaboração, que sucede na relação transferencial e conta com a participação do infantil de ambas as partes. Ou seja, é da repetição, que aponta para um beco sem saída, que pode emergir algo de novo, de uma verdade inconsciente, que provoca mudanças psíquicas no analista e no analisando. É a partir do beco sem saída que pode advir a construção de um caso clínico, ou ainda uma reformulação na técnica ou uma elasticidade do *setting*, assim como uma nova teoria, favorecendo as reflexões sobre o exercício de nosso trabalho clínico.

Um encontro entre colaboradores

Como anteriormente citado, foi após um período inicial de envolvimento com o trabalho analítico que o Homem dos Lobos se fechou para qualquer eventual mudança: “*Seu receio de uma existência autônoma era tão grande que sobrepujava todos os tormentos da*

³ As traduções das citações que originalmente estão em língua estrangeira foram realizadas por mim.

doença” [itálicos nossos] (Freud, 1914[1918], p. 19). Para sair desse impasse, Freud esperou que a ligação do analisando a ele estivesse suficientemente forte para estabelecer uma data de encerramento da análise, o que foi considerada a primeira aplicação da técnica ativa, posteriormente desenvolvida por Ferenczi (1919/2011, 1924/2011)⁴. Tal ideia representava exatamente a perda da pessoa de seu analista, que lhe era tão cara, e que dominava todos seus sofrimentos.

A pressão do prazo levou o jovem russo a ceder e fornecer material suficiente para a compreensão de sua neurose infantil, o que muito interessou a Freud, pois contribuiria para o entendimento da neurose adulta. Digna de nota, como voltaremos a discutir mais adiante, é a maneira como o material foi oferecido a Freud, com bastante lucidez, similar ao que se observa na hipnose:

Desse último período do trabalho, em que a resistência desapareceu momentaneamente e o paciente deu a impressão de uma lucidez em geral obtida somente na *hipnose*, é que vêm todos os esclarecimentos que me permitiram a compreensão de sua neurose infantil [itálicos nossos]. (p. 19)

Como um presente, tais esclarecimentos deram a Freud um enorme poder de argumentação teórica frente a seus discípulos, principalmente Jung e Adler, que foram diretamente citados no escrito (Freud, 1918[1914]/2010). Com a publicação do caso, o Homem dos Lobos ganhou notoriedade no meio psicanalítico, despertando um enorme interesse dentro da comunidade, pois o caso foi alvo de diversos debates tanto durante o período de vida Pankejeff, quanto depois de sua morte. Para citar alguns, Eissler (1980), então secretário dos Arquivos Freud, registrou os encontros que teve com o russo e concedeu o material para essa instituição, sendo que alguns deles ainda estão fechados para consulta até 2020 (Borch-Jacobsen, 2011); o resultado do teste Rorschach aplicado em Pankejeff por Frederick Weil, em 1955, veio a ser publicado por Blum (2013) no *International Journal of Psychoanalysis*.

⁴ Ferenczi (1919/2011) afirma, em “Dificuldades técnicas de uma análise de histeria”, que a psicanálise pode dispor, além da observação e da interpretação, da chamada *técnica ativa*. A função deste artifício seria a de “barrar as vias inconscientes e habituais de escoamento da excitação e de obter por coação o investimento pré-consciente, assim como a versão consciente do recalco” (p. 7). Mezan (2014) aponta que essas proibições teriam a finalidade de canalizar a libido para o processo analítico e, posteriormente, para a zona erógena genital, desvinculando a libido das formas cristalizadas de satisfação sintomáticas. Ferenczi (1924/2011), em “Fantasias provocadas”, amplia a noção da técnica ativa que, incidindo sobre o material associativo, convoca o analisando a produzir fantasias, principalmente em relação à situação transferencial.

No entanto, para além do interesse teórico, é possível interrogar se tal material fornecido teria sido suficiente para o que Freud chamou de cura⁵ e eliminação dos sintomas: “Eu lhe dei alta, *curado*, a meu ver, poucas semanas antes da inesperada irrupção da Guerra Mundial” [itálico nosso] (Freud, 1918[1914]/2010, p. 160). Pankejeff (1971) escreveu em seu relato que se sentia mais como um colaborador do que como um analisando, como o mais jovem camarada de um experiente explorador no estudo de um terreno a ser descoberto. Possuía especial desenvoltura sobre a incipiente psicanálise, como se percebe em seu próprio relato, permeado de frases como: “essa nova terra é o reino do inconsciente, sobre o qual o neurótico perdeu o domínio que ele agora procura, por meio da análise, recuperar” (p. 140).

Além de deter um profundo conhecimento sobre a maneira como seu analista trabalhava a teoria, mostrando-se sempre disposto a rever suas formulações quando fosse necessário, tinha também intimidade com o seu método: “se uma de suas hipóteses não era confirmada pelas associações e sonhos do paciente, ele imediatamente a abandonava” (Pankejeff, 1971, p. 144). Estava especialmente atento às reações de Freud diante desse seu conhecimento e percebia como o analista se sentia orgulhoso disso, pelo que se conclui das seguintes palavras proferidas por Freud e guardadas pelo russo: “seria bom se todos os pupilos pudessem alcançar o entendimento da natureza da psicanálise tão sólido” (p. 140).

No entanto, ao invés de contribuir para o andamento da análise, essa agradável cooperação pode muito bem ter agido como um obstáculo a ela. Freud teria percebido tal resistência, pois quando o analista russo Moshe Wulff lhe pergunta em 1912 como caminhava a análise de Pankejeff, ele responde: “Mal – e você sabe por quê? O jovem é muito simpático comigo” (Borch-Jacobsen, 2011, p. 138). Dado o interesse teórico de Freud pela neurose infantil e o esforço do analisando em colaborar com tal investigação, é possível supor que o trabalho teria se convertido mais em um ambiente de trocas intelectuais que viriam a ajudar Freud no debate com os colegas.

Esse caso foi precisamente paradigmático dentre aqueles que visam tanto a um objetivo terapêutico quanto teórico (Offenkrantz, 1973). A percepção da intensa relação de Freud com a teoria e com os colegas de profissão teria sido, inclusive, objeto de transferência

⁵ Anos mais tarde, na obra freudiana, fica evidente no texto “Análise terminável e interminável” (Freud, 1937a/2018) que não há como afirmar a existência de uma *cura* completa, apesar de Freud usar o termo diversas vezes em seus escritos, ou uma análise terminável: “Cada analista deveria, periodicamente – a intervalos de cinco anos, digamos –, submeter-se de novo à análise, sem sentir vergonha por tal decisão. Isso significaria, portanto, que também a análise de si mesmo passaria de tarefa terminável a *interminável*, não apenas a análise terapêutica do paciente” [itálico nosso] (p. 321).

para a fantasia da cena primária: o russo teria se entusiasmado e se angustiado diante da relação de seu analista com os pares, o que bem poderia ser fruto da transferência de sua reação diante da cena primária ao ver o interesse de seus próprios pais um pelo outro, enquanto ele era excluído do prazer compartilhado. Com isso, mais do que um analisando, ele seria antes um rival pelo controle da psicanálise entre 1910 a 1914 (Johnson, 2001).

Com relação às dificuldades em acessar o analisando, Joseph (1975/1989) empreendeu um valioso estudo tomando em consideração um grupo de casos seus, diversos em suas psicopatologias, que tinham em comum o fato de aparentemente cooperarem com o trabalho analítico, ao mesmo tempo em que não se mostravam exatamente acessíveis utilizando-se apenas de interpretações. Haveria neles uma cisão da personalidade, que mantém parte do Eu distante do analista e destrutivamente evita qualquer contato real, deixando a outra parte ainda mais carente e suscetível. É curioso que tal distanciamento é dificilmente percebido, uma vez que há respostas para as interpretações e discussões de interpretações prévias, fazendo com que a análise pareça fluir com compreensão, apreciação e melhoras. No entanto, tais analisandos estariam se dirigindo ao analista apenas como discípulos, ou aliados superiores, tentando ajudar com sugestões, correções ou referências a histórias pessoais.

Depois de alcançar algum *insight*, estabelecer um contato e diminuir a onipotência, o progresso é, então, bloqueado por certa passividade. Na contratransferência, tudo parece um pouco fácil, agradável e sem conflitos, e quando surgem são rapidamente dissipados. Entretanto, parece que nada vai acontecer se ninguém disser nada e tudo parece estar morto, o que leva o analista a sentir que precisa fazer uma pressão para que o analisando fale ou responda – nesse sentido, não causa surpresa que a primeira aplicação da técnica ativa foi com Pankejeff.

Tecnicamente, Joseph considera que o analista deve estar atento à identificação projetiva para levá-la adiante, experimentando partes do analisando que ele ainda não teve acesso, e é fundamental interpretar precisamente sobre esse processo atuado em vez do conteúdo discutido. A situação transferencial deve ser trabalhada e pode ficar turva caso o analista seja manipulado, parta para a ação ou se convença a juntar-se à discussão pseudoanalítica, o que reforça o afastamento da parte do Eu já afastada da análise.

Como Abraham e Torok (1986) argumentam, Pankejeff teria mantido dois mundos separados por meio de uma dupla identidade, baseando-se na hipótese de que o russo teria mantido em segredo, em sua cripta, o testemunho de um ato incestuoso ocorrido entre seu pai e sua irmã. Corrobora essa hipótese uma passagem do relato do caso que descreve a visita que

os irmãos fizeram ao pai numa casa de saúde, e este deu duas notas grandes de dinheiro somente para a irmã:

Em sua fantasia, ele sempre suspeitara do pai com a irmã; naquele instante seu ciúme despertou, ele precipitou-se sobre a irmã, quando estavam a sós, e exigiu sua parte do dinheiro com tal arrebatamento e tais recriminações, que ela lhe jogou tudo chorando. Não tinha sido apenas o dinheiro real que o irritara, mas antes de tudo a criança, a satisfação sexual anal pelo pai. Com esta ele pôde então se consolar, quando – o pai ainda vivo – morreu a irmã [itálicos nossos]. (Freud, 1918[1914]/2010, p. 111)

Conservando o ato incestuoso em segredo e ainda considerando que o que teria se passado com a irmã teria acontecido também com ele, sobrevém um grande medo de si e de seus próprios impulsos para denunciar. O resultado é a criação de um mundo secreto e mágico, que não o obriga a trair ninguém, mas que representa sérias dificuldades para a análise e para a busca pela verdade.

Ponderando sobre o caso do Homem dos Lobos, Khan (1971) também argumenta a favor de uma reação de defesa que se utiliza da dissociação e cisão, e leva a um falso *self*, que retrospectivamente pode ser visto como uma neurose obsessiva. O russo teria internalizado objetos e fantasias de forma rígida e, com uma negatividade frente a novas experiências e relações de objeto, seguiria vivendo em um mundo fechado e irreal. Portanto, não era receptivo nem estava disposto a se relacionar.

No entanto, adverte Khan (1971) que há um paradoxo, pois Pankejeff se mostrava, ao mesmo tempo, ligado e dependente e o analista seria alvo das projeções de um objeto internalizado, uma vez que o último não seria visto como alguém separado. O resultado dessa dinâmica complexa é uma alienação diante dos outros e de si que não permite o estabelecimento de uma identidade. Poderíamos muito bem admitir que havia uma maturidade, se considerássemos apenas a destreza e a inteligência, mas, o que teria ocorrido é efetivamente um desenvolvimento precoce do funcionamento mental, que o protegia de uma ameaça de aniquilamento. Importante notar que nesses casos haveria essa angústia de aniquilamento e não uma angústia de castração, sendo que para que ocorresse uma angústia dessa última ordem, deveria antes ter ocorrido uma diferenciação em uma entidade separada, que, ao se constituir, poderia sentir a ameaça a somente uma parte do corpo, ou seja, uma angústia de castração.

Outro autor que compartilha desse ponto de vista a respeito de Pankejeff é Mahony (1992), que evidencia a presença de um falso *self* que coopera com o analista, sem que a análise verdadeiramente progrida ao proteger uma frágil configuração da personalidade e uma vulnerabilidade narcísica. Em suma, no sofrimento do jovem estariam presentes “impulsos indomáveis, falta de integração do ego, organização de um falso *self*, relações objetais danificadas, defeitos a partir de uma fase de separação-individuação mal resolvida e falta generalizada de organização coerente da personalidade” (p. 66). Nesse caso, parte do *self* poderia, sim, falsamente cooperar com Freud, “e procurar até encontrar evidências confirmativas nas livrarias; uma outra parte era cética e basicamente impenetrável” (p. 146).

Das articulações acima, não somente Pankejeff cooperava com seu analista para a construção da nova disciplina teórica, como o próprio Freud teria privilegiado aspectos que poderiam favorecê-lo no embate metapsicológico travado no meio psicanalítico, em detrimento de uma verdadeira elaboração dos afetos que provocaria mudanças psíquicas.

A abertura da análise

Para discutirmos o impasse que ocorreu na análise, que deve incluir o que teria se passado também do lado do analista, é necessário retomar algumas ocorrências de sua história clínica e, principalmente, do início do tratamento. Esse momento inaugural é crucial na opinião de Fédida (1988), e o cerne da questão é o motivo pelo qual o analista decide tomar um analisando para começar um trabalho. Isso pode ser positivo sob a condição de que o analista encontre discernimento para seu próprio sentimento e reconheça a individualidade do analisando: que ele “encontre esclarecimento para a associação entre esse paciente e talvez pessoas de sua vida pessoal a quem teve amor. O paciente detecta isso muito rapidamente. Ele deixa transparecer o sentimento de não poder ser reconhecido por si mesmo” (p. 60). Para isso, o analista deve se colocar a questão de qual é a posição do analisando para si mesmo.

No momento em que o russo chega para se consultar com Freud, este aceita tratá-lo, mas não sem rodeios. Notícias desse episódio encontram-se em uma carta de Freud endereçada a Ferenczi⁶, datada de 8 de fevereiro de 1910:

⁶ Para Freud, Ferenczi ocupava um lugar de destaque entre os discípulos da época, como revela uma carta de Freud a Jung, datada de 2 de fevereiro de 1910: “Ferenczi foi um bálsamo para mim no último domingo; finalmente uma chance de falar das coisas mais próximas do meu coração” (Macguire, 1974, p. 291).

A nossa conversa também me renovou bastante. Depois de um dia de trabalho, estou escrevendo o Leonardo [da Vinci] e já estou na décima página. Minha câimbra de escritor tem melhorado sensivelmente. Em consequência da enfática advertência feita pelo Sr. para que eu me conceda algum repouso, aceitei um novo paciente de Odessa, um jovem muito rico com sentimentos compulsivos – ainda assim, estou mais eficiente do que nunca. Meu amigo Rie – a quem havia encarregado de cuidar de meu caecum [segundo nota das tradutoras brasileiras, “em latim no texto: ceco, a primeira parte, a parte mais grossa do intestino”] – afirma que minha doença é uma inflamação e considera que o perigo de morte iminente é bastante improvável, mas exige que eu vá a Karlsbad. (Freud & Ferenczi, 1994, p. 195)

Como se pode notar, o novo analisando é recebido em obediência à enfática advertência de seu discípulo-confidente para que descanse de sua intensa produção teórica. Na época, o estudo da vida do famoso pintor o levou a redigir “Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci” (Freud, 1910/2013), que certamente contribuiu para importantes considerações teóricas, a exemplo da homossexualidade como o modelo para a escolha narcísica de objeto. Com o novo analisando não foi diferente, uma vez que este o mobilizou a articular importantes conceitos metapsicológicos – como, por exemplo, a organização oral da libido, a identificação, a formação do ideal do Eu e os estados depressivos (Strachey, 1996b). Além disso, está presente no relato do caso a noção do *conceito inconsciente* ligado à equação simbólica, posteriormente desenvolvido no texto “Sobre transformações dos instintos, em particular no erotismo anal” (Freud, 1917/2010). A importância da bissexualidade e o complexo de Édipo duplo, com a evidência dos impulsos femininos primários na neurose, também estavam evidentes no relato. Por fim, não podemos deixar de mencionar as inovações técnicas, como por exemplo a primeira aplicação da técnica ativa e as construções em análise.

A carta é surpreendente, pois além de explicitar a predileção de Freud pela produção teórica em detrimento do trabalho clínico, revela seu pensamento de morte atribuído ao sintoma intestinal. Coincidentemente, seu analisando russo também sentiu um medo de morrer durante sua infância, mas estava associado à sua primeira neurose, um distúrbio próprio da oralidade, que se expressava na recusa da alimentação, como será discutido no segundo capítulo. A aproximação da dupla é clara, portanto, no que se refere à sintomatologia anal, pois ambos sofreram de problemas intestinais, desde o início da relação entre eles até a despedida, como destaca Mahony (1992):

Ficaremos surpresos ao descobrir duas sequelas desse episódio: depois do tratamento, a obstinada constipação voltou e o Homem dos Lobos teve que continuar a se aplicar as injeções no reto (clister), em geral duas vezes por semana, para o resto da sua vida; e, por outro lado, por volta do fim do mesmo tratamento, Freud tinha se aborrecido com problemas intestinais que duraram vários meses, necessitando fazer uma consulta e uma retoscopia! (p. 148)

Além da sintomatologia anal e do temor da morte, havia muitas outras semelhanças entre os dois: a influência da fantasia da cena primária, a centralidade das respectivas babás em suas vidas, como também o relevante papel na patologia desempenhado pelo nariz (Mahony, 1992). Todo o enredo acima é extraordinário, pois antecipa o efeito de espelhamento que se deu na relação transferencial: Pankejeff se mostrava um jovem pesquisador, como foi seu próprio analista, e este pudera se identificar com seu analisando em vários sentidos.

Em 13 de fevereiro de 1910, passados cinco dias da carta acima citada, outra vez Ferenczi recebe notícias sobre o russo:

No geral não sou mais nada do que uma máquina de fazer dinheiro que se esgota de tanto trabalhar nas últimas semanas. Um jovem russo rico que eu havia aceitado tratar por causa de uma paixão amorosa compulsiva declarou a mim depois da primeira sessão o seguinte, à guisa de transferência: ‘– *Judeu ladrão, gostaria de te pegar por trás e cagar na tua cabeça*’. Com seis anos de idade, o primeiro sintoma manifestou-se em xingamentos blasfemos contra Deus, porco, cão, etc. Quando ele via na rua três montes de estrume, sentia-se mal por causa da S.[antíssima] Trindade, e procurava ansiosamente um quarto, para destruir a evocação [itálicos nossos]. (Freud & Ferenczi, 1994, p. 200)

Além de reafirmar a riqueza do analisando, como já havia indicado na carta anterior, e revelar o motivo do tratamento, uma paixão amorosa compulsiva – provavelmente pela enfermeira com quem veio a se casar com o consentimento de Freud e a contragosto de sua própria família –, a carta é surpreendente por revelar certa dose de agressividade na cena inaugural, condensada nessa imagem brutal com representações de cunho homossexual e escatológico. A perplexidade diante dessa ameaça certamente o motivou a relatá-la ao amigo. Nessa cena, como argumenta Bokanowski (2002), estaria resumido grande parte do que depois se desenvolveu ao longo da análise: uma agressividade que expressa uma transferência negativa – negativa *na* transferência e *da* transferência – decorrente do medo da dependência, como uma salvaguarda narcísica. É um modo de resistência que se exprime nessa passividade destrutiva com relação a Freud, e, em decorrência dela, o Homem dos Lobos é conduzido a *excorporar* (“cagar na tua cabeça”).

Ao comentar o caso, Menezes (2001) reforça essa ideia, argumentando que, por essa via do ódio, Pankejeff estaria se defendendo de seu desejo homossexual inconsciente, ou seja, de sua própria passividade. No entanto, seria justamente essa passividade que lhe permitiria receber o amor dos pais, o falo paterno, garantindo assim o sustento de sua identidade.

Consciente dos riscos de atribuir uma representação a um analisando póstumo e que nunca foi seu, André (1996) aproxima-se da opinião desses dois autores, ao considerar o alvo pulsional mais profundo em Pankejeff, justamente, a passividade: o de ser ele mesmo penetrado pelo pai, uma marca inversa das suas escolhas heterossexuais feitas na vida adulta. Identificava-se com o pai, mas também com a mãe, esta rebaixada a uma posição inferior no *coitus a tergo*. Essa posição, a do *coitus a tergo* – este modo particular de relação sexual com o qual Freud teorizou a fantasia originária –, coloca em evidência o sadismo, o *voyeurismo* e a analidade, além de alvos e objetos parciais, uma vez que o *rosto*, que permitiria ao objeto ser total, desaparece nessa posição. Por trás desse sadismo, próprio do *coitus a tergo*, encontra-se, no entanto, uma posição passiva, que é menos evidente e diante da qual se recorre a mecanismos de defesa, impondo uma contradição à sádica fantasia originária, que é inerente ao funcionamento inconsciente:

Colocando em perspectiva a “evidência” e o “segredo”, a primeira (feita de sadismo ereto) não está longe de se afigurar uma posição reativa, filha do recalamento, onde o sujeito se defende, na *agressividade*, de uma fantasia subjacente em que desta vez, *é ele o penetrado* [itálicos nossos]. (André, 1996, p. 91)

Desde o início do tratamento, portanto, encontra-se evidente esse aspecto da fantasia originária: uma posição passiva de Pankejeff, que procurava ser penetrado, mas que, diante disso, só lhe restava reagir defensivamente pela via da agressividade. Como será debatido ao longo do trabalho, era um aspecto da transferência que certamente Freud gostaria de evitar.

A analidade: um combate

Além da defesa pela via da agressividade diante da posição passiva, que daria acesso a uma identidade, os trechos das cartas revelam que já haviam sido notados os sintomas compulsivos característicos de uma organização sádico-anal. Como afirmará no relato, no menino russo a neurose obsessiva teria surgido “no solo de uma constituição sádico-anal”

(Freud, 1918[1914]/2010, p. 97). O erotismo anal encontrava expressão na relação com o dinheiro, que estava longe de ser regulada de acordo com as considerações da realidade, apresentado também um acentuado sadismo e suas transformações.

Na observação da cena primária, foi por meio do intestino que Pankejeff se identificou com a mulher, com o auxílio da velha teoria da cloaca – identificação essa que depois serviu de apoio para a manifestação do medo de morrer por doença intestinal, sofrimento do qual padecia sua mãe. É bastante pertinente destacar que essa identificação com a mulher coexista, numa contradição que era apenas lógica, com a angústia de castração, pois havia nele uma outra corrente que teria reconhecido a vagina e a diferença dos sexos. Entre essas duas explicações ocorre que a “postura feminina diante do homem, descartada pelo ato de repressão, como que se retira para os sintomas intestinais, manifestando-se nas frequentes diarreias, constipações e dores intestinais da infância” (Freud, 1918[1914]/2010, p. 107).

Os sintomas do intestino sofreram bem poucas mudanças desde a neurose infantil e tiveram um importante papel na análise, principalmente no que Freud chamou de “cura” ao final dela (Freud, 1918[1914]/2010, p. 136). O principal sintoma presente no período da análise foi uma constipação, que cessava mediante o clister aplicado por um acompanhante e que lhe tirava a sensação de estar envolto por um véu, que o apartava do mundo. Freud percebe que tal sintoma representava aquela porção de histeria que frequentemente reside na neurose obsessiva e que, portanto, era suscetível de ser influenciada. Promete ao analisando que seria curado da constipação e quando tal sintoma é demovido, Freud se contenta enormemente em ver que a *dúvida* de Pankejeff quanto a tal sucesso teria então desaparecido. Essa dúvida, como uma característica exitosa do russo, exercia a mais forte resistência ao tratamento, permitindo-lhe ficar entrincheirado em sua respeitosa indiferença durante anos, sem que nada o atingisse, como veremos no final do capítulo.

A analidade já vinha sendo estudada por Freud há tempos: desde a publicação de “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905a/2016), havia reconhecido a zona erógena anal e sua suscetibilidade à excitação genital, com um prazer tanto na retenção quanto na evacuação. As fezes já são ali equiparadas ao pênis, constituindo um primeiro par da equação, fezes-pênis, que continuará com o bebê, como é mais claramente definido em “Sobre transformações dos instintos, em particular no erotismo anal” (Freud, 1917/2010).

Em 1908, no texto “Caráter e erotismo anal” (Freud, 1908/2015), observa o nexo da primazia do erotismo anal com a persistência de certos traços de caráter no adulto: a ordem, a

parcimônia e a obstinação. Estes seriam os primeiros e mais constantes resultados de uma *sublimação*⁷. Apesar de indicar essa saída sublimatória, há uma outra via, a *formação reativa*, que ocorre na busca pela ordem e pela limpeza contra aquilo que é sujo. Isso posto, é fundamental destacar que os destinos da pulsionalidade anal não encontram uma única saída. Essa conclusão de peso – de que as pulsões características da analidade podem encontrar três destinos possíveis – é apresentada nas últimas linhas do texto, com a seguinte frase: “*os traços de caráter que permanecem são continuações inalteradas dos instintos originais, sublimações deles ou formações reativas a eles*” [itálicos nossos] (p. 358).

Nesse texto, também é contemplada a relação existente entre defecação e dinheiro, que é avaliada no âmbito do tratamento. Precisamente a constipação – o principal sintoma do russo durante o período de análise – já teria sido indicada como passível de ser removida mediante a sugestão hipnótica, que a tornaria dócil: “mas na psicanálise só conseguimos esse efeito se tocamos, no indivíduo, em seu complexo relativo ao dinheiro, e o induzimos a levá-lo à consciência com todas as suas relações” (Freud, 1908/2015, p. 356). Pankejeff, que sofria de constipação, oscilava em sua relação com o dinheiro: ora era avarento, ora extremamente generoso: “O dinheiro se subtraía ao seu controle consciente, significando alguma coisa a mais para ele” (Freud, 1918[1914]/2010, p. 98). Revoltava-se com sua mãe, pois achava que ela não lhe dava a parte da herança do pai que ele merecia e que ela não o amava, apesar de reconhecer a injustiça de sua queixa; ou ainda, gostava de agradar aos alfaiates com gorjetas extremamente generosas, receando a qualidade do trabalho que eles lhe entregariam.

Ou seja, em 1910, quando se inicia a análise de Pankefeff, Freud já estava atento ao erotismo anal e aos seus vários destinos pulsionais, bem como à equação simbólica e aos significados que podiam estar envolvidos no dinheiro, além da sugestionabilidade e docilidade no que tange essa sintomatologia.

O funcionamento mental bi-lógico de Pankejeff estaria, na opinião de Green (1964), próximo daquilo que o autor chamou de *analidade primária*. Chega a essa conclusão a partir da contradição lógica inconsciente quando ficam lado a lado justamente a angústia de castração e a identificação com a mulher, por intermédio do intestino (Freud, 1918[1914]/2010)⁸. O russo

⁷ Em carta a Jung, datada de 27 de outubro de 1906, Freud já destaca a relação entre os sintomas, o caráter do erotismo anal e a sublimação: “São extremamente limpos, mesquinhos e obstinados, traços que são, como podemos dizer, a sublimação do erotismo anal” (McGuire, 1974, pp. 8-9). Nessa mesma carta também é evidenciada a ligação entre o autoerotismo anal e a fixação libidinal ao pai.

⁸ Com relação a esse funcionamento mental bi-lógico: “Era por certo uma contradição que, a partir desse momento, pudessem coexistir angústia de castração e identificação com a mulher mediante o intestino, mas era apenas uma

tenderia a sexualizar um antipensamento, privilegiando os processos de evacuação aos de elaboração, diferentemente da neurose obsessiva do Homem dos Ratos, por exemplo, que sexualiza o pensamento.

Apesar disso, o pensamento pode sobreviver à evacuação e assumir o lugar de objeto anal primitivo. Isso dá ao sujeito um sentimento de propriedade de seus próprios conteúdos, com um domínio inviolável sobre eles, tornando-os um “antro da subjetividade” (Green, 1964, p. 112). O pensamento será assim um ponto de refúgio narcísico diante de todas as perdas dos objetos parciais e revela-se um pensamento apaixonante, dada sua originalidade necessária e indispensável, fruto da dialética desconcertante da contradição lógica.

A analidade primária se diferencia de uma analidade tardia precisamente por essa forte fixação narcísica, em realidade, um narcisismo em pedaços, ferido, como uma chaga pronta a se abrir novamente, provocando a dor psíquica. É característico dessa primeira analidade o transtorno dos limites do Eu, que impele ao uso da agressividade, como algo fundamental para se delimitar a identidade e a própria existência:

A oposição é vital para esses sujeitos; ela lhes serve para delimitar melhor sua identidade, que não poderia se colocar de outra maneira a não ser por essa diferença adquirida em combate. Externalizada, ela oferece ao Eu a oportunidade de se provar vivo. (Green, 1993, p. 307)

Estariamos longe do que se poderia chamar de ambivalência, o que ocorre é que “o amor assume, aqui, facilmente a aparência do ódio e o ódio é o sinal de um laço que nada pode desenlaçar” (Green, 1964, p. 104). Há, na verdade, um investimento no ódio, que só faz selar “*um pacto de fidelidade eterna com o objeto primário*” (Green, 1993, p. 308) e o interesse pode se direcionar aos outros, mas esses jamais fazem esquecer o objeto primário. A partir disso, a agressividade presente na cena inaugural da análise de Pankejeff com Freud poderia ser a expressão – além de uma resistência contra a passividade – de uma vitalidade que procura delimitar sua identidade, pela via da oposição. Assim, o ódio viria para selar a fidelidade eterna com o objeto primário, preservando com ele um laço extremamente forte; na verdade, uma expressão de amor – se é que assim poderíamos nominá-lo – travestido desse ódio.

contradição lógica, o que não quer dizer muito. Todo o processo é agora característico do modo como o inconsciente trabalha” (Freud, 1918[1914]/2010, p. 107).

Na transferência aparece um paradoxo, pois ao mesmo tempo que a relação se mostra frágil, há um agarramento ao objeto. Assim, sucedem períodos estanques, em que nada acontece e, no entanto, o analisando nunca vem a faltar nas sessões. O que resta é apenas um aspecto parasitário da relação, e cabe ao analista, em função do tédio e do sentimento de inutilidade do trabalho, provar sentimentos vivos de agressividade em relação a si mesmo, muito embora ele logo venha a reconhecer que o analisando não consegue fazer de outra forma. O analista deve apenas reconhecer a importância de uma agressividade que é a ele direcionada: “Por vezes, do lado do analista, existe a viva impressão de que esta oposição anal depende de um negativismo inconsciente em que é mais importante dizer não ao objeto do que sim a si” (Green, 1964, p. 104).

A onipotência de um poder ilimitado fica projetada no analista, tornando-o aquele que consegue realizar os desejos próprios da analidade primária. Com isso, as interpretações são sentidas como algo a ser seguido ou largado, nunca uma sugestão interessante a ser considerada, que poderia lançar luz sobre a obscura queixa da qual o analisando se vê prisioneiro. Assim, o enquadre fica marcado por um conflito que oscila entre *obediência* e *orgulho* – conflito que nada mais é do que uma via defensiva contra um mergulho no caos, que tornaria qualquer relação inviável.

O negativismo que existe leva, em última instância, a uma denegação da existência do objeto, que acaba por lhe retirar o poder. Ora, não teria sido a agressividade defensiva – *na e da* transferência –, observada naquela escatológica cena inaugural da análise, um reflexo desse negativismo? Tal atitude coexiste com o seu oposto, uma relação fusional, na qual o sujeito se comunica, interna e secretamente, com um objeto integralmente bom. Neste polo, os objetos são eleitos em função da dupla narcísica que pode se constituir, representando assim, uma saída para suportar as frustrações impostas pela ausência do objeto ou pelos conflitos de intrusão ou abandono, vividos no contato com ele.

Além disso, verifica-se que há uma recusa da imagem de si que, para ser aceita, clama pela troca de olhares com o outro. Com essa imagem estando ainda em um estágio de formação, ou ainda não assumida por conta do ódio a si mesmo, o sujeito não pode se definir a não ser através da imagem de si que lhe é enviada pelos outros: “Sei o que você pensa de meu ser, somente então poderei situar-me em relação a isso” (Green, 1964, p. 106). Ou seja, a formação da imagem de si depende daquilo que os outros informam ao sujeito a respeito dele próprio, e esse caminho é dificultado quando está marcadamente presente o ódio a si mesmo, que provoca a recusa da imagem de si, e que somente resulta em uma maior dependência a esse outro.

O que se verifica é uma verdadeira confusão das identidades com o objeto, em que se constata um transporte de si no outro, tendo como resultado a dor da diferença quando o objeto não corresponde à imagem ou aos afetos sentidos pelo sujeito. A partir de uma intensa necessidade de controle sobre o objeto, a conclusão é a de que “*a analidade primária prende-se ao sentimento do fim da onipotência simbólica*” (Green, 1964, p. 107), período em que havia contiguidade e harmonia sem falhas, com uma correspondência mútua de desejos e satisfações. Para esses sujeitos, portanto, a “*diferença é uma ofensa*” [itálicos nosso] (p. 107), que provoca cólera, mas apenas uma cólera impotente, e mesmo a neutralidade do analista é encarada como uma pura indiferença, marcada por crueldade.

A dinâmica da analidade primária, como proposta por Green, remete às questões até agora observadas no estudo do caso do Homem dos Lobos, a saber, uma agressividade que auxilia na delimitação de uma identidade, mas que ao mesmo tempo o protege de uma relação fusional almejada. As diferenças em relação ao objeto representam uma ameaça, e o que resta é apenas a submissão, de um lado, ou a inacessibilidade narcísica, de outro.

Sobrevivendo ao ódio

Com relação ao ódio, é conhecida a passagem de “Os instintos e seus destinos” (Freud, 1915b/2010) que lhe confere um papel crucial na delimitação de uma fronteira entre o interno e o externo, bem como na constituição do Eu, que luta por sua autoafirmação e conservação:

o exterior, o objeto, o odiado, seriam sempre idênticos no início. Se depois o objeto se revela fonte de prazer, ele será amado, mas também incorporado ao Eu, de modo que para o Eu-prazer purificado o objeto coincide novamente com o alheio e odiado (p. 76).

O amor – que, nesse momento, ainda não é chamado de amor propriamente dito, pois assim o será somente com advento da união das pulsões parciais no amor genital – aparece quando o objeto é reconhecido como fonte de prazer, no entanto, ele é logo destruído, uma vez que é incorporado. Assim, o que persiste é um ódio, delimitando a fronteira com o externo, que, na linha do tempo, antecede o amor e é difícil de ser abandonado. Sobre esse momento, as palavras de Menezes (2001) são esclarecedoras:

todo amor ao objeto é ambivalente em seu fundamento: o reconhecimento do objeto, do outro como diferente, é uma concessão laboriosa, sempre provisória do eu narcísico. Este, em seu íntimo, nunca deixa de estar desconfiado do que Ferenczi chama de ‘malícia do objeto’, ou seja, a sua teimosia em não se adequar completamente às necessidades e desejos do eu, em se mostrar distinto dele. Se dissermos, inspirados em Melanie Klein, que o eu se constitui sobre um fundo de angústia paranoide ou, inspirados em J. Lacan, que o eu é em sua essência paranoico porque constituído na própria alienação, no engodo, numa relação de incerteza identitária imaginária, creio que não teremos nos afastado muito da intuição freudiana sobre a origem narcísica do ódio. (p. 150)

O ódio que surge no narcisismo se manifesta diante da ameaça que a diferença em relação ao objeto representa. Se nos voltarmos para um dos textos que Winnicott (1969/1989) escreve sobre o uso do objeto, chamado “The use of an object in the context of *Moses and Monotheism* [O uso do objeto no contexto de Moisés e o Monoteísmo]”, veremos que ali a agressividade assume um papel essencial, justamente na delimitação do que ele chama de unidade e na constituição da identidade.

Nesse processo, o pai é um elemento central, pois o bebê o usa como um modelo, um *blue-print*, para sua própria integração em uma unidade, a partir do momento em que o bebê ainda é parte do ambiente e não tem condições de perceber, nem reconhecer ou repudiar o que não é ele (*not-me*). De uma nota de rodapé que Freud (1939[1934-38]/2018) acrescenta a “Moisés e o monoteísmo”⁹, Winnicott lança a ideia de que o pai – o monoteísmo – representa um primeiro reconhecimento da individualidade dos homens e mulheres, uma vez que o pai é um *todo*, diferente da mãe que é um conglomerado de partes, e defende a existência de uma tendência universal para a integração em uma unidade.

O destino que terá a pulsão de destruição não está dissociado do ambiente e é fundamental para tal processo, já que é somente no caso de o objeto sobreviver à destruição que o bebê pode se tornar consciente tanto do objeto quanto da fantasia de destruição e consegue seguir usando sua agressividade. Do contrário, o bebê sente que há uma coincidência de seu impulso provocativo com a reação do objeto: “Esse tipo de bebê nunca pode experimentar ou ter ou ser movido por essa fonte pessoal de agressão ou fantasia de destruição, e por isso não pode nunca converter isso em uma *fantasia* inconsciente de destruição do objeto libidinizado” (Winnicott, 1969/1989, pp. 245-246).

⁹ Freud (1939[1934-38]/2018) relata que o faraó Amenófis impôs o monoteísmo a seus súditos no Egito e, em nota de rodapé, cita Breasted, em inglês, que chama esse faraó de “*The first individual in human history*” (p. 32).

É fundamental observar a importância da *destrutividade* e sua relação com o *real* no uso do objeto, já que esse uso, como ressalta Delouya (2005), “permite ao sujeito desfrutar de um *sentir-se real* (“feeling real”), solidário com a emergência do *self*, e que [Winnicott] denomina, nesse trabalho, como *individuação*” (p. 102)¹⁰. Antes de acontecer o *uso* do objeto, está dada a *relação* com o objeto, que diz respeito aos mecanismos de projeção e introjeção em um sujeito ainda isolado. Com o seu uso, o objeto deixa de ser apenas alvo de projeções e sua realidade passa a ser levada em conta: “primeiro enquanto ser real que faça parte de uma realidade compartilhada; segundo, para que sua existência independente possa ser aceita e reconhecida” (Delouya, 2005, p. 102). Dessa maneira, o atributo de *realidade* desdobra-se em vários planos no e para o sujeito: em uma realidade compartilhada, no objeto independente de mim e também no sentir-se real (um *self*).

Portanto, há um abandono do controle onipotente que, como Winnicott (1968/1989) concebe em seu texto “The Use of an Object and Relating through Identifications [O uso de um objeto e relacionamento através de identificações]”, é o ponto de partida para descrever o uso do objeto: “o uso não pode ser descrito exceto em termos de aceitação da existência independente do objeto, sua propriedade de ter estado ali o tempo todo” (p. 221). Ocorre que, entre a relação de objeto e o uso do objeto, o sujeito coloca o objeto fora de sua área de controle onipotente: “a percepção pelo sujeito do objeto como um fenômeno externo, não como uma entidade projetada, na verdade, reconhecimento do objeto como uma entidade por direito próprio” (Winnicott, 1968/1989, p. 222).

Para essa mudança ocorrer, o sujeito primeiro destrói o objeto, e é justamente isso que coloca o objeto fora de sua área de controle onipotente: “é a destruição do objeto que coloca o objeto fora da área de controle onipotente do sujeito” (Winnicott, 1968/1989, p. 223). Não é que a destruição seja possível uma vez que o objeto se encontra fora da área de controle onipotente, mas sim que a destruição tem sua participação em “fazer a realidade” (p. 223), colocando o objeto fora do *self*. Há um paradoxo nesse processo, pois o objeto é passível de ser destruído justamente porque está na realidade, ao mesmo tempo que se torna realidade porque

¹⁰ Fulgêncio (2014) esclarece que é pouco clara a diferenciação para Winnicott entre *self* e Ego, no entanto, o Ego seria um termo teórico, “um nome dado a um conjunto de experiências que o indivíduo agrupa numa unidade pessoal” (p. 189); enquanto o *self* corresponderia a uma “experiência da unidade empírica do indivíduo na sua relação com o mundo” (p. 189). De acordo com Fulgêncio (2014), o *self* está relacionado com um sentimento do real que advém do senso de se ter uma identidade e advém da ação criativa do bebê sustentada pelo ambiente, em que surge, ao mesmo tempo, a experiência do *self* e o encontro com o objeto.

é destruído ou potencialmente destruído: há uma destruição do objeto enquanto ele se torna externo.

Caso o objeto sobreviva, pode haver a destruição em fantasia desse objeto que passa a ser amado exatamente por isso, por sua sobrevivência. Nas palavras de Delouya (2005), “sua perspicácia clínica [de Winnicott] revelou-lhe como a destruição do objeto na fantasia torna-se também o pano de fundo inconsciente para que o amor ao objeto possa advir. É por isso que ele sempre compara esse processo com o fenômeno de reparação” (p. 103).

Winnicott (1968/1989) descreve um diálogo hipotético travado com esse objeto que sobrevive: “‘Olá objeto’. ‘Eu destruí você.’ ‘Eu te amo.’ ‘Você tem valor para mim por sua sobrevivência à minha destruição de você.’ ‘Enquanto eu estou te amando eu estou o tempo todo destruindo você em *fantasia* (inconsciente).’” (p. 222). É aí que a fantasia começa para o indivíduo, e justamente porque o objeto sobreviveu o sujeito pode começar a amar e a viver a vida no mundo dos objetos.

Ou seja, com o uso da agressividade e a sobrevivência do objeto, é possível uma saída do controle onipotente, a construção de fantasias, uma noção de realidade, além de um primeiro lampejo do que poderia vir a ser considerado uma relação de amor com o objeto. Sobrevém o sentimento de se sentir existindo e pode então se iniciar uma relação com o mundo a partir de uma identidade. Para que esse processo vingue, “é preciso que a presença, o caráter e o comportamento real do próprio objeto constituam o ambiente facilitador e não reajam contra o processo” (Delouya, 2005, p. 102).

O papel do pai no uso da destrutividade tem uma implicação direta na análise, na pessoa do analista e em suas respostas, dada a importância do objeto na realidade e a figura do pai como um modelo. Para Winnicott, são aspectos “para serem revividos e corrigidos na relação transferencial, assuntos que não são tanto para serem interpretados como para serem *vividos*” [itálico nosso] (Winnicott, 1969/1989, p. 242). Ele chama a nossa atenção para o quanto a morte do analista pode ser traumática quando esse tipo de trabalho está em andamento, apesar de poder ser ainda pior uma eventual mudança na atitude do analista no sentido de uma retaliação.

Em uma das várias entrevistas que Obholzer (1982) realizou com Pankejeff, este descreve o conflito com seu próprio pai da seguinte forma: “Eu tinha um conflito com meu pai que era interno, não aberto e então meu pai morreu” (p. 32). Diante dessa afirmação, a

entrevistadora questiona se, em análise, ele sentia dificuldades em expressar o que lhe ocorria, ao que ele lhe responde:

às vezes ocorriam a mim coisas que eu realmente não queria mencionar. Mas eu segui a regra e sempre mencionava tudo. Durante minha infância eu tive pensamentos blasfemos, insultei Deus, e assim por diante. E com Freud, era a mesma coisa. Eu pensei, Freud é um canalha – esse tipo de coisa que vinha na minha cabeça. E eu expressava isso. *E ele aguentava estoicamente* [itálicos nossos]. (p. 32-33)

Não deixa de ser interessante que esse tipo de ataque tenha sido descrito em carta a Ferenczi, como vimos anteriormente, mas não foi discutido no relato do caso, excetuando-se uma das únicas referências à transferência, em que o analisando ameaça devorar Freud, como veremos no segundo capítulo. No momento, é digno de nota que apesar da declaração de que seu analista teria aguentado estoicamente seus ataques, há indícios de que isto não seria inteiramente verdadeiro. Com relação à postura do analista, há uma importante discussão a esse respeito em “Análise terminável e interminável” (1937a/2018), em que, do auge de sua maturidade, Freud sugere aos analistas, além de paciência e destreza, um conhecimento dos pontos fracos de suas próprias personalidades. Em alguns momentos, poderia ainda servir de *modelo* ao analisando:

Portanto, faz sentido que se requeira do analista, como parte de sua prova de competência, um grau mais elevado de normalidade e correção psíquica; acresce ainda que ele precisa de certa superioridade para, em determinadas situações analíticas, servir de *modelo* ao paciente, e em outras, de *mestre*. Por fim, não se deve esquecer que a relação analítica se baseia no amor à verdade, isto é, no reconhecimento da realidade, e exclui todo engano e aparência [itálicos nossos]. (p. 318-319)

Mais adiante será discutido o papel de mestre e modelo designado ao analista. Por ora, interessa-nos seguir no texto e acompanhar a objeção de Ferenczi, enquanto analisando de Freud, de que este teria negligenciado o aspecto negativo da transferência, utilizando como argumento a afirmação de que a transferência jamais pode ser considerada sempre positiva. Freud refuta que tivessem ocorrido sinais desse aspecto transferencial, e mesmo supondo que tivesse ignorado os mais leves indícios disso, duvida que pudesse então ativar um tema apenas mencionando-o: “Para isso, certamente se faria necessária uma conduta inamistosa, no sentido objetivo, diante do paciente” (Freud, 1937a/2018, p. 283).

Arremata a questão valorizando a relação amigável, algo um tanto quanto arriscado, considerando que justamente essa qualidade da relação teria impedido o andamento da análise com Pankejeff, como escrevera em carta endereçada ao analista russo Moshe Wulff, citada anteriormente (Borch-Jacobsen, 2011). Claramente há uma valorização das relações amistosas que poderiam ainda ficar fora do campo transferencial: “Além do mais, nem toda boa relação entre analista e analisando, durante e após a análise, deve ser vista como transferência. Há também relações amigáveis que têm base objetiva e demonstram ser viáveis” (Freud, 1937a/2018, p. 283).

Evidencia-se, portanto, que Freud parecia lidar melhor com as transferências e relações amistosas. Com relação à análise com Pankejeff, Mahony (1992) considera que a “dificuldade de Freud em reconhecer uma agressão com relação a seu próprio pai também influenciou sua interpretação no caso, pois ele se retraiu na análise da transferência negativa do Homem dos Lobos” (p. 143). A hipótese que surge é a de que a agressividade de Pankejeff direcionada a Freud não teria sido tão estoicamente suportada pelo último, como também o próprio Homem dos Lobos teria preferido acreditar. Ficaria prejudicada a separação e a constituição de uma identidade própria, favorecendo, em contrapartida, a relação amistosa e em espelho, em que as diferenças representam uma ameaça e somente fazem aumentar o ódio.

A fascinação: uma relação fusional

Na analidade primária, além da marcante agressividade defensiva que delimita uma fronteira, há, por outro lado, a busca pela relação fusional com o objeto, que anularia os riscos de uma alteridade ameaçadora. Pankejeff, que venerava Freud, rapidamente estabelece uma forte ligação com ele:

Na verdade, eu venerava ele. Isso por causa de meu pai, que me desapontou porque preferia minha irmã. A relação com meu pai não era boa. Homossexual ou não, eu era muito ligado ao meu pai e gostaria que ele tivesse passado mais tempo comigo e me introduzisse nos negócios. Meu pai morreu e eu não tinha pai quando cheguei a Freud [itálicos nossos]. (Obholzer, 1982, p. 32)

Em uma das entrevistas com Obholzer (1982), Pankejeff declara que foi tamanha a influência de Freud sobre ele, a ponto de comparar a força da psicanálise com uma religião: a

primeira não seria nada mais do que uma *fê*. Apesar dessa crítica, confessa que foi apenas em função da transferência que sua vida melhorou, e que seu “efeito foi salutar, em todo caso. Mas isso não foi uma cura completa” (p. 138). Será então que a análise não caminhou tanto quanto poderia justamente em função dessa forte ligação, que viria a enfraquecer o Eu ao invés de fortalecê-lo? A resposta parece clara para o russo:

O que não é tão bom sobre a psicanálise é acostumar-se a viver de acordo com as orientações de uma outra pessoa. Eu diria que a psicanálise enfraquece o ego. Ela talvez possa aliviar o id de alguma forma, mas o ego sofre porque ele se submete a uma autoridade. (p. 139)

A entrega ao analista foi evidentemente grande, tendo a transferência assumido uma tonalidade claramente passional, estimulada pela forma como Pankejeff idealizava Freud, para ele uma personalidade fascinante, elevada à figura de gênio. Do lado do médico vienense, este pode ter facilitado essa transferência, oferecendo-lhe esperanças de ser curado, algo que o russo há muito tempo vinha procurando:

Ele tinha olhos muito sérios que penetravam bem no fundo da alma. Toda sua aparência era muito atraente. Eu sentia simpatia por ele. Isso era a transferência. Ele tinha um magnetismo ou, melhor, uma aura que era muito agradável e positiva. Quando eu contei a ele sobre meus vários estados, ele disse: “Nós temos os meios para curar aquilo do qual você sofre. Até agora, você esteve procurando as causas de sua doença no pinico”. Naquela época as pessoas tentavam tratar os estados psíquicos por meio do físico. O psicológico era completamente ignorado. E era também uma tentação. Tudo era explicado [itálicos nossos]. (Obholzer, 1982, p. 30)

Pankejeff fica fascinado não só pela personalidade de Freud, mas também pela promessa de cura, só que ela se daria somente se pudesse acreditar em seu analista, ou seja, se amansasse suas dúvidas exitosas e sua agressividade defensiva contra a passividade e a possibilidade de ser penetrado. A análise parece ter oscilado desde o início entre os dois polos transferenciais, a fascinação e a resistência. O analisando resistiu, por exemplo, quando prontamente questionou a técnica, desconfiando da associação-livre. Freud logo o desaconselha a tomar essa atitude, pois esta não levaria o tratamento a lugar algum, entretanto garante que o ajudaria, não importando se Pankejeff acreditasse ou não na análise. Mas adverte que a melhora viria somente de uma relação de confiança: “Foi assim que ele [Freud] obteve sucesso em provocar uma total transferência com ele” (Obholzer, 1982, p. 31).

Apesar de todo o conflito entre a entrega e a resistência, é tão acentuada a *fascinação* do russo diante de Freud que, em seu próprio relato, encontramos uma extraordinária descrição do que foi a sua primeira impressão do encontro, que merece ser reproduzida:

Tal era a aparência de Freud a ponto de conquistar minha confiança imediatamente. Ele estava na época com cinquenta e tantos anos e aparentava desfrutar da melhor saúde. Ele era de uma estatura média, nem gordo nem magro. *Em seu rosto mais alongado, enquadrado por uma barba bem aparada, já ficando grisalha, a característica mais impressionante eram os seus olhos escuros e inteligentes, que me olhavam de um modo penetrante, mas sem me causar o mínimo sinal de desconforto.* Sua forma correta e convencional de se vestir e seu jeito simples, mas seguro, indicavam seu amor pela ordem e sua serenidade interior. Toda a atitude de Freud, e a maneira como ele me escutava, surpreendentemente o diferenciava de seus famosos colegas que eu, até então, já havia conhecido e nos quais eu havia encontrado uma imensa falta de compreensão psicológica mais profunda. Em meu primeiro encontro com Freud eu tive o sentimento de ter encontrado uma grande personalidade [itálicos nossos]. (Pankejeff, 1971, p. 137)

Dada a importância da força pulsional do *olhar*, chama a atenção que Pankejeff guarda em suas memórias precisamente a maneira como seu analista o olhava: com olhos muito sérios, que penetravam bem no fundo da alma, mas que não lhe causavam nenhum desconforto sequer. Uma densa reflexão sobre a pulsionalidade do olhar é realizada por Mezan (2002) em seu texto “A Medusa e o telescópio: Freud e o olhar”, que toma Medusa para pensar que, diante de seu olhar, não há como desviar e se separar dela: quem fica fascinado diante de sua figura é petrificado pelo efeito de espelhamento e fusão. Nesse momento, verifica-se um tipo de ataque “que funciona por *aspiração* e não por corte” (p. 70), o que implica no risco de aniquilamento de si, diferente do risco que se refere à castração, ao ato de seccionar o que está inteiro ou articulado. Por seu espelhamento, o fascínio representaria uma absorção pela figura feminina, como escreve Mezan:

a palavra *fascínio* que certamente conota imobilidade e paralisia, mas sobretudo, pelo efeito de espelhamento, representa a absorção que a figura feminina impõe ao sujeito. Quem olha Górgona, não apenas se torna pedra: de certo modo, funde-se com ela, deixa de ser “um” e passa a ser uma espécie de pasta sem forma, que é como que engolido pelo olho da Medusa. De tal maneira que a estátua de pedra é apenas um resíduo do que foi um homem, após cumprir-se a operação designada como “perder-se”, “ser projetado para o mundo presidido pela Potência”, “ser despossuído de si”. É uma operação de homogeneização, de apagamento de todas as diferenças, em especial dos limites do corpo e da psique, da diferença individuante que torna cada um de nós *um*. (2002, p. 70)

A partir desse fascínio, ao ser engolido pelo olhar de Medusa, ocorre o retorno ao indiferenciado: há uma fusão, um desapossar-se de si mesmo, um “perder-se”. E o olho é o instrumento pelo qual essa indiferenciação se dá, “pois aqui não é mais possível distinguir o olho dela e o meu, há apenas um olho para os dois” (p. 70). Observa-se o apagamento das diferenças – exatamente o objetivo almejado no conflito da analidade primária – e o que se perde quando não é possível o uso da agressividade no processo de individuação.

Nessa fascinação há uma relação com o incesto, só que não como um coito entre adultos, mas como um retorno ao indiferenciado: “O olho da Medusa encarna o poder de absorção da vagina materna, e é sem dúvida para tapar esse orifício devorador que a fantasia infantil o dota de um portentoso falo” (Mezan, 2002, p. 70). Assim, a cabeça de Medusa é da ordem do inquietante e condensa os opostos: tanto o estranho terror do informe quanto o familiar medo da castração. Este último seria apenas um antídoto diante do pavor do caos sem limites, diante da mãe onipotente e sem forma, diante do abismo e da possibilidade de ser devorado pela mãe, que é mais angustiante do que a possibilidade da castração. Perder apenas uma parte de si é menos perigoso do que perder-se por completo, do que morrer.

No breve artigo freudiano inacabado “A cabeça de Medusa” (Freud, 1940[1922]/2011), está evidente essa reação de se proteger com o falo contra o que seria o horripilante encontro com a cabeça cortada de Medusa:

A visão da cabeça de Medusa torna rígido de terror, transforma o espectador em pedra. A mesma origem no complexo de castração e a mesma mudança do afeto! Pois o tornar-se rígido significa ereção, ou seja, o consolo do espectador na situação original. Ele ainda tem um pênis, assegura-se disso com a rigidez (p. 327).

Em outras palavras, diante da visão da decapitação e da castração, há o consolo diante da rigidez e do fato de se tornar inabordável, como faz a deusa Atenas, que carrega consigo o símbolo do pênis, assustando quem a vê.

É muito interessante que a pulsionalidade do olhar também aparece no sonho de Pankejeff com os lobos, como se verifica nas seguintes palavras que o analisando teria dito logo após o seu relato:

A única ação do sonho era a abertura da janela, pois os lobos estavam sentados bem quietos nos galhos da árvore, sem qualquer movimento, à direita e à esquerda do tronco, e *olhavam* para mim. Era como se dirigissem para mim toda a sua atenção. Acho que este foi meu primeiro sonho angustiado. Na época eu tinha três, quatro, no máximo cinco anos de idade. Desde então, e até os onze ou doze anos, sempre tive medo de *ver* algo terrível nos sonhos [itálicos nossos]. (Freud, 1918[1914]/2010, p. 42)

O olhar era impactante desde muito cedo para o menino, era algo procurado, mas que ao mesmo tempo lhe causava angústia, como se constata na maneira como ele acordou: com muito medo de ser comido pelos lobos. Percebe-se uma confusão de olhares, pois havia o olhar do menino para os lobos e o olhar destes para ele, que poderia então culminar no medo de ser devorado, ou seja, de não haver separação entre eles – a mesma confusão que ocorre diante de Medusa. Há uma certa petrificação de Pankejeff no olhar dos lobos, que não permitia o deslize para qualquer outro significante que pudesse lhe tirar a angústia e a imagem desse olhar.

Pankejeff se questiona se tal força transferencial, caracterizada pela fascinação, era de fato algo positivo, pois começou a confiar, sem críticas, em todas as outras pessoas que vieram a substituir o analista, estabelecendo com eles uma transferência similar ao que então ocorrera na análise. À Obholzer (1982) chega a levantar a hipótese de haver um tratamento sem transferência, mas aí não serviria de nada, concluindo que somente lhe restava o estabelecimento da transferência e o consequente risco de se submeter ao outro e de não mais decidir por si mesmo. Ele mesmo afirma que estava mais próximo dessa última alternativa, e o tratamento pressupunha uma submissão e uma dependência, mas que o amedrontavam. Em seu próprio relato, Pankejeff (1971) confessa que, dada a intensidade de sua resistência à transferência, ainda duvidava de que a análise tivesse sido bem-sucedida quando se despediu de Freud.

Amor: uma sublimação possível

Como já observamos acima, é bastante interessante que, a partir do momento em que foi imposto o limite de tempo para o encerramento do trabalho, o Homem dos Lobos adquiriu uma lucidez tal que só se obtém sob o estado da *hipnose*. Tal observação nos permite levantar a hipótese de que sua vontade própria teria sido anulada, como ocorre na hipnose e na sede de submissão das massas. Em “Totem e tabu” (1913[1912-1913]/2012), é evidente que o hipnotizador consegue roubar a vontade própria do sujeito por deter ele mesmo o poder

misterioso associado à figura do pai, que lhe confere a característica do inquietante. Assim como o pai primevo, o hipnotizador é representado em “Psicologia das massas e análise do Eu” (Freud, 1921/2011) por “uma personalidade muito potente e perigosa, ante a qual só se podia ter uma atitude passiva-masquista, à qual a vontade tinha que se render, parecendo uma arriscada empresa estar a sós com ela, ‘cair-lhe sob os *olhos*’” [itálicos nossos] (p. 91).

Com relação ao líder de massas, ele consegue exercer seu domínio justamente porque nas massas encontra uma ânsia por autoridade e sede de submissão (Freud, 1921/2011). No caso das massas artificiais, como o exército e a Igreja, existem semelhanças à organização da horda primeva, já que são comandadas por um pai livre que não ama ninguém, com exceção dele mesmo. Só que há uma diferença entre as duas organizações: na massa artificial há a ilusão de que todos seriam, sim, amados pelo líder, e é somente no seio da família que o amor deixará de ser uma ilusão, tornando-se uma premissa indispensável para a força que une os membros:

No exército e na Igreja vimos que é a *ilusão* de que o líder ama a todos de modo igual e justo. Mas isso é a remodelação idealista do estado de coisas da horda primeva, em que todos os filhos se sabiam igualmente perseguidos pelo pai e igualmente o temiam... *A indestrutível força da família enquanto formação de grupo natural reside em que nela pode se verificar realmente essa premissa indispensável do amor igual do pai* [itálicos nossos]. (pp. 87-88)

Conclui-se que a submissão só ocorre caso verifique-se essa premissa do amor do pai. Tal fenômeno é também observado no estudo que Freud empreende a respeito do grande homem, que é capaz de influenciar seus semelhantes, em “Moisés e o monoteísmo” (Freud, 1939[1934-1938]/2018). Mais do que suas ideias, é a personalidade dele o principal fator de influência, e sua essência reside na semelhança com a figura paterna, tratando-se do mesmo anseio e temor pelo pai sentidos por todos desde a infância: “É preciso admirá-lo, é possível confiar nele, mas não há como não temê-lo também” (p. 152).

Até aqui, a descrição do grande homem se assemelha ao que sucederia com o pai da horda primeva e o hipnotizador. Mas a conclusão que fecha esse item é de suma importância, pois remete ao amor que une a família, já notado em “Psicologia das massas e a análise do Eu” (Freud, 1921/2011): a massa dos judeus só assume o ônus de seguir uma religião monoteísta se, em troca, ela é recompensada pelo fato de ser um povo escolhido, e, portanto, *amado*.

Na doutrina de Moisés, os interditos e tabus passam a operar como proibição em relação à imagem e ao corpo das esculturas, o que leva a uma abdicação da representação

concreta do corpo e da presença de Deus. Essa transformação, da concretude para a abstração de sua figura, permite a renúncia pulsional, a passagem de uma esfera sensória para a espiritual, verificando-se um verdadeiro desprendimento do corpo de Deus. Nas palavras de Delouya (2000) essa renúncia seria uma “*verdadeira sublimação pulsional*, que permite um desapego do vício pulsional, ou seja, da perversão ou idolatria” [itálicos nossos] (p. 67).

Em resumo, essa personalidade que inspira admiração por sua vontade de ação, autonomia e decisão, ao mesmo tempo que amedronta por sua indiferença, independência e arbitrariedade, “que mobilizam a submissão, inerente a um projeto identificatório, ele deve responder à demanda de *amor*” [itálico nosso] (Delouya, 2000, p. 69). Logo, fecha-se um circuito de submissão, renúncia pulsional, identificação e sublimação, mas que só acontece caso essa personalidade potente possa transmitir *amor*:

O peso do último [do *amor*], sua incorporação na instância superegoica, é imprescindível, visto o desapego total exigido em relação à sua *persona*, seu corpo e figura. O grau elevado da renúncia pulsional em jogo e a sublimação radical de seus fins, que tal projeto exige – e que seria análoga a uma imaginada transformação total do eu-ideal em ideais do eu –, está condicionada pela transposição da recompensa amorosa para o supereu. É por isso, alega Freud, que Deus só pode ser *um, mono*, trazendo em seus vestígios a unidade do homem grande, do pai! (p. 69)

A partir dessas articulações, vislumbram-se as dificuldades que teriam ocorrido durante a análise do caso em questão: de um lado, o ódio do jovem russo não era abertamente reconhecido pelo analista, dificultando um processo de separação; do outro, a demanda pelo amor de Freud não era francamente reconhecida pela dupla, comprometendo a entrega e submissão de Pankejeff, pela via da passividade. Amor esse que, em vez de aprisionar, como ocorre na fascinação, poderia encaminhá-lo para um maior desprendimento pulsional e liberdade nos destinos da sublimação.

Voltando ao texto “Psicologia das massas e análise do Eu” (Freud, 1921/2011), ali há a mais ampla consideração sobre a identificação, que seria a mais antiga ligação afetiva a uma outra pessoa e teria um papel fundamental na pré-história do complexo de Édipo:

O garoto revela um interesse especial por seu pai, gostaria de crescer e ser como ele, tomar o lugar dele em todas as situações. Digamos tranquilamente: *ele toma o pai como seu ideal*. Essa conduta nada tem a ver com uma atitude passiva ou feminina diante do pai (ou dos homens

em geral); é tipicamente masculina. Mas harmoniza-se bem com o complexo de Édipo, e ajuda a preparar o terreno para este [itálicos nossos]. (pp.60-61)

Na identificação com o pai, ele é aquilo que se gostaria de ser: “percebe-se apenas que a identificação se empenha em configurar o próprio Eu à semelhança daquele tomado por ‘*modelo*’” [itálico nosso] (p. 62). De acordo com o tradutor Souza (2011), a palavra “modelo” foi utilizada para traduzir *Vorbild*, que é composta por *Bild*, “imagem”, e da preposição *vor*, “diante de”. Essa concepção é fundamental, pois aponta para a constituição narcísica que ocorre diante da imagem do outro e que modela o Eu.

Além de permitir a construção da própria imagem, há uma a identificação com os mestres que é essencial para a realização das próprias conquistas. Como ressalta Chasseguet-Smirgel (1992), a libido homossexual – da qual o Homem dos Lobos se defendia – é fundamental para que haja a identificação com os objetos portadores do que vem a ser o ideal do Eu¹¹: “O Ideal do Eu, projetado sobre os objetos homossexuais, permite assim a captação das qualidades do objeto” (p. 87).

Para isso, é necessária uma submissão e passividade diante dos mestres – como ocorreu com Freud diante de Brücke e Charcot –, só que isso não acontece quando eles são sentidos como perigosos, pois somente o aspecto ameaçador do objeto ocupa o campo da consciência. Nesses casos, o processo de criação, ao invés de se beneficiar da libido dessexualizada da sublimação, irá procurar pela representação do próprio falo aumentado. A falta de uma identificação paterna adequada “somente poderá ser *factice*, quer dizer, um *fetiche*” (p. 90). Será algo artificial, fabricado, que não é visto somente nas perversões, mas também quando há essa falha nas identificações das vertentes do Édipo.

Portanto, o ideal do Eu projetado sobre essas figuras parentais que não trazem esperança – e poderíamos aqui acrescentar o amor, como concluímos acima –, mas exclusivamente um aspecto ameaçador, conduz o sujeito a escolher a manutenção da ilusão, em detrimento da sublimação e da criação de sua própria obra:

¹¹ Não será tematizada as diferenças entre o Eu Ideal (*Idealich*) e o Ideal do Eu (*Ichideal*) desenvolvida pelos pós-freudianos. Apenas para esclarecer essa distinção, o dicionário de Laplanche & Pontalis (2001) aponta que o Eu ideal seria uma “Formação intrapsíquica que certos autores, diferenciando-a do ideal do ego, definem como um ideal narcísico de onipotência forjado a partir do modelo do narcisismo infantil” (p.139). O Ideal do Eu seria uma “Instância da personalidade resultante da convergência do narcisismo (idealização do ego) e das identificações com os pais, com os seus substitutos e com os ideais coletivos. Enquanto instância diferenciada, o ideal do ego constitui um modelo a que o sujeito procura conformar-se” (p.222).

A introjeção das qualidades paternas – simbolizada pelos seus atributos –, não tendo podido se realizar, e tendo os desejos ligados a este processo sido recalçados e contra-investidos, o sujeito não disporá da libido dessexualizada (sublimada) necessária à confecção de sua obra. O promotor desta será, pois, o Ideal do Ego, mas a matéria-prima utilizada não terá sido fundamentalmente modificada. *Filhos de ninguém*, o criador que descrevo não soube ser o pai de uma obra autêntica, tirando suas forças vivas de uma libido rica e cheia. A identidade que ele se conferiu foi obrigatoriamente usurpada, pois baseou-se na negação de sua pertinência a uma linhagem. O *phallus* simbólico assim criado não saberia ser ele mesmo senão *factice*, isto é, nada mais que um *fetice*” (Chasseguet-Smirgel, 1992, p. 88).

A identidade e as qualidades próprias não se consolidaram a partir de um modelo em quem se poderia confiar e ter esperanças, para além do temor. O que resulta é o fetice que, como uma construção frágil, artificial e rígida, não permite o acesso a uma libido dessexualizada e livre para ser investida. É uma fuga defensiva que encontra ressonâncias na reação petrificante, portadora de um falo, diante da fascinação por Medusa. Com isso, o que resta é tão somente o falo aumentado, que encobre a falta das qualidades não incorporadas.

Uma cobertura da falta se dá no processo de idealização e, justamente, o diferencia do que ocorre na sublimação, como destaca Loffredo (2014):

Enfim, o que deve ser destacado no contraponto entre a idealização e a sublimação é que a primeira aloja uma situação sem conflito que prescinde da *falta*, já que vinculada ao fascínio por um objeto ilusório que instaura uma relação de dependência, na medida mesma da esperança de que foi depositário. Na via sublimatória, ao contrário, a falta não só é mantida como dá suporte a uma diversidade e mobilidade de investimento, as quais, justamente, expressam a peculiaridade de seu modo de operar (p. 253).

O fascínio e a idealização favorecem a dependência para com aquele que alimenta uma saída ilusória, em que há esse esforço para encobrir a *falta*. Agarrando-se ao objeto, como no fetichismo, fica-se então distante de uma saída sublimatória, que dá mobilidade aos investimentos libidinais. No caso do Homem dos Lobos, é possível supor que em seu fascínio por Freud não houve espaço para a *falta*, inviabilizando a sublimação e a diversidade dos investimentos, que poderiam se direcionar para outros objetos, como uma saída possível para a força transferencial que se estabeleceu.

A sintomatologia anal e a sublimação

Já sabemos que Pankejeff apresentou importantes sintomatologias características do erotismo anal e que suas desordens intestinais perduraram, com poucas mudanças, desde a neurose infantil até a vida adulta e tiveram um papel decisivo no período final da análise. Identificou com a figura materna por intermédio do intestino e, dessa maneira, a reprimida postura feminina diante do homem se retirou para os sintomas intestinais: estava “disposto a presentear o pai com um filho, e tem ciúmes da mãe, que já fez isso e talvez o faça de novo” (Freud, 1918[1914]/2010, p. 111).

Ora, é justamente no relato do caso que Freud apresenta uma noção crucial para a compreensão de uma possível relação da sintomatologia anal com a sublimação: nele aparece a noção de *conceito inconsciente*, no contexto da relação de objeto, considerando-se a maneira como a castração é enfrentada. Em suas palavras:

A entrega do excremento em favor (em amor) de alguém se torna, por sua vez, o modelo da castração, é o primeiro caso da renúncia a um pedaço do próprio corpo, para ganhar o favor de alguém que se ama. De modo que o amor ao próprio pênis, narcísico em outros aspectos, não dispensa uma contribuição do erotismo anal. O excremento, a criança e o pênis formam portanto uma unidade, um *conceito inconsciente – sit venia verbo* [com permissão da palavra] –, o do pequeno separável do corpo [itálicos nossos]. (Freud, 1918[1914]/2010, p.113)

A entrega do excremento, como o modelo da castração, ressalta o aspecto narcísico que há no investimento libidinal nessa parte destacável do corpo, que pode ser renunciada ou guardada com teimosia, e na busca pelo amor do outro, sendo esse o objetivo da renúncia. No texto “Sobre transformações dos instintos, em particular no erotismo anal” (Freud, 1917/2010), há uma troca simbólica entre pequenas coisas separáveis do corpo, que Freud nomeou na citação acima como *conceito inconsciente* – a saber, o excremento, a criança e o pênis. Nesse texto de 1917, fica clara a proximidade entre os elementos intercambiáveis da equação simbólica: “O ponto de partida para esta discussão pode ser o dado de que nas produções do inconsciente – pensamentos espontâneos, fantasias e sintomas – as noções de *fezes* (dinheiro, presente), *criança* e *pênis* são dificilmente separadas e facilmente confundidas” (p. 255).

A relação que se estabelece com os elementos da equação é regulada pelo narcisismo e a maneira como se encara a castração, sendo o desprendimento do bolo fecal a primeira renúncia a uma parte do próprio corpo que, na troca com o outro, se dá como prova de carinho

ou que nega, em rebeldia, mantendo o controle para si. É exatamente nesse momento, de desprendimento do bolo fecal, que emerge um protótipo de *alteridade narcísica*, como distingue Cromberg (2010), ao comentar a constipação de Pankejeff:

o desprendimento do bolo fecal é também uma espécie de protótipo experimental de uma *alteridade narcísica*, dual, imaginária, uma espécie de *duplo*, nascido de uma criação autógena, à maneira de uma bipartição, na qual *o conceito do outro é parte de si mesmo*. Na alteridade imaginária – narcísica – que se produz na organização libidinal do tipo anal, não há troca, então, a não ser como um engodo perpétuo no qual as fezes, enquanto terceiro objeto narcísico, só são outro enquanto são o mesmo [itálicos nossos]. (p. 136)

Como estando em um linha tênue, pode surgir no erotismo anal a noção de alteridade, assim como pode existir uma dimensão em que não há troca, não há intercâmbio, não sendo a experiência de rejeição do bolo fecal algo da ordem simbólica de fato, de uma espécie de parto autoerótico, da ordem da alteridade (Leclaire, 2001). Assim, um intercâmbio que perde o valor simbólico torna-se uma escravidão ao laço imaginário.

Sabemos que diante do problema da castração, o Homem dos Lobos apresentou uma terceira reação frente a ela, rejeitando-a [*Verwerfung*], quando alucina o corte de seu dedo, aos cinco anos de idade¹². A seguir as considerações de Freud a esse respeito:

Já nos é conhecida a atitude inicial do paciente para com o problema da castração. Ele a rejeitou e se ateve ao ponto de vista da união pelo ânus. Ao dizer que a rejeitou, o significado imediato da expressão é que não quis saber dela, no sentido de que a reprimiu [*Verdrängung*]. Com isso não se pronunciava nenhum juízo sobre a exigência, mas era como se não existisse. Mas essa postura não podia ser a definitiva, nem mesmo no período de sua neurose infantil. Depois se encontraram boas provas de que ele havia reconhecido a castração como um fato. Também nesse ponto ele se comportou como era peculiar à sua natureza, o que nos dificulta extraordinariamente a exposição e a empatia. Primeiro ele se rebelou e depois cedeu, mas uma reação não suprimiu a outra. Afinal, coexistiam nele duas correntes opostas, das quais uma abominava a castração, e a outra se dispunha a aceitá-la e consolar-se com a feminilidade como substituto. A terceira, a mais antiga e profunda, que simplesmente rejeitara a castração, em que o juízo sobre a sua realidade não chegou à consideração, ainda podia certamente ser ativada. Desse mesmo paciente eu já comuniquei, em outro lugar, uma alucinação que teve aos cinco anos de idade. (Freud, 1918[1914]/2010, p. 114)

¹² A descrição da cena que Pankejeff teria feito a Freud aparece assim nas palavras do analista: “Quando eu tinha cinco anos de idade, brincava no jardim da casa ao lado de minha babá e com meu canivete fazia um corte na casca de uma das nogueiras que também aparecem no meu sonho. De repente notei, com terror indizível, que havia cortado o dedo mínimo da mão (direita ou esquerda?), de forma que ele estava preso somente pela pele. Não sentia nenhuma dor, mas uma grande angústia. Não me atrevi a dizer nada a babá, que estava a poucos passos de distância; caí sobre o banco mais próximo e lá fiquei sentado, incapaz de olhar uma vez mais para o dedo. Finalmente me tranquilizei, dei uma olhada no dedo, e vi que estava ileso” (Freud, 1918[1914]/2010, p. 115).

Nessa alucinação, o julgamento sobre a castração estaria ausente, restando apenas um buraco anterior a toda possibilidade de negação e recalque. O que sobra é apenas um vazio, diferentemente do que ocorre quando o pênis, objeto de desejo, “se torna o *símbolo* por excelência, *esse termo em torno do qual tudo se ordena* e tenta unir-se” (Leclaire, 2001, p. 182). No que se refere a esse episódio, Cromberg (2010) esclarece o seguinte:

Nesta realidade imaginária, sem referência simbólica, aparece este conceito de uma pequena coisa que poderia ser separada do corpo, o pênis alterado primitivamente em seu valor simbólico. No Homem dos Lobos é o homem-pai, em sua função simbólica, que é foracluído, em relação ao qual ele poderia ter-se tornado verdadeiramente possuidor de um pênis. (p. 137)

Na ausência da incidência simbólica da função do pai, o imaginário predomina, ou seja, ele fica agarrado à imagem do pai concreto e onipotente sem possibilidade de separação, simbolização da falta e deslocamento para investimentos fora dessa relação. Em meio a esse cenário, podemos nos questionar como então se caracterizaria a relação de Pankejeff com os elementos da equação simbólica, do *conceito inconsciente* – fezes, criança e pênis –, uma vez que justamente a noção desse conceito inconsciente permite que um símbolo possa vir a substituir os outros elementos dessa equação. Algum esclarecimento pode advir se levarmos em consideração o papel central que esse conceito representa para o processo de sublimação, pois, nas palavras de Loffredo (2014), os elementos se prestariam a ser “vias de ligação por meio das quais podem ocorrer deslocamento e intensificações do investimento libidinal” (p. 292).

Como vimos logo acima, as fezes são equiparadas a *presentes*, como observa Freud (1917/2010):

O excremento é o primeiro *presente*, uma parte de seu corpo, da qual o bebê se separa apenas por injunção da pessoa amada, com a qual ele espontaneamente lhe demonstra sua ternura, pois via de regra ele não suja pessoas estranhas. (p. 258)

Essa noção de presente é crucial para a compreensão da lógica da sublimação, uma vez que “não se trata nem de sua realidade material nem da fantasia erótica vinculada a uma zona erógena-fonte, mas de seu *endereçamento* para suas formas *sublimadas* – dinheiro, presente” (Loffredo, 2014, p. 295). Mijolla-Mellor (2012), no capítulo “Ce qu’est la

sublimation pour Freud” de seu livro *Traité de la sublimation*, desenvolve essa ideia de uma sublimação a partir do *conceito inconsciente*, articulada à castração:

É portanto sobre a castração, a possibilidade de reconhecer a pequena coisa destacável do corpo e de fazer dela o objeto de uma troca de um dom, que repousa a transposição, tanto da pulsão quanto do objeto e da meta, pela qual Freud define a sublimação (apud Loffredo, 2014, p. 295).

Com isso, fica evidente a complexidade em torno dos *presentes* que circularam entre Freud e Pankejeff. Ao longo da história clínica, há inúmeras situações que poderiam ser compreendidas a partir da perspectiva acima explicitada: a ameaça de defecar na cabeça de Freud logo após a primeira sessão; o material da história infantil oferecido a Freud; a figura egípcia dada de presente ao analista no final da análise; bem como a soma de dinheiro que o russo recebia anualmente das mãos de Freud, entre 1920 e 1926.

Todas essas *trocas* de presentes poderiam ser reconhecidas ora como um destino possível da sublimação, como uma troca simbólica e como o reconhecimento da alteridade, ora como um ponto de fixação narcísica, a depender da maneira como a castração fosse enfrentada. Assim, os destinos do investimento nessa pequena coisa separável do corpo, os destinos desse *conceito inconsciente*, que apareciam nos presentes trocados, são de extrema relevância e merecem destaque. Em outras palavras, dependendo de como a castração e a falta fossem encaradas pelo jovem russo, a relação com seu analista poderia se configurar ora no sentido de uma ligação fusional, próxima da fascinação e da idealização, num nível imaginário, ora com maior liberdade apontando para alternativas sublimatórias, com a dessexualização e o deslocamento pulsional, encontrando expressão nas trocas simbólicas.

O desfecho da análise: a transferência não dissolvida

A maneira como se deu o desfecho da análise, em 1914, e algumas notícias sobre o posterior encontro dos dois, que se deu em 1919, pode iluminar as reflexões que percorremos até o momento. Na última página do relato do caso, uma nota de rodapé, acrescentada em 1923, permite que tomemos conhecimento da transferência não superada por parte do russo, que prosseguiu com a influência do médico depois de encerrada a análise, mas, surpreendentemente, ela teria sido demovida em poucos meses de trabalho:

Eu lhe dei alta, curado, a meu ver, poucas semanas antes da inesperada irrupção da Guerra Mundial, e só o vi novamente quando, com as vicissitudes da guerra, as Potências Centrais tiveram acesso à Rússia meridional. Ele veio então a Viena, e contou que imediatamente após o fim do tratamento foi tomado do empenho de se livrar da influência do médico. Em alguns meses de trabalho ele dominou uma parcela da transferência ainda não superada; desde então o paciente, ao qual a guerra havia roubado a pátria, a riqueza e todas as relações familiares, sentiu-se normal e comportou-se impecavelmente. Talvez precisamente a sua miséria, ao satisfazer o seu sentimento de culpa, tenha contribuído para firmar seu restabelecimento. (Freud, 1918[1914]/2010, p. 160)

Se não foi tarefa fácil para o russo livrar-se da influência de seu analista já naquela ocasião, contrapondo-se ao tom otimista de seu analista, que parecia – ou desejaria – vê-lo “curado” (Freud, 1918[1914]/2010, p. 160), o retorno à análise, cinco anos depois, se deu em circunstâncias ainda mais complexas. Pela leitura dos relatos, não fica clara de quem era a motivação para essa segunda análise, pois Pankejeff afirma, em uma carta a Gardiner, em setembro de 1970, que teria sido uma vontade do próprio analista aceita-lo novamente em análise sem qualquer remuneração:

Minha nova análise em 1919 não se deu por minha demanda, mas pelo desejo do próprio Professor Freud. Quando eu expliquei a ele que eu não poderia pagar por esse tratamento, ele expressou sua prontidão para me analisar sem remuneração [itálicos nossos]. (Pankejeff, 1971, p. 142)

Na nota de rodapé não há evidência que nos permite supor que o vienense tivesse qualquer interesse pessoal pela continuação do tratamento para além da demanda do próprio analisando, em função de sua forte transferência não dissolvida. No entanto, é notória a enorme consideração de Freud por seu analisando, como podemos concluir, por exemplo, a partir da leitura desse pequeno fragmento dos escritos de Deutsch (1973), que havia iniciado sua análise com Freud em 1918:

Minha análise terminou bastante abruptamente cerca de um ano depois, quando Freud disse para mim, com absoluta sinceridade, que precisava do meu horário para o “Homem dos Lobos”, que, depois de uma interrupção, *tinha voltado para continuar sua análise*. Freud me disse, “você não precisa de mais nada; você não é uma neurótica.” *Eu sabia desse paciente e me dei conta de que ele era a fonte de importantes descobertas para a psicanálise*. Eu me considerei madura suficiente para então reagir a essa situação objetivamente, sem trazer meus problemas transferenciais [itálicos nossos]. (p. 133)

Essas duas versões do mesmo fato indicam uma aparente inversão de papéis, e que, novamente, apenas nos remetem a uma imagem espelhada de analista e analisando. Nessa confusão, a posição do analista seria oposta àquela que idealmente deveria procurar ocupar, como opina Fédida (1988):

No real de seu trabalho ele [o analista] não está exatamente no lugar simétrico que o espelho *parece* reproduzir e no qual o paciente parece tomá-lo. Mas, graças à posição dissimétrica, que, aliás, é a imagem virtual do espelho, o trabalho psíquico pode-se operar. *Se houvesse unicamente simetria, haveria fascinação recíproca e a parada do trabalho analítico seria inevitável* [itálicos nossos]. (p. 65)

Ou seja, a relação simétrica e de dupla fascinação, que supomos ter ocorrido entre os dois, certamente se encaminha para a interrupção do trabalho de análise. Dois fatores não devem passar despercebidos: esse segundo momento da análise se deu sem nenhum pagamento, e Freud recolhe dos colegas uma soma de dinheiro, entre 1920 e 1926, para entregar ao russo, que se encontrava em situação de penúria, com a perda da fortuna familiar durante a Revolução Russa. O dia em que recebia essa quantia era ansiosamente esperado por Pankejeff, como descreve Brunswick (1928/1971), ao tratar dos significados libidinais dos *presentes* ao longo da história do analisando. Essa quantia de dinheiro teve um papel extremamente relevante e satisfatório:

a passividade inconsciente que permaneceu não resolvida depois da primeira análise encontrou uma fonte de satisfação nessas doações. Se o paciente tivesse curado sua atitude feminina relacionada ao pai, como parecia, essas contribuições estariam desprovidas de significado emocional. (p. 303)

O Homem dos Lobos faz uma longa e emotiva descrição do presente que escolhera para dar ao analista em 1914, como uma solução que o último encontrara para diminuir a força da ligação de seu analisando no momento da despedida. As palavras reproduzidas abaixo reiteram o quanto essas trocas eram investidas libidinalmente e, possivelmente, despossuídas do seu valor simbólico:

Durante as semanas anteriores ao final de minha análise, falamos frequentemente do perigo do paciente sentir um vínculo muito forte com o terapeuta. Se o paciente permanece “preso” na transferência, o sucesso do tratamento não é duradouro, porque logo fica evidente que a neurose original foi substituída por uma outra. Desta forma, Freud era da opinião de que no fim do tratamento um *presente* dado pelo paciente poderia contribuir, *num ato simbólico*, para diminuir o sentimento de gratidão e sua consequente *dependência* do médico. Concordamos então que eu daria a Freud algo de *lembrança*. Como eu sabia da sua paixão pela arqueologia, o presente que escolhi para ele era uma figura egípcia feminina, que tinha um adorno na cabeça no formato de um turbante. Freud a colocou em sua mesa. Vinte anos mais tarde, folheando uma revista, vi uma fotografia de Freud na sua mesa. ‘Minha’ egípcia *imediatamente* me chamou a atenção, a figura que para mim simbolizava Freud. *Ele mesmo me chamava de ‘uma peça de psicanálise’* [itálicos nossos]. (Pankejeff, 1971, pp. 149-150)

Não deixa de haver um dado de realidade na crença do Homem dos Lobos de que *ele mesmo* era uma peça da psicanálise e o favorito de Freud. Em outras palavras, seria possível levantar a hipótese de que Freud, ele mesmo, teria mantido um investimento libidinal em seu analisando, dificultando assim o processo de separação da dupla. É possível indagar quais eram os interesses em tratá-lo sem qualquer remuneração financeira: certamente, recebeu, como “presente” do jovem russo, um valioso material que lhe possibilitou argumentar contra Jung e Adler, além do caso ter sido objeto de sua importante publicação em 1918 e estimulado outras tantas formulações teóricas.

A forte ligação da parte do Homem dos Lobos continuou a reverberar por anos e foi exatamente o foco de sua segunda análise com Brunswick (1928/1971), que teve início em 1926. É relevante marcar o quanto essa segunda análise se deu em meio a uma complexidade de relações, já que Brunswick era ela mesma analisanda de Freud naquela época e foi sua amiga íntima até o final da vida dele. Não temos notícias suficientes do que pode ter representado para ela, nesse momento, ser analista de um importante ex-analisando de seu próprio analista, por ele encaminhado, mas certamente não estaria isenta de seus próprios sentimentos com relação aos dois homens e à relação que havia entre eles. Apesar dessa complicação, ela mesma afirma que se colocou em um papel de pura mediadora entre os dois, trabalhando para a dissolução da fixação que havia ali:

Para este paciente, análise era Freud. Era como se estivesse presente somente um tanto suficiente da influência do pai para que o tratamento fosse eficaz. Se tivesse ocorrido maior influência, provavelmente teria sido fatal para o tratamento. Ficará claro durante a presente análise que o meu papel era quase desprezível; eu agi simplesmente como uma mediadora entre o paciente e Freud [itálicos nossos]. (p. 306)

Supõe-se que Brunswick tenha exercido um papel fundamental na análise de Pankejeff, ao interpor-se entre os dois homens e trabalhar para a dissolução da transferência, como um terceiro que corta uma relação fusional, dando palavras e testemunho para aquilo que os dois haviam experimentado juntos.

A força da ligação transferencial não parece ter assustado apenas Pankejeff, pois Freud não se mostrava tão disposto a aturar o que para ele representava um fardo no trabalho analítico, como escreve em carta ao pastor Pfister, datada de 5 de junho de 1910:

a transferência, aliás, é uma cruz. O teimoso aspecto indomável da doença, devido ao qual abandonamos a sugestão indireta e a sugestão hipnótica direta, também não se deixa eliminar totalmente pela psicanálise, mas apenas limitar, e seu remanescente vem à luz na transferência. *Este resto geralmente é bem considerável e, então, muitas vezes, as regras falham. É preciso orientar-se pelas particularidades do doente, e também não se deve abandonar totalmente seu próprio modo de ser.* No geral, penso, como Stekel, que o paciente deve ser mantido na abstinência, no amor infeliz, o que não é plenamente possível [itálicos nossos]. (Freud, 2009/[1910], pp. 53-54)

Nessa carta, ressalta-se o quanto a transferência, esse aspecto teimoso e indomável, tem um potencial para colocar em xeque não só as regras, mas também a própria maneira de ser do analista. Apesar desse fardo, a análise depende da batalha transferencial, desse campo de ligação libidinal entre analista e analisando, que ao mesmo tempo coloca em risco o andamento da análise, pois a transferência toca o analista em seu íntimo e ele facilmente pode perder a si mesmo.

Freud teria dispensado de bom grado o peso da transferência amorosa, sexual, assim como a transferência negativa, sendo para ele mais suportável lidar com a transferência terna. Tal reserva de Freud se mostra justificável, pois a transferência pode, sim, ser esse fardo, como observa Pontalis (1991), em seu texto “Essa transferência chamada negativa”, ao tratar das paixões em análise:

Refere-se, convém notarmos, tanto ao *amor* transferencial quanto ao *ódio* transferencial, ou seja, a qualquer forma de paixão que resista, por natureza, à análise, sendo esta um movimento e um movimento sem objeto, ao passo que a paixão, em seus tormentos, seus altos e baixos, imobiliza-se num objeto. (p.75)

Apesar dessas paixões ficarem imobilizadas no objeto, estancando qualquer movimento e mudança, essas experiências que se reatualizam na análise, e que convocam os sentimentos de raiva, cólera, vingança etc., não são verdadeiramente negativas e nem há como serem evitadas, e tampouco seriam negativos os ataques diretos ou indiretos ao analista, que o colocariam à prova. O que há de verdadeiramente negativo

São os ataques, na maioria das vezes silenciosos, contra *a análise*, contra a atividade de pensamento, tanto do paciente quanto do analista. Diríamos, nesse caso, que o vínculo transferencial é tão maciço que proíbe qualquer *ligação e desligamento*. A transferência para o objeto passa a constituir um obstáculo às transferências das representações. Há transferências, qualificadas de positivas, que negam a análise, ou que a tornam sem fim e sem começo: sobretudo, não acontece nada! São essas as coisas que legitimamente poderíamos considerar negativas. (pp. 76-77)

Logo, o que de verdadeiramente é negativo para o trabalho da análise é a transferência maciça que se imobiliza no objeto, como no caso do fascínio, que não admite o desligamento nem novas ligações. Em tal relação, os afetos de amor e ódio, que ficam evidentemente exacerbados, provocam atração ou repulsa. O fundamento dessa experiência do negativo, de amor e ódio extremos, está vinculado a uma problemática existencial, em que há uma busca pela união com o que Pontalis (1991) chama de *mãe arcaica*, ao que é da ordem do inalcançável, do inconquistável, para além daquilo que foi uma vez perdido:

ali onde o sujeito só se sente existir numa relação secreta, apaixonada, com o objeto primário amado-odiado, amado e odiado de maneira igualmente desmedida. Esse objeto, esse lugar de atração e repulsa inextricavelmente unidas, para dar-lhe um nome, nós o chamamos 'mãe arcaica', e é fato que ele certamente tem a ver com a mãe, porém menos com sua figura real ou imaginária do que com seu desconhecido, seu desconhecido íntimo, que não é seu desejo, mas aquilo que a *ocupa* por dentro e que fica eternamente fora de qualquer alcance; é o inacessível, o inconquistável, mais do que o perdido, ao qual não há como renunciar. Seria o mesmo que aceitar ser despojado de si. Como compreender que, para alguns, abandonar sua dor não seja viver, mas morrer? Saberemos ainda pensar o mal? Fazer uma ideia do que vem a ser a possessão? (p. 77)

Assim, apesar da paixão se colocar como verdadeiramente negativa, é ela que faz o sujeito sentir-se existindo, numa relação secreta e apaixonada com esse objeto primário, esse desconhecido íntimo, porém fora de alcance. É muito interessante a relação que Cromberg (2014a) faz entre essa mãe arcaica de Pontalis (1991) e aquilo que Spielrein (1912/2014) já

havia observado a respeito da identificação com a mãe primeva, que é identificação maciça em que se quer ter a vida da mãe, ser a mãe. “É a destruição inerente a esse movimento que não cabe no princípio de prazer, já que implica a anulação da própria vida e da vida da mãe, objeto desejado, enquanto alguém separado” (Cromberg, 2014a, p. 309). É uma busca por penetrar essa mãe, pela transformação em sua fonte original, em um estado no qual não existe o tempo:

A imagem do mar (mãe) é ao mesmo tempo a imagem das profundezas do inconsciente, o qual vive concomitantemente no presente, passado e futuro, ou seja, fora do tempo, para o qual todos os lugares se fundem (transformando-se no lugar de origem) e para o qual os opostos têm o mesmo significado (Spilerein, 2912/2014, p. 234).

Voltaremos a aprofundar essa discussão no terceiro capítulo. Por hora, se observarmos o texto “A dinâmica da transferência” (Freud, 1912a/2010), veremos que já era evidente esse fator de resistência exercido, de um lado, pela transferência positiva, da ordem da paixão e de impulsos eróticos reprimidos, e de outro, pela transferência negativa. Dessa maneira, a ambivalência das inclinações afetivas, característica dos neuróticos, é a melhor forma de colocar a transferência a serviço da resistência. Esses afetos, repetidamente atualizados em análise, que oferecem as maiores dificuldades a ela, são, entretanto, o cerne de seu trabalho:

Os impulsos inconscientes não querem ser lembrados como a terapia o deseja, procurando, isto sim, reproduzir-se, de acordo com a atemporalidade e a capacidade de alucinação do inconsciente. Tal como nos sonhos, o doente atribui realidade e atualidade aos produtos do despertar de seus impulsos inconscientes; *ele quer dar corpo a suas paixões, sem considerar a situação real*. O médico quer levá-lo a inserir esses impulsos no contexto do tratamento e no da sua história, a submetê-los à consideração intelectual e conhecê-los segundo o seu valor psíquico. Essa luta entre médico e paciente, entre intelecto e vida instintual, entre conhecer e querer ‘dar corpo’, desenrola-se quase exclusivamente nos fenômenos da transferência. É nesse campo que deve ser conquistada a vitória, cuja expressão é a permanente cura da neurose. *É inegável que o controle dos fenômenos da transferência oferece as maiores dificuldades ao psicanalista, mas não se deve esquecer que justamente eles nos prestam o inestimável serviço de tornar atuais e manifestos os impulsos amorosos ocultos e esquecidos dos pacientes, pois afinal é impossível liquidar alguém in absentia ou in effigie* [itálicos nossos]. (Freud, 1912a/2010, pp. 145-146)

Conclui-se pela inevitabilidade da força dessas paixões que o analisando quer dar corpo no processo de análise, e a questão que se coloca é a maneira como podem ser manejados de modo a contribuírem para o andamento do trabalho, ou seja, como a compulsão à repetição, que atualiza os impulsos inconscientes, e que não querem ser lembrados, poderia vir a contribuir

para uma mudança psíquica? No caso em questão, não podemos dizer que estamos lidando estritamente com conteúdos reprimidos que, sem grandes dificuldades, poderiam ser lembrados e colocados em palavras. Como veremos a seguir, estamos no terreno das construções de sentido, mais do que do desvelamento daquilo que antes estava reprimido. Como ressalta Pontalis (1999), quando nos defrontamos com algo inconsciente que nos é incognoscível a princípio, com aquilo que ainda não temos palavras, e que é de difícil tradução, quando a análise parece não andar mais,

Passa-se algo de equivalente quando o paciente (isto é particularmente sensível no caso de segundas análises, sobretudo quando dizem respeito a colegas experimentados na disciplina analítica) mede a distância entre o que já explorou em todos os sentidos – sua memória, sua história, seus sonhos, sua vida fantasmática – e o quê? Ousemos a palavra: seu ser. Ele não é o que é suposto representá-lo. E de seu analista, espera, exige, outra coisa. Que este não seja somente seu intérprete ou objeto de transferência, que não pague somente com a moeda das palavras, mas que pague com sua própria pessoa. (Pontalis, 1999, p. 14)

Ora, como vimos em carta ao pastor Pfister, Freud já havia notado o quanto o próprio modo de ser do analista corre o risco de ser abandonado, ou seja, já estava no escopo de Freud, em 1910, o quanto o analista pode se ver tocado por esses afetos e vir a sofrer mudanças em seu próprio modo de ser. Essas forças que atuam tanto no próprio analista quanto no *setting* são preciosas para o jogo analítico.

É notável que precisamente no ano de 1914, Freud (1914a/2010) se mostra menos resistente ao que é da ordem da transferência e da repetição inconsciente, permitindo ao analisando viver o que só pode aparecer nessa compulsão à repetição, como escreve em “Recordar, repetir e elaborar”:

o principal meio de domar a compulsão de repetição do paciente e transformá-la no motivo para a recordação está no manejo da transferência. Tornamos esta compulsão inofensiva, e até mesmo útil, ao reconhecer-lhe o seu direito, ao lhe permitir vigorar num determinado âmbito. Nós a admitimos na transferência, como numa arena em que lhe é facultado se desenvolver em quase completa liberdade, e onde é obrigada a nos apresentar tudo o que, em matéria de instintos patogênicos, se ocultou na vida psíquica do analisando. Quando o paciente se mostra solícito a ponto de respeitar as condições básicas do tratamento, conseguimos normalmente dar um novo significado de transferência a todos os sintomas da doença. (p. 206)

Assim, o que é da ordem da repetição conquista um espaço importante na análise e é precisamente o manejo da transferência, que vem a dar corpo a essa compulsão, que possibilita a elaboração dos afetos e dos sintomas, e, conseqüentemente, permite aos investimentos ganharem novos destinos. Entretanto, para além das dificuldades que a própria transferência oferece, principalmente quando se trata das paixões que não se deslocam, nem tudo é recordado e nem todos os sintomas vêm a ganhar um novo significado de transferência, e assim, essa atualização na análise oferece especiais dificuldades para o analista, inclusive se considerarmos o mais além do princípio de prazer na compulsão à repetição.

Mesmo que todos os sintomas venham a ganhar novos significados, quando se trata de buscar a *verdade* no trabalho analítico, como ressalta Loffredo (2006), “Não há verdades imutáveis, mas, sim, um *processo de interpretação* contínuo, que jamais chegará numa origem pontual e definitiva” (p. 296). Desse modo, havia na produção teórica de Freud, um ideal de cientificidade que o levou a buscar uma verdade enquanto “*correspondência*, lançando-o na aventura da busca incessante de uma referência (‘está em alguma parte’)” (Loffredo, 2006, p. 297). Entretanto, de outro lado havia “a ênfase na plasticidade/polissemia das palavras, de que se deriva que o método analítico deve prescindir da busca das origens – da qual, ao que tudo indica, Freud nunca abriu mão completamente” (p. 297).

No momento em que a análise parece não andar mais, ou seja, quando surge algo que é da ordem do impasse, ela nos confronta com aquilo que já havia sido enunciado na “Interpretação dos sonhos” como sendo o “umbigo do sonho, o ponto onde ele mergulha no desconhecido” (Freud, 1900b[1899]/1996, p. 556), ou seja, com uma negatividade, com o “não” que é próprio do inconsciente, que Freud relutava em aceitar para garantir um futuro à sua ciência.

No caso do impasse, desse negativismo, em que há um amor e um ódio exacerbados, cujo fundamento está vinculado a essa problemática existencial, em uma busca pela *mãe arcaica*, defrontamo-nos na transferência com o desconhecido, o umbigo do sonho, que diz respeito ao que vem do analisando, e é também vivido pelo analista. Apesar do impasse nos fazer pensar na teoria, na metapsicologia e ter potencial para gerar novos paradigmas, é imprescindível não esquecer o que vem de nós mesmos, pois tais impasses têm o potencial de nos confrontar com o que há de mais íntimo em nós, e provocar o analista em sua própria carne.

Freud já havia alertado os jovens médicos de que a tarefa do analista, como contrapartida à associação livre dos analisandos, é a de escutar com seu próprio inconsciente e

a de ser capaz de tolerar em si mesmo resistências que o afastam do que foi percebido (Freud, 1912b/2010). Portanto, podemos sair do impasse, da resistência da dupla, somente se adentrarmos o território daquilo que ainda não tem nome, e mesmo que tenhamos nossa metapsicologia para poder ir e voltar, nas sessões de análise somos obrigados a ir, a mergulhar em direção daquilo que não tem forma nem figura, em meio a um campo de batalha carregado de fortes afetos.

O impasse no campo de batalha da transferência: entre sugestão e construção

As sombras da noite se dissiparam graças a uma palavra potente.

Acabou o incessante latejar dos tormentos.

Agora unidos, mesclados num só acorde, finalmente.

Meus tímidos pensamentos e tempestuosos sentimentos.

Gustav Mahler, após o encontro com Freud, em 1910, do livro *Um por um* (Brown, 2014),

Há uma discussão sobre a sugestão, e até onde o analisando seria acessível a ela, no texto “Observações sobre a teoria e a prática da interpretação” (Freud, 1923d/2011). Com relação ao trabalho de formação dos sonhos, o analista jamais teria o poder de influenciá-lo, no entanto, a sugestão seria contundente para o que chama de sonhos confirmadores, que reproduzem as vivências esquecidas uma vez que são comunicadas ao analisando. É interessante que tais sonhos ocorreriam com mais frequência precisamente em analisandos cuja principal fonte de resistência é a dúvida, uma característica relevante de Pankejeff.

E justamente nesse texto é apresentado em detalhes um diálogo que Freud teve com seu analisando russo: este lhe pergunta se a harmonia que havia entre as conjecturas de seu analista e seus sonhos confirmadores não seria exclusivamente resultado de sua própria docilidade. Primeiramente, Freud argumenta que sua conduta não era exatamente dócil e que, como analista, não poderia simplesmente adivinhar os pormenores revelados nos sonhos e que diziam respeito estritamente à vida do analisando, e assim o papel da sugestão estaria eliminado na formação de tais sonhos. Insatisfeito, Pankejeff volta a defender a influência da sugestão, alegando que, como lhe fora proposto, deveria ser dócil e procurar aceitar as construções de seu analista para que então a análise tivesse algum efeito. Há um último duelo entre os dois:

Sua obsessão em contradizer ainda achou outra saída, a de que os sonhos anteriores seriam menos nítidos do que os tidos durante o tratamento, mas a mim bastou-me a concordância entre eles. Acho bom nos lembrarmos ocasionalmente que as pessoas já costumavam sonhar antes que existisse psicanálise. (Freud, 1923d/2011, p. 311)

Ao que parece, Freud se conteve no debate e adotara um tom mais conciliador: “Não tentamos calar essa dúvida com a nossa autoridade ou fulminá-la com argumentos. Ela deve permanecer, até que se resolva no prosseguimento da análise” (p. 310). No entanto, com essa negativa, fica evidente que, diante das inúmeras dúvidas e contradições de Pankejeff, o analista ficaria tentado a convocar sua *autoridade* – que é exercida tanto pelo pai da horda primitiva como pelo hipnotizador e o líder das massas. Mas essa possibilidade de utilizar seu poder é logo abandonada em favor da segurança que sobrevém ao longo do trabalho: com a construção de uma imagem, comparável a um quebra-cabeças, que não tem espaço para a peça faltante, a dúvida, o vazio e o negativo. Assim, o futuro da psicanálise estaria a salvo de qualquer crítica por falta de cientificidade ou pelo exercício do poder autoritário do analista, de modo que tudo ficaria claro para o último:

O que lhe dá segurança, por fim, é justamente a complicação da tarefa que tem à frente, comparável à solução de um desses jogos infantis chamados “quebra-cabeças”. Neles há um desenho colorido, colado a uma fina tábua de madeira inserido numa moldura, que se acha dividido em muitos pedaços de contornos sinuosos. Se conseguimos ordenar o amontoado de fragmentos, cada um dos quais mostrando um pedaço incompreensível do desenho, de modo que a imagem adquira um sentido, não haja nenhum espaço vazio e o conjunto preencha a moldura, então sabemos que a solução do quebra-cabeças foi encontrada e que não existe outra. (Freud, 1923c/2011, p. 310)

Pequenos fragmentos seriam assim encaixados a ponto de formar um sentido, sem deixar espaços para o vazio, como se soluções pudessem ser encontradas para todos os enigmas subjacentes aos sintomas e às demais produções do inconsciente. Ficaria de lado justamente o umbigo do sonho, o desconhecido, que mantinha o Homem dos Lobos distante das interpretações de seu analista, em favor de uma discussão teórica, que pudesse trazer coerência e, tamponando os elementos faltantes, chegar ao fim a um quebra-cabeças completo.

No próprio relato do caso, Freud (1918[1914]/2010) se defende do exercício de sua autoridade, mostrando que o Homem dos Lobos refuta suas sugestões. O último, por exemplo, teria se negado a associar as listras amarelas de uma borboleta de sua recordação à roupa de uma mulher com listras semelhantes, como o analista havia sugerido – claramente uma alusão

ao amarelo de sua própria lembrança encobridora¹³ (Freud, 1899/1996). “Digo isso apenas para mostrar, mediante um exemplo, como em geral é insuficiente a iniciativa do médico para a solução das questões levantadas, como é injusto responsabilizar a fantasia e a sugestão do médico pelos resultados da análise” (Freud, 1918[1914]/2010, p. 120).

Do diálogo reproduzido alguns parágrafos acima, é possível entrever uma atitude ambivalente do analisando: convivem, lado a lado, o desejo passivo de ser sugestionado e sua dúvida questionadora e resistente à análise. Da parte do analista, há também um paradoxo: entre um desejo autoritário de que seu analisando aceite suas sugestões e uma neutralidade em benefício da cientificidade do método psicanalítico.

Com relação ao papel da sugestão, apesar de ter explicitamente negado que se utilizou dela no relato da análise em questão, o texto de 1923 reafirma seus benefícios, pelo poder de estimular a produção de sonhos, que trazem muito mais material reprimido do que outros meios:

Deve haver um motor por trás dessa maior produção, uma força inconsciente que seja mais capaz de favorecer as intenções da análise durante o sono do que em outras ocasiões. *Ora, dificilmente podemos invocar outro fator que não a docilidade do paciente em relação ao analista, oriunda do complexo parental – ou seja, a parte positiva do que denominamos ‘transferência’*; e, de fato, em muitos sonhos que trazem material esquecido e reprimido não logramos descobrir nenhum outro desejo inconsciente a que se pudesse atribuir a força motriz para a formação do sonho. Portanto, se alguém quiser afirmar que a maioria dos sonhos aproveitáveis na análise é de sonhos ‘obsequiadores’ e que devem sua origem à *sugestão*, do ponto de vista da teoria psicanalítica não há o que objetar nisso [itálicos nossos]. (Freud, 1923c/2011, p. 312)

Logo, a docilidade do analisando juntamente com a sugestão do analista favoreceriam os objetivos terapêuticos. Nesse momento do debate, o leitor é remetido para a discussão feita na 28ª das “Conferências introdutórias à psicanálise” (Freud, 1917[1916-1917]/2014), em que distingue a transferência, que libera e remove algo da mente do analisando, de uma pura sugestão característica da hipnose, que oculta e dissimula, com a ajuda das palavras do médico.

¹³ Freud descreve, em “Lembranças encobridoras” (1899/1996), a cena que se fixou em sua memória, quando tinha então menos de dois anos, em que ele mesmo e seu primo caem sobre a irmã do último e arrebatam dela seu lindo buquê de flores amarelas, dentes-de-leão, e, em seguida, comem um pão preto delicioso, permanecendo-lhe desconhecido o motivo pelo qual o amarelo e o sabor do pão foram elementos que ganharam um destaque desproporcional. Em outra lembrança, de quando tinha dezessete anos, novamente aparece a cor amarela no vestido de uma jovem por quem se apaixona. Depois de uma breve análise, chega à conclusão de que nessas cenas, que lhe pareciam autênticas e inocentes, estariam representadas as fantasias ou realizações de desejo de defloração e de ganha pão, de amor e de fome. Formula que “esses falseamentos das lembranças são tendenciosos – isto é, que servem aos objetivos de recalque e deslocamento de impressões abjetáveis ou desagradáveis” (p. 304).

Apesar disso, a última tem fundamental participação no trabalho de educação, na superação das resistências e na solução dos conflitos, só que com uma ressalva: “A solução de seus conflitos e a superação de suas resistências *só têm êxito quando lhe transmitimos ideias antecipatórias que correspondem à sua realidade interior*” [itálicos nossos] (p. 599). Portanto, seu aspecto positivo não estaria nessa sugestão que dissimula, mas sim na que auxilia a superar as resistências:

é necessário que a própria transferência seja demolida; se, então, o êxito sobrevém ou se mantém, não se baseia na sugestão, mas na superação das resistências internas efetuadas com sua ajuda, na modificação interior produzida no paciente. (p. 599)

A própria demolição da transferência seria fundamental para o êxito. Anos antes, em carta ao pastor Pfister datada de 9 de fevereiro de 1909, Freud (2009/[1909]) afirma que se defrontava com dificuldades precisamente na dissolução da transferência. Os psicanalistas e analisandos ateus, que não têm a religião como uma saída sublimatória, teriam mais dificuldades nessa tarefa, diferentemente de Pfister, que tinha a religião a seu favor, como um destino pulsional alternativo à transferência, que permitiria aos analisandos encontrar novamente a satisfação.

Sem menosprezar a importância da dissolução da transferência, que certamente deve sobrevir, o lado que parece estar oculto dessa citação acima é, precisamente, o valor da sugestão ao longo da análise que, como uma transferência positiva, permite ao analista influenciar o analisando até onde ele for acessível a isso. Sugestão e transferência, ambos aspectos que viabilizam o tratamento, em função da ligação libidinal ao analista, mas que deveriam ser dissolvidos ao final do tratamento.

A sugestão, mais uma vez, é destituída de sua importância, pois a transferência negativa, hostil – evidentemente evitada por Freud – restringiria seu poder de influência. Mas ela logo volta a participar de maneira decisiva:

Na primeira [fase], toda a libido é obrigada a passar dos sintomas para a transferência e é lá concentrada; na segunda, trava-se a luta pelo novo objeto, e a libido é dele libertada. A modificação decisiva para o bom desenlace é a exclusão da repressão nesse conflito renovado, de maneira que a libido não pode, mais uma vez, subtrair-se ao Eu mediante a fuga para o inconsciente. *Isso é possibilitado pela modificação do Eu, realizada sob influência da sugestão médica.* Graças ao trabalho de interpretação, que transforma o que é inconsciente em

consciente, o Eu é ampliado à custa desse inconsciente; por meio da instrução, ele se torna conciliador em relação a libido, e inclinado a conceder-lhe alguma satisfação; seu medo ante as exigências da libido é reduzido mediante a possibilidade de ele dar conta de uma parte da libido através da sublimação [*itálicos nossos*]. (p. 602)

Não só não é abandonada, como a sugestão exerce um papel essencial no que diz respeito à modificação do Eu, que se torna conciliador em relação à libido, que foi então direcionada ao analista, e pode encontrar uma saída sublimatória. Assim, sua dificuldade estaria mais centrada tanto na maneira como é trabalhada essa libido, para que então o Eu possa dela se assenhorar, bem como em sua dissolução.

Como visto anteriormente, a figura do pai é essencial como um modelo, é com ele que se estabelece a identificação, a mais elementar ligação libidinal, e é o que permite a aquisição de suas qualidades. À sua figura é inerente o poder de sugestão, e a docilidade de um filho – sua sede de submissão – favorece tal relação. A partir disso, não parece estranha a proposta que se apresenta em uma nota de rodapé de “O Eu e o id” (1923c/2011) de a pessoa do analista se permitir ser colocada pelo analisando no lugar do ideal do Eu. No entanto, tal atitude logo é refutada, pois implicaria condenáveis riscos de o analista ocupar o lugar de profeta. Freud explica que essa situação ocorreria, principalmente, no contexto da dinâmica melancólica, em que o forte e resistente sentimento de culpa é tomado de empréstimo em função da identificação com outra pessoa, e representa o único vestígio do que foi o objeto de investimento erótico, daquela relação amorosa abandonada. Nesses casos, o analista teria a oportunidade de influenciar o analisando ao se colocar no lugar de seu ideal do Eu e, portanto, seria uma chance para uma nova relação se estabelecer com a pessoa do analista:

Talvez dependa também de a pessoa do analista permitir que seja colocada, pelo doente, no lugar de seu ideal do Eu; e a isto se relaciona a tentação de desempenhar, ante o paciente, o papel de profeta, salvador de almas, redentor. Como as regras da análise se opõem resolutamente a essa utilização da personalidade médica, há que honestamente conceder aí um novo limite à ação da psicanálise, que, afinal, deve proporcionar ao Eu do paciente a liberdade de decidir de uma ou outra maneira, e não tornar impossíveis as reações patológicas. (Freud, 1923c/2011, p. 63)

Novamente, o que está em jogo é a adesão total à influência de uma personalidade forte e potente versus a liberdade que deveria ser conferida aos investimentos pulsionais. Voltando à “28ª Conferência”, ali é postulado o que seria decisivo para o trabalho analítico: é

justamente o que se dá na transferência, nas novas edições do velho conflito que surgem na relação com o analista, constituindo-se um verdadeiro campo de batalha:

em que o paciente gostaria de se comportar como fez no passado, enquanto nós, mediante o emprego de todas as forças psíquicas disponíveis, o obrigamos a tomar uma outra decisão. A transferência se torna, pois, o campo de batalha em que devem se encontrar todas as forças que lutam entre si. (Freud, (1917[1916-1917]/2014), p. 601)

Toda a libido que estava subtraída ao Eu deve ser *atraída* para o analista, para que então o trabalho analítico a realoque, e isso ocorre em meio à luta entre os investimentos libidinais e o Eu. O fortalecimento do Eu é o fator determinante, como fica claro no texto “Análise terminável e interminável” (1937a/2018): ali, em uma nota de rodapé, a saúde é definida levando-se em consideração o aspecto dinâmico das instâncias psíquicas. “A saúde pode ser definida apenas de maneira metapsicológica, com referência a relações de forças entre as instâncias do aparelho psíquico por nós reconhecidas ou, se preferirem, deduzidas, conjecturadas” (p. 288). Resulta disso, portanto, o papel crucial da sugestão nesse campo de batalha, pois ela exerce um papel fundamental no fortalecimento da instância psíquica do Eu, que, como apresentado nesse texto tardio da obra freudiana, em 1937, é um fator primordial para a saúde.

O analista, como mediador nessa luta, teria ao seu dispor, além da transferência e da construção, a sugestão. Freud sempre se preocupou com os perigos da sugestão como uma *via de porre* (Freud, 1905b/2016), mas é, precisamente no precioso texto de 1937, “Construções na análise”, que tal risco é amenizado:

O perigo de desencaminhar o paciente pela sugestão, ao “persuadi-lo” de coisas em que nós mesmos acreditamos, mas que ele não deveria aceitar, tem sido enormemente exagerado, sem dúvida. O analista teria de proceder muito incorretamente para que tal infortúnio lhe acontecesse; teria de se repreender, sobretudo, por não haver deixado o paciente se exprimir. Posso afirmar, sem vangloriar-me, que nunca houve tal abuso da “sugestão” em minha prática. (Freud, 1937b/2018, p. 334)

Nesse texto, o recurso da construção é comparado ao trabalho do arqueólogo, mas apresentaria uma desvantagem na comparação com último: não se sabe o que se deve construir, pois o material psíquico sobre o qual o analista se debruça é complexo e seu conhecimento não

está suficientemente preparado para o que se deve encontrar. A construção deveria ser feita paulatinamente, comunicando ao analisando cada formulação à qual se tenha chegado, e a correção ou inutilidade de uma construção só o tempo poderia dizer, em função do *efeito* que ela tenha produzido.

Esse efeito só pode acontecer quando se “restituir uma *parcela* da história perdida da vida” [itálico nosso] (p. 286) – exatamente o que deveria ocorrer na sugestão, como visto acima nas conferências introdutórias, que antecipa algo já presente no analisando. Ora, é importante notar que se apenas um fragmento, uma parcela, do que está perdido é responsável pelo efeito que uma construção produz, isso afinal quer dizer que o analisando nunca se lembra *por completo* da própria história, nem pode dizê-la de modo definitivo. Como argumenta Silva Junior (2000):

Assim, nem o analista pode construí-la, nem o paciente pode apoderar-se inteiramente da verdade histórica que a constitui a partir do inconsciente. Tal verdade histórica é em si mesma uma criação do inconsciente, durante o processo analítico. Enquanto criação pelo processo analítico, a historicidade do sujeito freudiano é essencialmente não um *dado concreto*, mas sim um *produto do sentido*. (p. 47)

A partir disso, é possível concluir que a sugestão, juntamente com a transferência e a construção, contribui para tal construção dos sentidos que produz a historicidade do sujeito. Em alguns casos, assim como a figura do pai, o analista poderia se oferecer como um modelo e, com a identificação e a formação dos ideais, auxiliar na constituição e fortalecimento da instância egoica, fator imprescindível para a saúde. Com a condição de que o analista se prestaria a ser um *modelo para ser usado, mas também abandonado*.

Em algumas análises, com sujeitos em que a constituição narcísica está evidentemente prejudicada, a função estruturante exercida pelo analista, que se prestaria a ser um modelo e mestre, pode vir a ser mais necessária. Mais do que relembrar e remover o recalque, há que se considerar a *via de porre* como uma alternativa, sem minimizar os riscos que ela apresenta.

Ante as dificuldades encontradas na análise com o Homem dos Lobos, Freud recorreu à construção da cena primária. Foi exatamente para discutir o valor de realidade dessa cena que em 1918, o ano da publicação do texto, fez alguns acréscimos precisamente nessa parte do relato, encerrando a discussão com um “*non liquet*” (p. 82) – utilizado pelo direito romano

quando uma decisão não pode ser tomada ao final de um julgamento, pois as provas eram insuficientes – não estava claro! Não surpreende a presença da seguinte afirmação:

Naturalmente a terapia psicanalítica não pode, em perturbações como essa, produzir uma reviravolta momentânea e algo equivalente a um desenvolvimento normal, mas apenas eliminar os obstáculos e aplanar os caminhos, para que os influxos da vida possam obter um desenvolvimento em melhor direção. (Freud, 1918[1914]/2010), p. 156)

Naquele tratamento, Freud se utilizou, além da transferência e da interpretação, de sugestão e construção. Isso resolveria, em partes, as questões levantadas no diálogo que ambos tiveram, e que aparece no texto de 1923, como vimos acima, que procurava eliminar a dúvida sobre a participação ou não do analista, em sua autoridade e poder de sugestão – ou ainda o desejo de ambos por tal participação –, frente àquilo que deveria somente advir do analisando. Concluímos que a construção dos sentidos é conjunta, assim como é inevitável a contribuição do analista com sua sugestão, personalidade, figurabilidade e construção.

O recurso da construção, que conduziu ambos à aceitação da fantasia da cena primária, teve uma enorme participação do que seria próprio ao analista. Havia uma preocupação com a cientificidade da disciplina que estava nascendo, que buscava as origens, com uma preocupação quanto à objetividade científica da psicanálise, que, como sabemos, procurava encontrar o núcleo e as causas. O que encontramos, como escreve Mahony (1992), na descrição e na análise de Freud do sonho da cena primária do analisando seriam derivados da cena primária do próprio analista. Naquela relação,

Havia um clima de sugestão e decepção mútua; e, ousar dizer, a concepção particular e bizarra de uma cena primária impossível fisicamente é a aceitação mútua por parte do analista e do paciente, uma sedução recíproca pela qual, repetindo, o paciente reclinado se deixa ser penetrado, *more ferarum*, pelas fantasias vindas de trás. (p. 159)

Algumas análises talvez nos convoquem a participar mais ativamente com nossa carne e nosso pensamento, o que não significa que estamos assim negligenciando o analisando em sua alteridade. Sua liberdade de escolhas, sua individualidade e suas diferenças para com o analista devem ser tomadas como um bem último em nossa conduta e preservadas de nossa

influência, sendo esse um verdadeiro desafio em nossa prática e que merece a nossa mais atenta apreciação.

Em casos como o do Homem dos Lobos, conclui-se que a dissolução da transferência ofereceria uma dificuldade a mais, dada a enorme dependência ao analista e àquilo que ele oferece, seja por meio da sugestão, seja por meio de sua própria pessoa, que se apresentaria como uma alternativa para um novo ideal do Eu. Com isso, a libido ficaria menos livre e disponível para novos investimentos, o que incorreria, sim, no arriscado papel de profeta, caso não venha também a promover a falta, a separação, a diferença e a liberdade de escolhas, sendo a sublimação uma saída privilegiada.

Uma união violenta e necessária para a alteridade

Em casos como o que estamos estudando, essa discussão sobre a técnica e os seus recursos nos remete às ideias de Aulagnier (1979) a respeito do discurso materno, que seria o exemplo paradigmático do que chama de *violência primária*, pois oferece uma significação que é formulada *no lugar* do *infans*, precisamente em um momento em que o *infans* ainda não tem possibilidade de respostas. Como argumenta em seu livro *A violência da interpretação*, a oferta precede a demanda.

Mesmo sem ter condições de responder, as produções psíquicas da mãe acabam por provocar no *infans* uma atividade psíquica, que num efeito de antecipação, resultam numa pré-resposta que vem a “*forjar uma representação de si mesma a partir dos efeitos deste encontro, cuja frequência é uma exigência vital*” [itálicos nossos] (p. 35). Em outras palavras, nesse encontro há uma violência necessária, agenciada pelo Eu de um outro, que é um “tributo que a atividade psíquica paga para preparar o acesso a um modo de organização que se fará em detrimento do prazer e em benefício da construção da instância chamada Eu” (p. 36).

É somente com essa representação de si e a construção da instância do Eu que se pode ganhar certa autonomia, se apropriar da atividade do pensamento e se relacionar com outros sujeitos que se reconhecem com direitos iguais. Nesse momento, a vontade e a palavra de terceiros não adquirem mais os poderes que se impõe sobre os demais, caso contrário pode haver uma violência secundária, que transforma aquilo que é desejado por quem exerce a violência exatamente naquilo que é demandado pelo outro, unindo o registro do desejo de um com o registro da necessidade de outro. De uma forma velada, portanto, a violência secundária

expropria o direito de existir, e o Eu passa a funcionar somente quando existe no exterior *realmente* um Outro, real, que lhe serve de prótese e fundamento.

Esse encontro com o heterogêneo, que é da ordem da necessidade, ocorre num momento paradigmático da separação de dois espaços psíquicos. A função de prótese que o psiquismo materno exerce é representada pela imagem da união seio-boca, que traz elementos para pensar a complexidade desse primeiro encontro: “no momento em que a boca encontra o seio, ela encontra e absorve um primeiro gole do mundo. Afeto, sentido e cultura estão co-presentes e são responsáveis pelo gosto das primeiras gotas de leite que o *infans* toma” (p. 40). Desse encontro, deve emergir a separação entre dois espaços psíquicos, nos quais “um mesmo objeto, uma mesma experiência de encontro, vão se inscrever utilizando duas escritas e dois esquemas relacionais diferentes” (p. 40). Nesse momento constitutivo, há uma união necessária de dois psiquismos, no entanto, a separação deles é imprescindível: o psiquismo se constitui nessa dependência violenta, para que possa então se separar e se tornar autônomo. Apesar de sempre incompleta, há uma aproximação com a reflexão analítica, pois encontra a mesma dificuldade:

a de ter que separar o inseparável. Trata-se de uma metodologia imposta ao discurso, porém sua presença deve ser conscientemente recordada como uma advertência quanto ao preço que devemos pagar, no momento em que cortamos arbitrariamente o cordão umbilical que liga esses dois psiquismos. (p. 140)

Dessa articulação sobre a violência primária constitutiva de um psiquismo, é possível supor que a sugestão e a construção se dão nesse limiar: é necessário o violento encontro, para que então o analisando se aproprie de sua história, desenvolva uma estrutura egoica, e então assuma a direção de sua libido. Esse momento, de união e separação, remete à dinâmica observada por Green (1964, 1993) na problemática da analidade primária, em que há o início do reconhecimento de uma alteridade, mas uma dificuldade frente às diferenças que o objeto possa vir a representar.

Jullien (2016) desenvolve uma noção, que ele chama de *íntimo*, como a única forma de viver a dois. Para prevenir a situação de enclausuramento, numa convivência que pode levar à morte, deve ser guardada uma distância entre dois corpos, que constitui o espaço do *entre*, um espaço compartilhado, permitindo que o outro seja encontrado em sua alteridade, como um jogo entre os dois corpos. Há que se evitar que o fora não esteja mais em condições de reavivar o

dentro, deixando que o desejo morra pela convivência. Para que a vida se mantenha, é necessário resgatar o contrário da indiferença – e o que lhe é contraditório –, a *violência*: “que reclama e que necessita o desejo. Eros exige que o Outro seja tratado e mantido como estrangeiro, que não se pactue com ele” (Jullien, 2016, p. 182).

Logo, viver se torna uma aventura, um encontro com o heterogêneo. Como adverte Jullien (2016), já não se conhece de antemão e já não há mais possibilidade de controle, supostamente exercido por um Eu, outrora confinado em si mesmo. Assim, a reinvenção da vida sai da seguridade e a relação instaurada não se ameniza, ao contrário, ela é agudizada e brutal: que a fronteira seja exacerbada, exibida, para que possa ser, em igual medida, rompida. Dessa maneira, a agressividade exerce um papel fundamental para que se constitua e se mantenha a fronteira entre o dentro e o fora, para que o fora possa alimentar o dentro, trazendo-lhe vida.

Para que se constitua o psiquismo, deve haver esse violento encontro, com certa dose de passividade e dependência, com o prazer que lhe é inerente. Para que se constitua a individualidade, a liberdade e a autonomia do Eu, deve haver espaço para a agressividade, o ódio, mantendo viva a fronteira e a alteridade, que alimenta a falta e o desejo. Há que se misturar, mas deve haver a separação, a fronteira, que garante o espaço para a alteridade e, novamente, o encontro. Não deixa de ser paradoxal esse lugar que é de encontro e ao mesmo tempo é violento, traz palavra, desejo e vida.

Capítulo 2 – Elementos de uma melancolia crônica

Como analistas, nós podemos estar em plena posse dos fatos históricos da doença, mas nós não podemos saber em qual medida o doente precisa elaborar (*durcharbeiten*) para curar-se.

Brunswick (1928/1971, p. 304)

A primeiríssima neurose: um distúrbio de alimentação

Pankejeff oscilava constantemente entre investimentos libidinais diversos e contraditórios, como um traço característico de seu inconsciente, que perdurava mesmo quando o russo ficava consciente deles: “A distância entre a personalidade amável e afável do doente, sua aguda inteligência, nobre maneira de pensar, e sua vida instintual completamente indômita tornavam necessário um bem longo trabalho de educação e preparação” (Freud, 1918[1914]/2010, p. 138).

A intensa fragmentação libidinal e sua oscilação exigem que se considere a organização estruturada em torno da oralidade, além daquela regida pela analidade, que foi discutida no primeiro capítulo. Freud (1918[1914]/2010) identificou que a primeiríssima neurose do Homem dos Lobos foi um distúrbio alimentar, que se manifestou a partir da observação da cena primária, com um ano e meio de idade, e durou até o momento em que foi seduzido por sua irmã, quando tinha então três anos de idade:

ele queria comer apenas guloseimas, a tal ponto que se chegou a temer por sua sobrevivência. Contaram-lhe de um tio que também havia recusado a comida, e por isso morrera jovem, de consumição. Ele também soube que na idade de três meses havia estado tão doente (de uma infecção pulmonar?), que já tinham pronta a sua mortalha. Conseguiram amedrontá-lo de tal forma que ele voltou a comer; nos últimos anos da infância até exagerou essa obrigação, como que para proteger-se da morte ameaçada. O medo da morte, que lhe haviam despertado para sua proteção, mostrou-se novamente depois, quando a mãe advertiu quanto ao perigo da disenteria” (Freud, 1918[1914]/2010, p. 131).

Ressalta-se nessa passagem a estreita relação entre a pulsão oral e o medo da morte – que retomaremos no final deste capítulo, juntamente com o suicídio e o fenômeno do duplo. Além disso, percebe-se que em seu distúrbio alimentar há dois comportamentos distintos: recusava alimentos, a ponto de seus familiares temerem por sua sobrevivência e, por outro lado, queria comer só guloseimas: “Nos sonhos, guloseimas e bombons representam habitualmente carícias, satisfações sexuais” (Freud, 1918[1914]/2010, p. 141).

É no auge desse amor que surge novamente a meta característica da fase oral: “No auge do paroxismo amoroso (‘se eu pudesse te comeria, de tanto amor’) e no trato carinhoso

com crianças pequenas, em que o próprio adulto tem gestos infantis, surge novamente a meta amorosa da organização oral” (p. 141). Nessas duas atitudes havia, portanto, uma dificuldade com a introjeção, que convivia, lado a lado, com uma ânsia pela satisfação amorosa.

Pankejeff guardava na memória cenas de sua infância em que seu pai, brincando com ele, ameaçava que iria comê-lo, o que poderia ser apenas uma expressão de carinho, não fosse pela observação de Freud que permite vislumbrar uma dureza na figura do pai:

o pai de meu paciente tinha a peculiaridade do “insulto afetuoso”, que tantas pessoas demonstram no convívio com os filhos, e a ameaça brincalhona que diz “vou te comer” pode ter sido expressa várias vezes, no período inicial em que o pai, *que depois se tornou severo*, costumava acariciar e brincar com o filhinho [itálicos nossos]. (p. 46)

A oralidade, que aparece em diversos momentos na análise, se expressa, logo em seu início, num primeiro sintoma passageiro, revelando sua ânsia por ser devorado sem que, no entanto, estivesse livre do medo:

No aposento em que se realizaram as primeiras sessões havia um grande relógio de caixa na parede oposta a ele, que ficava deitado sobre um divã, de costas para mim. Notei que de quando em quando ele virava o rosto para mim, *olhava-me com expressão amável*, como que me tranquilizando, e em seguida voltava o olhar para o relógio. Na época achei que era um sinal de sua ânsia em terminar a sessão. Muito tempo depois o paciente me lembrou desse jogo de gestos e me deu a explicação para ele, ao me lembrar que o mais jovem dos sete cabritinhos achava esconderijo na caixa do relógio, enquanto os seis irmãos eram devorados pelo lobo. Ele queria então dizer: “*Seja bom comigo. Devo sentir medo de você? Você quer me devorar? Devo me esconder de você na caixa do relógio, como o cabritinho mais novo?*” [itálicos nossos]. (Freud, 1918[1914]/2010, pp. 56-57)

O último capítulo, “Resumo e problemas” (Freud, 1918[1914], 2010), retoma as questões de sua primeira neurose, situando esse distúrbio da oralidade numa fase em que o organismo ainda não domina a excitação sexual e cuja meta é o canibalismo, a exemplo da anorexia:

A meta sexual dessa fase só pode ser o canibalismo, a devoração; ela aparece em nosso paciente mediante a regressão de um estágio mais alto, no medo de ser devorado pelo lobo. *Esse medo tivemos que traduzir assim: ser possuído sexualmente pelo pai* [itálicos nossos]. (Freud, 1918[1914]/2010, p. 141)

Novamente o medo diante da satisfação junto ao pai, que aparece em seu primeiro sintoma passageiro. Nesse mesmo parágrafo, Freud faz uma descrição rara da transferência:

Toda vez que, ante as dificuldades do tratamento, ele se refugiava na transferência, ameaçava com a devoração e depois com todos os maus tratos possíveis, o que era apenas expressão de carinho [itálicos nossos]. (Freud, 1918[1914]/2010, p. 141)

Só que essa expressão de carinho vinha acompanhada da agressividade, pois ameaça o analista não só com a devoração, mas também com “*todos os maus tratos possíveis*” [itálicos nossos] (p. 141). Destaca-se, assim, a ambivalência que perseverou no tratamento.

Sabemos que quando menino foi extremamente dócil e que, após inibir sua atividade masturbatória, tornou-se irritadiço, encontrando satisfação na vingança, com fantasias sádicas e um prazer correspondente à fase sádico-anal. Por outro lado, em suas lembranças emergiram também fantasias masoquistas nas quais meninos eram castigados e espancados. Seu sadismo, portanto, havia se voltado para a própria pessoa e se convertera em masoquismo, sem que, no entanto, fosse completamente abandonado:

Na análise não restou dúvida de que essas tendências passivas tinham aparecido ao mesmo tempo ou logo depois das sádico-ativas. Isso condiz com a insolitamente clara, intensa e duradoura *ambivalência* do doente, que aqui se mostrou pela primeira vez no desenvolvimento uniforme dos pares de instintos opostos. Esse comportamento permaneceu característico dele também depois, assim como um outro traço, o de que nenhuma das posições instituídas da libido foi totalmente cancelada por outra posterior. Ela continuava a existir ao lado de todas as demais, o que permitiu a ele uma oscilação constante, incompatível com a aquisição de um caráter fixo. (p. 38)

Somou-se a essa mudança de caráter a irrupção da angústia, com o sonho que teve aos quatro anos de idade. Tal sonho exerceu um papel central no trabalho de análise e merece ser recordado:

Sonhei que é noite e que estou deitado em minha cama (ela ficava com os pés para a janela, diante da janela havia uma fileira de velhas nogueiras. Sei que era inverno quando sonhei, e era noite). De repente a janela se abre sozinha, e vejo, com grande pavor, que na grande nogueira diante da janela estão sentados alguns lobos brancos. Eram seis ou sete. Os lobos eram inteiramente brancos e pareciam antes raposas ou cães pastores, pois tinham caudas grandes como as raposas e suas orelhas estavam em pé como as dos cães, quando prestam atenção em algo. Com muito medo, evidentemente, de ser comido pelos lobos, gritei e acordei. Minha babá correu até minha cama, para ver o que tinha acontecido. Demorou algum tempo até eu me convencer que tinha sido apenas um sonho, tão nítida e tão natural me pareceu a imagem da janela se abrindo e os lobos sentados na árvore. Finalmente me tranquilizei, me senti como tendo escapado de um perigo, e tornei a dormir. (p. 41-42)

Com as associações que vieram após o relato, e que permitiram a construção da cena primária, tal angústia ganha esclarecimento, como mostra a sequência:

A transformação do material: *cena primária – história dos lobos – conto dos sete cabritinhos* – reflete a progressão do pensamento durante a formação do sonho: *anseio de satisfação sexual com o pai – inteligência da condição a ela relacionada, a castração – medo do pai*. Penso que agora o sonho angustiado do menino de quatro anos foi inteiramente esclarecido [itálicos nossos]. (p. 59)

Portanto, a satisfação homossexual não estava livre de angústia, e fora relacionada ao medo do pai, mais precisamente, o medo de ser castrado por ele. Entretanto, como veremos adiante, podemos supor, nesse caso, que o medo da castração seria antes o medo da morte, que justamente o acompanhou em sua recusa alimentar. Haveria, então, um medo de ser aniquilado em uma época precoce do desenvolvimento e plena de ambivalência, sem que ainda pudesse contar com a estruturação narcísica e a mediação das palavras. Ambivalência essa tão primitiva que, em “O Eu e o id”, Freud (1923c/2011) considera a sua primazia: “Surge também a questão de a *ambivalência* ordinária, que com frequência é fortalecida na disposição constitucional à neurose, poder ser apreendida como resultado de uma disjunção; mas ela é tão primordial que deve ser antes uma mescla instintual não consumada” (p. 52).

Com esses recortes, o que pudemos observar é que, diante da possibilidade de se satisfazer junto ao pai, há um medo e uma agressividade que vêm a se expressar nos moldes da oralidade e surgem na transferência nos momentos mais difíceis da análise. Dessa maneira, há um perigo nessa satisfação homossexual que leva à angústia e ao ataque, que pretendemos investigar no próximo item, em consideração à nova dualidade pulsional.

A pulsão de morte: um problema da identificação

Freud (1918[1914]/2010) concentra grande parte do trabalho da análise no restabelecimento da forte corrente homossexual, reprimida no Homem dos Lobos, que, ao final, teria se tornado disponível para os interesses sociais:

A repressão da forte homossexualidade, sucedida durante aquele sonho angustiado, reservou para o inconsciente aquele impulso importante, e assim o manteve dirigido para a meta original e o subtraiu a todas as sublimações a que ele normalmente se oferece. Por isso faltavam ao paciente todos os interesses sociais que dão conteúdo à vida. *Somente quando, no tratamento analítico, chegou-se à liberação dessa homossexualidade agrilhoadada, esse estado de coisas pôde mudar para melhor, e foi uma experiência notável assistir como – sem advertência direta do médico – cada parcela liberada da libido homossexual buscava alguma aplicação na vida e alguma adesão aos grandes negócios comuns aos seres humanos* [itálicos nossos]. (Freud, 1918[1914]/2010, p. 96)

O repúdio à feminilidade, à posição passiva perante outro homem, posição que Pankejeff tanto procurava, impõe uma enorme resistência à análise, como afirma no ensaio “Análise terminável e interminável” (Freud, 1937a/2018). Essa força contrária ao trabalho da análise demanda uma enorme quantidade de energia do analista, que mesmo assim sente que seus esforços são inúteis:

quando se tenta convencer um homem de que uma atitude passiva perante os homens nem sempre significa castração e é indispensável em muitas relações da vida. A teimosa supercompensação do homem produz uma das mais fortes resistências à transferência. (p. 324)

O repúdio à passividade advém justamente do medo da castração que tal posição implica. A resistência à análise havia sido frequentemente vinculada ao forte apego ao sofrimento em função do sentimento de culpa e da necessidade de punição, oriundos do conflito entre o Eu e o Supereu. Nesse caso, a pulsão de morte seria facilmente identificada como estando presa ao Superego, mas “essa é somente a parte que se acha, por assim dizer, psiquicamente amarrada pelo Super-eu e se torna reconhecível, portanto. *Outros montantes da mesma força, podem estar em ação, de forma livre ou vinculada, não se sabe bem*” [itálicos nossos] (p. 311).

Considerando a fraqueza de nossos esforços diante das forças dos fenômenos da resistência – do masoquismo, do sentimento de culpa e da reação terapêutica negativa –, Freud reforça a importância da pesquisa psicanalítica sobre a atuação das pulsões e a maneira como ambas se combinam e se afrouxam. Com esse objetivo em mente, e diante de “um tema muito novo e muito importante para ser tratado casualmente nesta discussão” (p. 312), avalia então as escolhas objetais dos homens em geral. Considera então que, diferentemente daqueles denominados bissexuais, que não precisam fazer uma escolha entre as duas correntes e, portanto, não entram em choque, a maioria dos homens deve optar por uma delas, que são irreconciliáveis entre si: precisam escolher pela heterossexualidade ou pela homossexualidade.

E esse conflito não parece fácil de ser resolvido: “Tal tendência ao conflito, surgido de forma independente, dificilmente poderá ser relacionada a outra coisa senão à intervenção de um quê de agressividade livre” (p. 313). Para a heterossexualidade de um homem não haveria perigo maior do que ser perturbada pela homossexualidade latente.

Com relação à análise de Pankejeff com Freud, seria possível supor que a dupla estaria se defrontando precisamente com esses elementos de agressividade livre, oriundos da repressão da forte homossexualidade. O que teria ocorrido para que Freud chegasse à conclusão de que a libido homossexual teria sido liberada do conflito inconsciente e se deslocado para os interesses

sociais? Supomos, primeiramente, que a resistência a assumir uma posição passiva perante outro homem teria sido amansada. O analista, por sua vez, representando a figura do pai castrador, poderia ter se mostrado mais amoroso e, ao mesmo tempo, menos onipotente e ameaçador.

Além disso, vemos que as palavras de Freud (1918[1914]/2010) revelam que ele se surpreende ao ver que a liberação da homossexualidade reprimida do russo pôde levá-lo a dispor da própria libido para investir na cultura e nos interesses comuns aos homens. O que teria ocorrido nessa liberação da homossexualidade? E com a agressividade livre que está na escolha amorosa de um homem e no conflito com a homossexualidade inconsciente?

Com relação a fusão e desfusão pulsionais, Freud (1923c/2011) declara em “O Eu e o id” que não podemos conceber o modo como as duas pulsões, de vida e de morte, se misturam; sabe-se apenas que essa ligação ocorre com frequência, neutralizando a pulsão de morte, que ao ser desviada para fora se expressa na pulsão de destruição.

O pressuposto é a existência de uma energia deslocável, em si indiferente, seja no Eu ou no id¹⁴, que pode se juntar ao impulso hostil ou erótico: “A questão é de onde procede, a que pertence e o que significa” (Freud, 1923c/2011, p. 55). Essa energia viria de uma reserva de libido narcísica, *Eros dessexualizado*, pois a pulsão sexual é mais plástica e sofre mais deslocamentos se comparada à pulsão de destruição.

Essa libido dessexualizada da reserva narcísica, sob os domínios do princípio de prazer, buscará a descarga, independentemente do caminho e do objeto, como o traço característico dos investimentos do id. Fica assim sob a tutela do Eu insistir numa maior exatidão, tanto em relação à escolha dos objetos como à via de descarga:

Se esta energia deslocável é libido dessexualizada, pode ser também descrita como energia *sublimada*, pois ainda manteria a principal intenção de Eros, a de unir e ligar, na medida em que contribui para a unidade – ou o esforço por unidade – que caracteriza o Eu. Se incluímos entre tais deslocamentos os processos de pensamento no mais amplo sentido, também o trabalho do pensamento é provido pela sublimação de força instintual erótica. (p. 57)

¹⁴ No apêndice B a “O ego e o id”, Strachey (1996c) discorre sobre as mudanças feitas ao longo das obras sobre quem seria o reservatório da libido: o *Eu* ou o *id*. Em “O Eu e o id” (Freud, 1923c/2011), toda a libido está inicialmente acumulada no *id*. No entanto, em praticamente todos os outros textos, como “Compêndio de Psicanálise” (1940b[1938]/1996) ou “Novas Conferências Introdutórias” (1933[1932-33]/2010), a formulação é diferente: o *Eu* fica sendo o reservatório. Considerar que o Eu e o id seriam indiferenciados no início, diminuiria a contradição entre as duas propostas, e o reservatório seria esse Eu-id inicial. Freud ainda assim sustenta duas posições diferentes em “O Eu e o id” e no “Compêndio de Psicanálise”, como sintetiza Strachey: “No primeiro, imagina-se as catexiais objetais originais como saindo diretamente do id e só chegando ao ego indiretamente; no segundo, a totalidade da libido é imaginada como indo do id para o ego e só chegando aos objetos indiretamente. Os dois processos não parecem incompatíveis e é possível que ambos possam ocorrer; sobre esta questão, contudo, Freud silencia” (Strachey, 1996c, p. 80).

Logo, essa energia tem por finalidade a ligação e contribui para a unidade do Eu, como também para o advento do pensamento. Como Ribeiro (2002) adverte, essa formulação seria perfeita, não fosse um detalhe: “é o próprio eu que promove a sublimação e a dessexualização a partir da qual ele supostamente teria surgido!” (p. 109). Isso se verifica, se considerarmos que logo em seguida à citação anterior de Freud, há o surpreendente argumento de que o próprio Eu seria o intermediário da sublimação: “Aqui nos achamos novamente ante a possibilidade, já discutida, de que a sublimação aconteça regularmente por intermédio do Eu” (Freud, 1923c/2011, p. 57).

Como poderia essa energia dessexualizada, sublimada, contribuir para a constituição do Eu se é ele mesmo que a agencia? É uma situação bastante complexa, como Freud (1923c/2011) mesmo afirma, pois não sabemos ainda a maneira pela qual as duas pulsões se misturam, sabemos apenas que ela ocorre:

Ainda não podemos conceber de que modo os instintos das duas espécies se ligam, misturam, amalgamam uns com os outros; mas que isto sucede regularmente e em larga medida é uma suposição inescapável em nosso contexto. (Freud, 1923c/2011, p. 51)

O processo agenciado com os intuitos de Eros, que é constituinte da unidade do Eu, apresenta ainda mais um paradoxo, pois nesse mesmo processo de união e ligação haverá uma desfusão pulsional, que se apresenta com o seguinte:

À medida que [o Eu] se apodera de tal forma da libido dos investimentos objetais, arvora-se em único objeto de amor, dessexualiza ou sublima a libido do Id, ele trabalha de encontro às intenções de Eros, coloca-se a serviço dos impulsos instintuais contrários” [itálico nosso]. (Freud, 1923c/2011, p. 57)

Logo, a dessexualização que contribui para os motivos de Eros, também acaba por liberar a pulsão de morte com a qual o Eu tem que lidar. A dessexualização, portanto, trabalha “contra” (Freud, 1923b/2007, p. 54) as intenções de Eros, como escreve o tradutor nessa outra edição de “O Eu e o id”. No entanto, há uma passagem importante que pode lançar luz sobre a questão, pois temos pistas de que tal fusão pulsional que constitui a unidade do Eu seria auxiliada pela *identificação*:

Lembramos do outro caso, em que o Eu lida com os primeiros investimentos objetais do Id, e sem dúvida também com os posteriores, acolhendo em si a libido deles e ligando-a à mudança do Eu produzida pela *identificação*. A essa transformação em libido do Eu vincula-se naturalmente um abandono dos objetivos sexuais, uma dessexualização. De todo modo, assim

compreendemos um importante papel do Eu em sua relação com Eros [itálico nosso]. (Freud, 1923c/2011, p. 57)

Há, portanto, a hipótese de que essa estruturação egoica, que une as pulsões, ocorra por meio da identificação, e seria com o pai a primeira e mais significativa identificação, e que remete ao pai da pré-história. No desamparo, a violência das exigências vitais leva à procura de uma *ação específica*, e como afirma Delouya (2005) em termos econômicos: “a vida só se torna possível mediante este esforço de contenção, centrípeto, ante essas pressões, de caráter centrífugo, que ameaçam desfazer a unidade vesicular. A contenção figura, portanto, um narcisismo econômico, um princípio ou tendência quiescentes” (p. 84).

Apesar das moções pulsionais centrífugas dotarem o pai do poder totalitário de idealidade em decorrência do desamparo, o pai se instala como primeira instância, possibilitando uma organização, agora em uma força centrípeta que se aglutina:

O pai passa, em função disto, a transformar os bens dos investimentos libidinosos das experiências de satisfação, moldando-os sob seu regime, ou seja, sublimando-os, tornando-os identidades, formadoras do futuro eu. O que esclarece a afirmação, no ensaio de 1915 (retirada em 1923) sobre o luto e a melancolia, que os primeiros investimentos confundem-se com as identidades que passariam a constituir o eu. (p. 93)

Essa via centrípeta é a via da contenção, do contorno, do entrelaçamento e da ligação, e que possibilita a construção das rotas do desejo, por meio da ação específica do adulto que é procurada em função do desamparo. Essa breve recapitulação da situação de desamparo, diante da violência das forças pulsionais, ajuda a compreender a função da ação centrípeta que Delouya (2005) atribui ao *pai*, figura central na formação da unidade que cria condições para um narcisismo econômico. Apesar de sabermos pouco sobre a maneira como a fusão pulsional ocorre (Freud, 1923c, 2011), sabemos, no entanto, que ela depende também do objeto.

Para Delouya (2005), falhas nos processos de identidades primárias dificultam o sujeito a situar-se na diferenciação masculino/feminino. E, em sua opinião, foi o que ocorreu ao Homem dos Lobos, em suas aspirações homossexuais inconscientes em relação ao pai, com carências narcísicas muito acentuadas.

A partir disso, podemos pensar que, em alguma medida, teria ocorrido uma identificação com o analista, o que, por sua vez, teria beneficiado a fusão pulsional e o movimento centrípeto das forças violentas, principalmente relacionadas à pulsão de morte que atuaria livremente no organismo, exercendo fortes resistências à análise. Estaria liberado do

conflito homossexual inconsciente, que o levava a resistir à análise, podendo então se aproximar dos interesses comuns à cultura¹⁵.

A autoconservação: entre “*ser devorado*” e “*devorar*”

Percebe-se, logo no início da análise, ao se estabelecer a relação transferencial, Pankejeff sente medo de “*ser devorado*” por seu analista e sai em busca de um olhar amável por parte do último. Tal expressão se inverteu na transferência, pois o jovem ameaça “*devorar*” o analista, que interpreta isso apenas como uma demonstração de carinho, apesar de sua corrente agressiva, que se evidencia com “*todos os maus tratos possíveis*” (Freud, 1918[1914]/2010, p. 141) direcionados ao analista logo em seguida.

Há uma mudança na direção da agressividade: se num primeiro momento o Homem dos Lobos se sente amedrontado, a situação se modifica, pois, agora, é ele quem ativamente passa a ameaçar o analista. Essa mesma variação, da passividade para a atividade, que ocorre entre “*ser devorado*” e “*devorar*”, encerra a 32^a das “*Novas conferências introdutórias da psicanálise*” (Freud, 1933[1932-33]/2010).

A limitação da agressividade imposta pela sociedade coloca sérias dificuldades para o sujeito, como, por exemplo, a necessidade que se impõe ao Eu de se defender da agressividade a ele dirigida pelo Supereu. Tal limitação, que coloca o sujeito muito próximo da extinção da vida, foi traduzida por Freud (1933[1932-33]/2010) justamente pela expressão “*ser devorado*”. Para mitigar esse risco, o Eu deve contar com o amalgamento pulsional como forma de conter a atividade desfusão da pulsão de morte:

é preciso reconhecer que o Eu não se sente bem quando é sacrificado desse modo às necessidades da sociedade, quando tem de sujeitar-se às tendências destrutivas da agressividade, que de bom grado ele dirigiria contra os outros. Isso é como um prosseguimento, no âmbito psíquico, do dilema “*devorar ou ser devorado*”, que prevalece no mundo orgânico. *Felizmente os instintos agressivos nunca estão sós, mas sempre amalgamados com os eróticos*. Nas condições da cultura criada pelos homens, esses últimos têm muito a mitigar e prevenir [itálicos nosso]. (p. 262)

¹⁵ Para um maior aprofundamento da sublimação no contexto do segundo dualismo pulsional freudiano, sugiro a leitura do texto de Metzger (2010), “Sublimação e pulsão de morte: a desfusão pulsional”, pois ali esclarece que a sublimação “passa a se apresentar como a causa por excelência da desfusão das pulsões, o que nos leva a um paradoxo: ao mesmo tempo em que a sublimação é a base da cultura, ela é também causa da destrutividade no seio dessa mesma cultura” (p. 567).

Para Pankejeff, “*ser devorado*” estava associado a ser possuído sexualmente pelo pai, o que era fortemente ansiado pelo pequeno russo, pois representava ser investido e amado. Com o investimento do objeto, que auxilia no amalgamento pulsional, haveria a possibilidade de uma estruturação egoica e a construção de uma identidade, sendo possível tornar-se como o próprio pai e adquirir suas qualidades, por meio da identificação, para que então viesse a se desligar dele.

Porém, esse desejo não estava livre de ansiedade: “*ser devorado*” e restringir sua agressividade poderia levar o sujeito a perecer. No caso do pequeno russo, o risco se agravava pela figura *severa* que seu pai havia se tornado, assumindo um aspecto ameaçador. “*Ser devorado*”, portanto, poderia representar uma ameaça de aniquilamento, caso não houvesse o amor e restasse somente a severidade, sem o enlaçamento pulsional.

A agressividade dirigida para fora presente no “devorar” poderia representar uma vitória para a sobrevivência, apaziguando assim seu medo de morrer. No entanto, tal movimento de “*devorar*”, apesar de ser uma expressão amorosa, nos moldes da oralidade, não estava livre da agressividade e poderia ser algo insuportável para o analista, que preferia ver nisso apenas uma expressão de carinho.

Para Pankejeff, portanto, os dois movimentos, “*ser devorado*” e “*devorar*”, poderiam ser benéficos para a sua sobrevivência e constituição narcísica. No entanto, ambos teriam aspectos assustadores para serem vividos com o analista, que ora poderia representar uma figura ameaçadora apenas, ora não suportaria a agressividade do analisando.

A forte presença de um funcionamento psíquico característico da oralidade, e a ambivalência inerente a esse embate, nos conduz a uma reflexão, que será feita ao longo do capítulo, sobre a melancolia e a relação narcísica que lhe é essencial. Como Freud (1917[1915]/2011) afirma em “Luto e melancolia”, “não hesitaríamos em incluir na caracterização da melancolia a regressão do investimento de objeto à fase oral da libido, que ainda pertence ao narcisismo” (p. 65).

A hipótese de uma melancolia crônica

O material canibalístico do jovem russo serviu justamente de estímulo para a produção teórica de “Luto e melancolia” (Freud, 1917[1915]/2011), que foi idealizado em 1914 e redigido em 1915, precisamente a mesma época em que o caso foi escrito (Strachey, 1996b). Na opinião de Roudinesco (2014), Freud esqueceu que seu analisando sofria de uma

“melancolia crônica incurável” (p. 248) e publica o caso em 1918, sem fazer nenhuma referência ao que havia escrito sobre a melancolia.

Pankejeff sofria de episódios de depressão, que foram recorrentes a partir de seus dez anos de idade e ainda persistiram nos tempos da análise. Além disso, corrobora para a hipótese melancólica que ele veio a adoecer quando sofreu uma frustração narcísica, como fica evidente no último capítulo da “História de uma neurose infantil” (Freud, (1918[1914]/2010):

Aquilo que precipitou sua doença não se inclui entre “os tipos neuróticos de adoecimento”, que pude agrupar como casos especiais de “frustração” e aponta assim para uma lacuna nessa classificação. Ele sucumbiu quando uma afecção orgânica do genital reavivou sua angústia de castração, causou dano ao seu narcisismo e o obrigou a renunciar à expectativa de ser privilegiado pelo destino. *Portanto, ele adoeceu de uma “frustração” narcísica* [itálicos nossos]. (p. 156)

O estudo da dinâmica melancólica pode iluminar o que teria se passado na configuração do impasse, pois traz esclarecimentos sobre a relação ambivalente que ambos experimentaram na análise, ou mesmo, evitaram experimentar.

Desde muito cedo Freud já havia notado que o germe do sofrimento melancólico era uma ânsia por amor insatisfeita, que vinha acompanhada de anestesia, como escreve no Manuscrito E enviado a Fliess, supostamente em 6 de junho de 1894:

De modo particularmente frequente, os melancólicos são *anestésicos*. Não têm nenhum desejo de coito (e nenhuma sensação ligada a ele), mas têm uma *grande ânsia de amor em sua forma psíquica* – uma tensão erótica psíquica, poder-se-ia dizer; quando esta se acumula e permanece insatisfeita, surge a *melancolia* [itálicos nossos]. (Masson, 1996, p. 80)

Alguns meses depois, provavelmente em 7 de janeiro de 1895, o Manuscrito G é enviado a Fliess contemplando a ideia de que a melancolia se aproxima do *luto*: “O afeto correspondente à melancolia é o do *luto* – em outras palavras, *o anseio por alguma coisa perdida*. Portanto, na melancolia, deve tratar-se de uma perda, ou seja, uma perda na *vida instintiva*” [primeiros itálicos nossos] (Masson, 1996, p. 99). Nesse mesmo Manuscrito G, há também uma outra passagem extremamente reveladora, pois a *anorexia*, em sua recusa alimentar, é comparada à melancolia:

A neurose ligada ao alimentar-se, paralela à melancolia, é a anorexia. A célebre *anorexia nervosa* das juvenzinhas me parece (mediante observação cuidadosa) ser uma melancolia em que a sexualidade não está desenvolvida. A paciente afirma não ter comido, simplesmente, por não ter *nenhum apetite*, e não por qualquer outra razão. Perda de apetite: em termos sexuais, perda de libido. (Masson, 1996, p. 99)

A conclusão é de que “*a melancolia consiste num luto pela perda da libido*” (p. 99). Essa perda da libido tem como efeito uma “*inibição psíquica com empobrecimento pulsional e dor a respeito dele*” (p. 102). É extraordinário que nessa época a dor é vinculada à melancolia, algo que será desenvolvido somente vinte anos depois, em “Luto e melancolia” (Freud, 1917[1915]/2011) e ganhará novas formulações em “Inibição, sintoma e angústia” (Freud, 1926/2014), cujas contribuições veremos mais adiante. Muitas formulações que são mais tarde retomadas já estavam presentes nos manuscritos, mas ainda não está completamente formulada a concepção de que a perda do amor do objeto vem em função da *decepção* que ele causa.

Em “Luto e melancolia” (Freud, 1917[1915]/2011), a comparação com o luto é central e ganha potência: a origem dos sintomas reside nesse sofrimento por uma perda, só que não se trata de uma perda que é percebida na realidade, como ocorre no luto, e o melancólico não sabe nem quem perdeu, nem que foi perdido. A *perda do objeto* ainda não é consciente, enquanto a *perda no Eu* se expressa no forte sentimento de inferioridade.

Os melancólicos são então descritos como pessoas desanimadas, sem interesse no mundo e incapacitadas para amar, manifestando um delírio de inferioridade, que “*se completa com insônia, recusa de alimento e uma superação – extremamente notável do ponto de vista psicológico – da pulsão que compele todo ser vivo a se apegar à vida*” [itálicos nossos] (p. 53).

Um maior conhecimento a respeito das perdas que o melancólico sente se dá com a conhecida passagem: “*queixar-se é dar queixa*” (Freud, 1917[1915]/2011, p. 59). Se as autoacusações forem pacientemente ouvidas, percebe-se que elas seriam acusações mais apropriadas contra uma outra pessoa: “*as mais violentas dentre elas frequentemente se adéquam muito pouco à sua própria pessoa, mas que, com ligeiras modificações se adéquam a uma outra pessoa, a quem o doente ama, amou ou deveria amar*” [itálicos nossos] (p. 59). E isso “só é possível porque as reações da sua conduta provêm sempre da constelação psíquica da *revolta*, que depois, em virtude de um certo processo, se transportou para a contrição melancólica [*Zerknirschung*]” [itálico nosso] (p. 61).

Importante esclarecer que esse termo *contrição*, utilizado pela tradutora dessa edição, Carone (2011), estaria mais ligado a um sentimento de culpa e arrependimento do que ao fato de estar esmagado. Lembramos que o menino russo, após um período de revolta e sadismo, passa a ter uma vida cheia de fantasias masoquistas, num movimento semelhante ao que acabamos de expor.

Se seguirmos o raciocínio presente em “Luto e melancolia” (Freud, 1917[1915]/2011), veremos que essa mudança de atitude – de uma revolta para um sentimento de culpa – ocorre,

primeiramente, em função da *decepção* causada pelo objeto de amor, pois “graças à influência de uma *ofensa real* ou *decepção* por parte da pessoa amada, essa relação de objeto ficou abalada” (Freud, 1917[1915]/2011, p. 61). Esse investimento amoroso, que então deve ser abandonado, só pode ser substituído por uma *identificação narcísica*:

Desse modo, *a sombra do objeto caiu sobre o ego*, que desde então pôde ser julgado por uma determinada instância como um objeto, como o objeto abandonado. Assim, *a perda do objeto se transformou em perda do ego e o conflito entre o ego e a pessoa amada em uma bipartição entre a crítica do ego e o ego modificado pela identificação* [itálicos nossos]. (p. 61)

A identificação que ocorre na melancolia é denominada como uma identificação narcísica: “*A identificação narcísica com o objeto se torna então um substituto do investimento amoroso e disso resulta que, apesar do conflito, a relação amorosa com a pessoa amada não precisa ser abandonada*” [itálicos nossos] (Freud, 1917[1915]/2011, p. 63). Isso vem a inviabilizar um processo de luto, e o que resta é a sombra do objeto que se instala no Eu, sem que, no entanto, deixemos de considerar que também o seu aspecto amoroso pode ser incorporado, como mais adiante retomaremos.

Como vimos algumas páginas acima, a identificação representaria uma possibilidade de uma estruturação egoica, com a fusão pulsional, enquanto aqui se observa que a identificação narcísica, que inviabiliza o luto e a separação do objeto amado-odiado, não permitiria que os investimentos fossem liberados e investidos nos interesses comuns aos homens e à cultura.

O que ocorre é que a identificação, em sua ambivalência, seria uma primeira modalidade de distinção do objeto, mas essas diferenças logo são anuladas com a sua incorporação, característica da fase oral. Também é notável que poderia ocorrer o contrário de uma introjeção, que se expressa na recusa da alimentação, cuja ideia é atribuída ao seu colega:

a identificação é a etapa preliminar da escolha de objeto, e a primeira modalidade, ambivalente na sua expressão, pela qual o ego distingue um objeto. Ele gostaria de incorporá-lo, na verdade, devorando-o, de acordo com a fase oral ou canibalística do desenvolvimento libidinal. Abraham, com razão, remete a esse contexto *a recusa da alimentação* que se apresenta na forma mais grave do estado melancólico [itálicos nossos]. (Freud, 1917[1915]/2011, p. 63)

A incorporação do objeto vem com o prazer que é experimentado junto a ele, só que, em função da ambivalência, tal processo vem sempre acompanhado do desprazer. Assim, é possível que as experiências frustrantes com o objeto amado atuem, muitas vezes, impedindo que o objeto seja introjetado, como afirma em “A negação”, Freud (1925/2011): “O Eu-de-prazer original quer introjetar tudo que é bom e excluir tudo que é mau” (p. 278). Nos casos

graves de melancolia, em que se recusa a alimentação – como observado desde o Manuscrito G (Masson, 1996) –, algo na relação ambivalente com o objeto não permitiu que ele fosse devorado, assim o prazer experimentado teria sido insuficiente, ou algo desprazeroso teria sido mais forte.

A recusa da alimentação de Pankejeff teria ocorrido no contexto de uma identificação narcísica, o que amplia a compreensão de sua associação com o medo de morrer. É provável que houve uma dificuldade nessa identificação e as qualidades do objeto não tenham sido adquiridas – ou qualidades detestáveis foram assimiladas – sem que os riscos inerentes à pulsão de morte livre pudessem ter sido amenizados, libertando-o do medo de seu próprio aniquilamento. As propostas de Abraham (1911/1970, 1916/1970, 1924/1970) abrem a reflexão para o papel decisivo do ódio na dinâmica melancólica, elucidando alguns aspectos do que teria ocorrido naquela relação transferencial.

Abraham: o ódio na melancolia

Em um texto chamado “Notas sobre as investigações e o tratamento psicanalítico da psicose maníaco-depressiva e estados afins”, Abraham (1911/1970) adverte sobre a semelhança entre a neurose obsessiva e a melancolia, que ele chama de psicose-maníaco depressiva. Ambas teriam um alto grau de ambivalência, de amor e ódio direcionados ao objeto, e uma falta de ajustamento em relação a essas duas emoções – como também entre tendências homossexuais e heterossexuais. Tamanha proximidade que muitos neuróticos obsessivos poderiam sofrer de depressões e os melancólicos sofreriam com sintomas obsessivos, sendo que, no limite, um estado até poderia se transformar no outro.

Jones (1926/1970) chama a atenção para a importância que Abraham concede ao ódio na melancolia:

é como se o paciente dissesse: “Não posso amar por causa de meu ódio; o resultado é que sou odiado e, assim, fico deprimido e odeio em troca” (retorno do sadismo reprimido). A sensação de culpa e pecado corresponde ao ódio reprimido. O delírio de pobreza é uma expressão do mesmo fato (dinheiro = amor) [itálicos nossos]. (p. 15)

A percepção de sua impossibilidade de amar traz um desconforto, provocando um sentimento de inadaptação. Além disso, com a projeção do ódio, que desconecta o sujeito de sua posição libidinal imbuída de ódio, sobrevém o sentimento de não ser amado pelo ambiente,

e para explicar essa situação encontrará outros motivos para não ser amado, como por exemplo, suas supostas deficiências físicas ou psíquicas.

Não sentir que é amado favorece o sentimento de ser inferior e abre o caminho para o estado depressivo; o que surge com a repressão do sadismo é a “depressão, a ansiedade e a autoacusação” (Abraham, 1911/1970, p. 41). Enquanto isso, os impulsos sádicos reprimidos não ficam inativos: “Mostram tendência a retornar à consciência e surgem novamente sob várias formas – em sonhos e atos sintomáticos, mas especialmente numa inclinação a incomodar outras pessoas, em violentos desejos de vingança ou em impulsos criminosos” (p. 40). Com a repressão do sadismo, essa fonte importante de prazer, o que advém é a tendência masoquista e o sujeito “adotará uma atitude passiva e obterá prazer em seu sofrimento e em pensar continuamente sobre si próprio. Desta maneira, mesmo o mais profundo sofrimento da melancolia contém uma fonte oculta de prazer” (p. 41). O que fica evidente no processo melancólico, portanto, é a força do *ódio* pelo objeto, que não pode ser declarado abertamente, e continua a atuar em suas diversas expressões.

Abraham (1911/1970) também nota que esses analisandos buscam o isolamento do mundo, com uma incapacidade para investi-lo, dado o empobrecimento libidinal, que resulta numa negação da vida: “representam uma morte simbólica” (p.42). Para o autor, essa redução do contato com o mundo externo compromete o estabelecimento da transferência:

Com a ajuda de uma interpretação psicanalítica de certos fatos e relações, consegui atingir com os pacientes um relacionamento psíquico maior do que os que já havia previamente alcançado. *Geralmente, é extraordinariamente difícil estabelecer-se uma transferência com esses pacientes que, em sua depressão, voltaram as costas para o mundo inteiro* [itálicos nossos]. (p. 48,)

Em um texto posterior, “O primeiro estágio pré-genital da libido”, Abraham (1916/1970) avalia que esse afastamento do mundo não se dá sem conflitos, pois diferentemente de outros tipos de sofrimento, em que ocorre uma reação de indiferença, o melancólico se queixa da perda e a relaciona com seu sentimento de inferioridade. Com o abandono do mundo externo, a agressividade se volta para o Eu, que se acusa com ódio. Só que, como ressalta, toda a relação ambivalente se volta para o Eu e, desse modo, não se pode esquecer o amor: este o coloca longe de uma atitude de submissão e humildade, que seria mais apropriada a pessoas sem valor.

Ao retomar o delírio de inferioridade em outro artigo – “Breve estudo do desenvolvimento da libido visto à luz das perturbações mentais” (Abraham, 1924/1970) –, o autor conclui que esse delírio não é a maneira mais acertada de descrever o que teria a maior

importância nesses casos, a saber, uma autoadmiração. Há um auto-ódio, mas também um autoamor, tanto uma subestimação quanto uma superestimação do Eu, denominados de *narcisismo negativo* e *narcisismo positivo*. É extraordinário que nesse artigo o próprio pensamento é dotado de um caráter narcísico, que leva o melancólico a ignorar qualquer interferência de fora, tornando-o inacessível e imutável em seu modo de pensar – uma salvaguarda narcísica do pensamento que se observa também no conflito da analidade primária (Green, 1964, 1993).

O isolamento do mundo foi a principal queixa do Homem dos Lobos durante a análise com Freud. Voltava a ver o mundo quando o véu que o isolava “se rompia – curiosamente – apenas numa situação: quando, após uma lavagem, as fezes passavam pelo ânus” (Freud, 1918[1914]/2010, p. 132). Essa expulsão das fezes acontece somente mediante o investimento nele realizado por outro homem que lhe fazia lavagens, como uma demonstração do amor do outro, portanto.

Por parte do sujeito, essa expulsão das fezes poderia se prestar a uma demonstração de carinho ou a um ataque – como o da na cena inaugural da análise – e ainda, caso retidas, seria um sinal de rebeldia e manutenção do controle para si. Como se observa, há uma sequência: demonstração de amor por parte de outrem – demonstração de afetos por parte do analisando com a saída das fezes – e retorno ao mundo. Finalmente chegaríamos ao início de um processo de análise, que coloca os afetos em movimento.

Portanto, há uma evidência de que com a demonstração de amor por parte do analista poderia haver uma saída para o ódio do analisando, que se voltaria para fora, preservando o sujeito dos perigos do represamento da agressividade imposta pela cultura, assim como o amor, que traz esperanças para uma capacidade de amar.

Como Freud (1918[1914]/2010) avalia, a lamúria de seu isolamento do mundo conteria ainda a seguinte interpretação: “Sou tão infeliz na vida, tenho que voltar ao seio materno” (p. 133). Novamente, um isolamento do mundo, mas como expressão de um desejo de anular as diferenças, de ser *um* com outro, e que chega a ser mortífero, em uma identificação materna maciça, o que poderia ser uma defesa ante os anseios de cunho homossexual, como veremos no último capítulo.

A ânsia pelo amor do outro, o desejo de ser satisfeito pelo pai, aparece no sonho com os lobos, que ocorrera na véspera do Natal, coincidentemente a data de seu aniversário: “Entre os desejos formadores do sonho, deve ter sido estimulado o mais forte, o da satisfação sexual, que ele ansiava então obter do pai” (p. 50). Entretanto, mesmo no sonho seu desejo não é realizado: na árvore (de Natal) “em vez de *presentes* havia – lobos, e o sonho findava com ele

sentido medo de ser devorado pelo lobo (provavelmente pelo pai) e buscando refúgio com a babá” [itálico nosso] (p. 50).

Entre o desejo e o medo da satisfação há um dado interessante, pois em suas recordações o russo associa que seu primeiro acesso de fúria ocorreu por causa de sua insatisfação com os *presentes* de Natal: “o essencial da relação entre falta de amor satisfeito, *fúria* e época de Natal fora preservado na recordação” [itálico nosso] (Freud, 1918[1914]/2010, p. 51). O medo do pai e a relação ambivalente tiveram um papel essencial em seu adoecimento, como afirma em outra breve alusão à transferência: o “*medo do pai* fora o mais forte motivo de seu adoecimento, e a *postura ambivalente* para com todo substituto do pai dominou sua vida e sua conduta durante o tratamento” [itálicos nossos] (Freud, 1918[1914]/2010, p. 45).

É precisamente a partir da ambivalência que Abraham (1924/1970) diferencia a melancolia da neurose obsessiva. Caso os impulsos hostis, que visam a destruir e expelir o objeto e que são ontogeneticamente mais antigos, venham a se tornar mais fortes do que as forças conservadoras, de reter e controlar, corre-se o risco de perder o objeto. Antes do desencadeamento de sua doença, o melancólico entra em conflito com o objeto de amor e tende a destruí-lo e, conseqüentemente, a perdê-lo, abandonando assim suas relações num estado de depressão melancólica; já o neurótico obsessivo tem medo de perder o objeto e o mantém, uma vez que se sente ameaçado com a perda e convoca toda a sua energia para lutar contra sua reação violenta.

É nesse limiar, entre perder ou manter a relação com o objeto, que Abraham (1924/1970) distingue a fase sádico-anal em duas etapas diferentes. É interessante que a atitude do sujeito para com o mundo exterior muda, justamente, por querer manter o objeto, e é aí que começa a existir o objeto de amor:

Esta diferenciação da fase sádico-anal em uma etapa primitiva e outra posterior parece ser de radical importância, porque na linha divisória entre essas duas etapas dá-se uma modificação decisiva na atitude do indivíduo para com o mundo exterior. *Na verdade, podemos dizer que é nessa linha divisória que começa o “objeto de amor”, no sentido mais estrito, porque é nesse ponto que a tendência a preservar o objeto começa a predominar* [itálicos nossos]. (pp. 94-95)

Após um período marcadamente destrutivo até que se possa falar em um completo amor genital, há um processo realizado gradualmente dentro de cada um dos três períodos – oral, anal e genital – do desenvolvimento libidinal, como sintetiza:

Dentro do primeiro período (o oral), a criança troca sua atitude libidinal pré-ambivalente, que se acha livre de conflito, por outra que é ambivalente e preponderantemente hostil para com seu objeto. Dentro do segundo (o sádico-anal), a transição do estágio anterior para o posterior significa que o indivíduo começou a preservar o seu objeto da destruição. Finalmente dentro do terceiro (o genital), ele domina a atitude ambivalente e sua libido atinge capacidade plena, tanto do ponto de vista sexual quanto do social. (Abraham, 1924/1970, pp. 113-114)

O ódio, portanto, é um fator crucial na relação com o mundo e somente com certo controle dele é que se alcançaria o que se poderia chamar de amor. O que estaria em jogo na relação para que ela fosse preservada do ódio que a destrói? As considerações de Abraham (1924/1970) quanto aos fatores que contribuem para a escolha da psicose maníaco-depressiva podem ajudar nessa discussão, pois perdem o objeto com a exacerbação do ódio.

A escolha se dá em função dos fatores constitucionais, como uma família na qual são predominantes as intensas gratificações e frustrações nos moldes da oralidade, bem como dos repetitivos desapontamentos amorosos que lesam o narcisismo – que ocorre, como ressalta, primeiramente em relação à mãe, e a pessoas substitutas a ela, e depois em relação ao pai – num momento em que se começa a investir nos objetos e introjetá-los, pleno de pulsionalidade oral sádica.

Após sofrer a decepção com o objeto, Abraham (1924/1970) descreve a dinâmica que sucede a partir de então:

elas tendem a expelir esse objeto como se ele fosse fezes, e a destruí-lo. Logo após, realizam o ato de introjetá-lo e devorá-lo, ato que é uma forma especificamente melancólica de identificação narcísica. Sua sede sádica de vingança encontra então satisfação, atormentando o ego, atividade que, em parte, dá prazer. Temos razões para supor que esse período de autotortura dura até que o decorrer do tempo e o apaziguamento gradual dos desejos sádicos tenham afastado o objeto amado do perigo de ser destruído. Quando isso acontece, o objeto amado pode, por assim dizer, sair de seu esconderijo no ego e o melancólico, *restaurá-lo em seu lugar no mundo exterior* [itálicos nossos]. (p. 124)

A repetição de situações frustrantes apenas reforçaria o ódio e levaria a toda essa encenação – a expulsão destruidora do objeto e uma nova introjeção que, em função da identificação narcísica, leva ao autotortura. Podemos pensar que tal dinâmica se repetia na sintomática constipação do Homem dos Lobos, que retinha e expulsava as fezes. Só que temos que considerar que somente as expulsava mediante a satisfação homossexual – o que poderia representar um vislumbre de uma relação minimamente satisfatória – que então o permitia voltar a ver o mundo e a investir nele. É muito interessante que com a percepção de que o objeto pode ser preservado do ódio, ele pode voltar a existir externamente, saindo de seu esconderijo no Eu.

Assim, com o tempo e com o arrefecer do ódio, a relação com o objeto estaria preservada. Para haver uma preocupação em poupar o objeto, sem destruí-lo completamente – que marca a passagem da primeira para a segunda etapa da analidade – deveria antes ser possível a introjeção e a identificação narcísica como frutos de uma vivência minimamente prazerosa e segura, sem que a expectativa de uma nova decepção – com pai e mãe – fosse forte o bastante para restaurar o ódio destruidor. Algo que ressoa no pensamento de Winnicott (1968/1989, 1969/1989), para quem as respostas do ambiente aos impulsos destrutivos são decisivas para que a destrutividade possa ser usada e o objeto possa então ser amado e existir na realidade.

O peso do objeto na melancolia: uma dificuldade no desligamento

O melancólico encontra dificuldades no desligamento do objeto em função do peso significativo que o último tem para ele, como se verifica em “Luto e melancolia” na seguinte afirmação de Freud (1917[1915]/2011): “Se o objeto não tiver para o ego um significado tão grande, reforçado por milhares de laços, sua perda não se prestará a provocar um luto ou uma melancolia” (pp. 79-81). Além disso, a relação é turbulenta dada a intensidade da ambivalência, que é inerente a cada uma das ligações amorosas, mas que é exacerbada com as ameaças de perda: “A perda do objeto de amor é uma oportunidade extraordinária para que entre em vigor e venha à luz a ambivalência das relações amorosas” (p. 65).

Batalhas são travadas com o objeto frustrante, e o ódio procurará desligar a libido ligada a esse objeto, desvalorizando-o, enquanto o amor virá em defesa contra esse ataque – como Abraham (1924/1970) mais tarde também desenvolveu. E toda a luta complica-se ainda mais por se dar no sistema inconsciente, o reino dos laços mnêmicos de coisas, em oposição aos investimentos de palavra, e assim “tudo permanece subtraído à consciência, enquanto não sobrevém o desenlace característico da melancolia” (Freud, 1917[1915]/2011, p. 83).

Esse desenlace é a mania, estado no qual a libido finalmente se retira do objeto e se volta para o Eu, representando um triunfo e um alívio para o último, que teria ganho a batalha e teria então a libido ao seu dispor. Um esclarecimento sobre o estado maníaco do melancólico poderia lançar luz sobre seu processo de separação do objeto:

Assim como o luto leva o ego a renunciar ao objeto, declarando-o morto e oferecendo-lhe como prêmio estar vivo, também cada uma das batalhas de ambivalência afrouxa a fixação da libido ao objeto, desvalorizando-o, rebaixando-o, como que também matando-o. É possível que o processo chegue ao fim dentro do sistema *Inc*, quer depois que a fúria se aplacou, quer

depois que se desistiu do objeto por ser ele destituído de valor. Não vemos qual dessas duas possibilidades põe um fim à melancolia regularmente ou com maior frequência, nem como esse fim influencia o andamento ulterior do caso. *Talvez o ego possa com isso desfrutar de poder se reconhecer como o melhor, como superior ao objeto* [itálicos nossos]. (pp. 83-85)

Portanto, arrefecendo o ódio, haveria a possibilidade de separação do objeto, como argumentou Abraham (1924/1970) logo acima. Ou ainda, o próprio ódio contribuiria para o processo de separação, pois desvalorizaria e mataria o objeto. Mas temos que considerar essa outra possibilidade, quando o Eu se mostra superior ao objeto, o que remete a uma onipotência característica do narcisismo.

A compreensão da dinâmica melancólica, por um intenso conflito ambivalente com ameaças de perda do objeto amado-odiado, não se mostra suficiente para distingui-la da neurose obsessiva, pois nisso elas se mostram semelhantes. Assim, somente essa terceira qualidade da melancolia poderia, de fato, caracterizá-la: a regressão da libido para o narcisismo originário. E é justamente por essa característica que Freud (1917[1915]/2011) concebe que há uma contradição no investimento do objeto: “Por um lado, deve ter havido uma forte fixação no objeto de amor e, por outro, e em contradição com isso, uma pequena resistência do investimento objetal” (pp. 61-63). Isso só pode ser explicado justamente pela identificação narcísica, pois ela permite que o investimento amoroso não seja abandonado: “*A identificação narcísica com o objeto se torna então um substituto do investimento amoroso e disso resulta que, apesar do conflito, a relação amorosa com a pessoa amada não precisa ser abandonada*” [itálicos nossos] (p. 63).

Com isso, chega finalmente à conclusão de que esse conflito narcísico – que opera no Eu, em lugar do conflito em torno do objeto – surge como uma *ferida dolorosa* que exige um contrainvestimento bastante elevado; assim como acontece na dor física – fenômeno próprio do narcisismo. Freud (1917[1915]/2011) encerra “Luto e melancolia” com esperanças de que o estudo dessa ferida, da dor física e de sua modalidade psíquica, poderia um dia ampliar a entendimento da melancolia.

O adendo C à “Inibição, sintoma e angústia” (Freud, 1926/2014) apresenta um estudo sobre as três possíveis reações à perda do objeto – angústia, dor e luto – e traz esclarecimentos sobre o enigma subjacente ao mecanismo da dor psíquica, sentida quando se perde alguém, quando comparada ao que ocorre na dor física, em que há um forte investimento narcísico na ferida:

A passagem de dor física para dor psíquica corresponde à mudança de investimento narcísico para objetal. A noção de objeto altamente investida pelas necessidades desempenha o papel

do local do corpo investido pelo aumento do estímulo. A natureza contínua do processo de investimento e a impossibilidade de inibi-lo produzem o mesmo estado de desamparo psíquico. Se a sensação de desprazer que então nasce tem o caráter específico da dor (que não pode ser mais precisamente definido), em vez de manifestar-se na forma de reação de angústia, é razoável atribuir isso a um fator ainda pouco aproveitado em nossa explicação, *o alto nível de investimento e ligação em que ocorrem tais processos conduzem à sensação de desprazer* [itálicos nossos]. (p. 123)

O anseio à satisfação das necessidades decorre das experiências de satisfação com o objeto: “repetidas situações de satisfação criaram o objeto que é a mãe, que, surgindo na criança uma necessidade, recebe um investimento intenso, que pode ser denominando ‘anseio’” (Freud, 1926/2014, p. 121). Como relembra Peres (2011) em seu posfácio a uma edição brasileira de “Luto e melancolia” (Freud, 1917[1915]/2011), o anseio do melancólico pelo amor do objeto já havia sido notado desde as cartas a Fliess, como vimos anteriormente. Com as necessidades não satisfeitas, emerge o desprazer e a dor psíquica, que caracteriza, enfim, a ferida melancólica.

Na ausência do luto, essa ferida melancólica fica fortemente investida e se utiliza especificamente dos motivos de ódio e decepção, que antes estavam direcionados ao objeto, como avaliam Abraham & Torok (1995) no texto “Luto ou melancolia, introjetar-incorporar”. O ódio fica em uma cripta e dissimula o objeto do amor oculto, já que o melancólico guarda na lembrança, como um bem precioso, a convicção da inocência do objeto. Sem jamais denunciar o que seria o indizível encapsulado em sua cripta – o objeto do amor oculto –, o Eu, quando está ameaçado de perder sua sustentação interna, se funde com o objeto que ele imagina isolado de si, iniciando assim um processo de luto interminável, que espalha tristeza e culpa.

Há uma verdadeira ânsia pelo objeto que atenda às necessidades, que pode ser observada naquilo que o melancólico coloca em cena, como observam Abraham & Torok (1995). Haveria um sofrimento não mais por parte do melancólico, uma vez que quem deve sofrer é o próprio objeto, pois agora é ele quem perdeu o sujeito, o que comprovaria o seu valor para o objeto. Isso explicaria os motivos de orgulho – que tanto surpreendeu Freud (1917[1915]/2011) e foi chamado de *narcisismo positivo* por Abraham (1924/1970) – que o melancólico sente diante das inúmeras reprovações que faz a si mesmo:

Compreende-se agora: quanto mais o objeto é apresentado como presa do sofrimento, da degradação (subentendido: por força de languescer pelo que perdeu), mais o sujeito possui títulos de que se orgulha: “Tudo isso ele sente por causa de *minha* perda!” Quando estou melancólico, ponho em cena, para que se reconheça sua amplidão, o luto do objeto por me ter perdido. (Abraham & Torok, 1995, pp. 255-256)

Para isso, o melancólico empresta sua própria carne, para ver o objeto incorporado¹⁶ sofrer por ele, e nesse sofrimento está localizada a agressividade que retorna sobre si. “Pôr em cena o luto que o sujeito empresta ao objeto perdido não é a única maneira que lhe resta ainda de reviver, à revelia de todos, o paraíso secreto que lhe foi arrebatado?” (p. 255). Ponderam, acima de tudo, que as intervenções do analista sobre a agressividade não resultam em nada além da própria ferida narcísica, enquanto não vier o reconhecimento do amor pelo analisando:

Reconhecer o prazer de um em ver o outro enlutado por ele; reconhecer, não o ódio, mas o amor do objeto pelo sujeito; reconhecer, enfim, a exaltação narcísica de ter recebido – ao preço de perigosas transgressões – *o amor pelo objeto: eis o que o melancólico espera do analista*. Quando ele tiver obtido esse reconhecimento, a inclusão poderá aos poucos dar lugar a um verdadeiro luto, as fantasias de incorporação poderão se transformar em introjeções. Em qualquer outro caso, subsistirá a chaga aberta original, que transforma toda intervenção sobre a agressividade em nova ferida narcísica [itálicos nossos]. (Abraham & Torok, 1995, p.256, grifos nossos)

É crucial, portanto, reconhecer o amor do analista pelo analisando. Para o sujeito melancólico, é fundamental sentir-se amado pelo objeto perdido, que foi incorporado e mantido em uma cripta, com paredes banhadas de ódio que escondem a ânsia por ele. E, finalmente, o luto teria lugar. O sofrimento do melancólico é sua última cartada para o seu restabelecimento narcísico e, com a percepção de que não pode mais encobrir o seu segredo amoroso, a fantasia de luto é levada até o fim, em sua mais completa dramatização:

não lhe resta senão levar até o fim sua fantasia de luto: “Se aquele que me ama deve me perder de verdade, ele não sobreviverá a essa perda”. Essa certeza dá uma grande serenidade, uma imagem do que seria a cura. Ela só se tornaria completa no dia em que “o objeto” tivesse realizado o sacrifício supremo... (Abraham & Torok, 1995, pp. 256-257)

Na cena analítica, para reconhecer que é amado, não há mais um sofrimento por parte do sujeito, e agora quem deve sofrer é o analista pela perda do objeto amado. Como seria

¹⁶ Utilizamos os termos *introjetar* e *incorporar* sem nenhuma distinção, como é feito pela maioria dos autores citados. No entanto, para Abraham e Torok (1995) a introjeção corresponde a um processo, e quando este encontra obstáculos, se dá a incorporação, que é uma fantasia narcísica e conservadora: “poder-se-á reservar o nome de ‘fantasia’ a toda representação, toda crença, todo estado do corpo, que tende ao efeito oposto, isto é, à manutenção do *status quo* tópico” (p. 243). Portanto, a fantasia de incorporação se opõe ao processo de uma mudança tópica e dá lugar a uma cura mágica: “É para não ‘engolir’ a perda que se imagina engolir, ter engolido, o que está perdido, sob a forma de um objeto” (p. 245). Assim, chegam à conclusão de que a “A ‘cura mágica’ por incorporação dispensa o trabalho doloroso da recomposição. Absorver o que vem a faltar sob forma de alimento, imaginário ou real, no momento em que o psiquismo está enlutado, é *recusar o luto* e suas consequências, é recusar introduzir em si a parte de si mesmo depositada no que está perdido, é recusar saber o verdadeiro sentido da perda, aquela que faria com que, sabendo, fôssemos outro, em síntese, é recusar sua introjeção. A fantasia de incorporação denuncia uma lacuna no psiquismo, uma falta no lugar preciso em que uma introjeção deveria ter ocorrido” (p. 245).

experimental contratransferencialmente esse luto eterno pela perda de seu analisando, que assiste em júbilo, se afirmando narcisicamente diante desse sofrimento? Caso isso não sobrevenha, haveria então um impasse e um luto eterno do melancólico?

A técnica de Brunswick (1928/1971) concentrou-se, justamente, em uma batalha para dissuadir Pankejeff de sua ideia de ser o predileto de Freud. Apesar dos fortes indícios de que Freud realmente o apreciava – como, por exemplo, toda a ajuda financeira que recolhia da comunidade psicanalítica para seu ex-analisando entre 1920 e 1926 –, Pankejeff defendia ferrenhamente essa posição de ser o favorito com argumentos vagos e fantasiosos, protegendo-se de sentimentos de uma natureza totalmente diferente:

Não havia razão possível para hostilizar Freud, que sempre mostrou a ele a mais tremenda parcialidade e afeição. Novamente ele frisou a qualidade não profissional da relação deles. Eu então perguntei se esse era o caso, porque ele nunca tinha sido visto socialmente na casa dos Freud. Ele foi obrigado a admitir que nunca tinha conhecido a família de Freud, dessa forma, danificando terrivelmente seu caso inteiro. Suas respostas eram vagas e insatisfatórias, talvez até para ele mesmo. Seus argumentos tinham um tom extraordinário: eles não eram exatamente ilusórios, mas eles continham uma surpreendente mistura de fantasia e fato. (p. 284)

Nessa posição, não havia razão para hostilizar Freud, e seu ódio se deslocava para outros médicos, como o professor X, configurando a essência de seu sofrimento paranoico de então; deslocamento esse que, na opinião da analista, impedia qualquer progresso na análise. Ao lhe dizer que não comentava nada a respeito dele para o seu ex-analista, e nem Freud demonstrava ter interesse por ele, Pankejeff fica claramente enfurecido e chocado, tanto com ela, quanto com Freud: “Ele não podia acreditar que Freud poderia mostrar tão pouco interesse por seu (famoso) caso” (Brunswick, 1928/1971, p. 285).

Depois dessa investida da analista para desmoronar a crença de ser amado por Freud, que provocou ataques de fúria por parte do russo, alguns sonhos revelaram o início de uma transformação, como, por exemplo, o seguinte:

O pai do paciente, no sonho um professor, no entanto, semelhante a um músico pedinte conhecido do paciente, senta na mesa e alerta os outros para não falar de assuntos financeiros diante do paciente, por sua tendência a especular. O nariz de seu pai é longo e curvo, fazendo o paciente se perguntar sobre essa mudança. (Brunswick, 1928/1970, p. 286)

Como já havia notado Freud (1918[1914]/2010), mendigos e aleijados eram vistos como castrados, a exemplo de um pobre e mudo diarista que trabalhava na casa dos Pankejeff: “Esse foi, portanto, o primeiro aleijado do qual ele se compadeceu; segundo o contexto e o momento em que surgiu na análise, era sem dúvida um substituto do pai” (p. 118). Desse modo,

a figura do pai era também vista como castrada: “O curioso é que também havia nele uma contracorrente, em que o pai era antes o castrado, e como tal provocava sua compaixão” (p. 117). Só que essa compaixão era originalmente narcísica e “devia sobretudo, através da expiração, manter afastada a identificação com os que lamentava” (p. 118).

Nas associações que seguem ao sonho, emerge o fato de Freud estar doente e ter passado por operações, o que ativou no russo um desejo de morte do pai. Esse desejo estava associado ao desejo de castrar o pai, não por rivalidade, mas pela frustração da demanda de amor passivo e por ter castrado o filho, pelas injúrias que sofria: “Mas se a injúria nasal do paciente só pode ser vingada pela morte, isso significa que a *castração é equivalente à morte*. Nesse caso, o pai castrado é o pai morto, assassinado, presumivelmente, por seu filho” [itálicos nossos] (Brunswick, 1928/1970, p. 286).

Do desejo de morte em relação ao pai decorre o medo dele, pela projeção de seu próprio ódio. Brunswick (1928/1970) relata que, para o russo, todos os médicos que visitara em função do buraco no nariz que acreditava ter, e agora com Freud doente, o teriam abandonado ou estariam contra ele. Assim, sofrendo com esses ataques e com as doenças que muito o abalavam, apenas sua megalomania poderia proteger a ferida narcísica.

Depois de uma visita ao recém-operado analista, imagina que de fato ele poderia morrer e, se esse fosse o caso, especula sobre seu próprio destino, esperando por um legado maior do que o que recebia dele vivo: “esperava que a morte de Freud lhe trouxesse algo” (Brunswick, 1928/1970, p. 286) – assim como as mortes de seu pai e de seu tio que lhe renderam heranças, ou em outras palavras, *presentes*.

Portanto, supomos que com as posses que receberia de herança ele poderia se imaginar amado e presenteado por seu ex-analista. Justamente, confirmar o amor de Freud poderia tê-lo então demovido da ideia de ser o predileto? Satisfeito narcisicamente, poderia abdicar de sua megalomania e da onipotência de ambos e reconhecer a castração, tanto em Freud quanto nele mesmo? Não uma castração ligada à morte, mas uma castração somente de uma parte de nós mesmos, e que nos leva a ser apenas mais um entre os demais na sociedade. Ou então teria sido a expressão de seu ódio que contribuíra para a separação de seu ex-analista?

Dissuadindo-se de sua posição de ser o favorito de Freud, teria saído de uma posição passiva e submissa ao pai, e finalmente poderia ser o pai em sua sublimação: “falava em certa medida sobre a sua necessidade de sublimar sua homossexualidade, e da dificuldade de achar meios. Estava a par de ter sido prejudicado pelas circunstâncias e de sua incapacidade interna” (Brunswick, 1928/1971, p. 293). Finalmente, em algum grau, teria se dado conta da castração, tanto do pai quanto dele, e sem precisar reagir com a megalomania ou os ataques de fúria, nem

seguir fixamente identificado com o pai ou com a mãe, iria procurar seu próprio caminho em liberdade, apesar das dificuldades.

É muito interessante que a analista também trata da identificação com a figura da mulher que o aprisionava naquilo que sua mãe lhe oferecera: a religião e a devoção à figura de Cristo que, como ele, sofria sem a proteção do pai. Identificando-se com a mãe, ocuparia a posição de castrado e, assim, “todo o seu narcisismo reagia contra a aceitação da castração nisso implicada. Se, contudo, ele abandonasse essa identificação com a mulher, não precisaria mais sentir medo da castração” (Brunswick, 1928/1970, p. 292). Não ficaria amedrontado com a figura paterna e suas ameaças de castração, não se defenderia em sua megalomania, nem buscaria refúgio em Freud ou outros médicos, enfim, seria possível abdicar novamente do amor de Freud.

Foi necessário um longo processo de análise para que pudesse chegar a essa conclusão. Como afirma Brunswick (1928/1970):

Nossa inteira preocupação é com um resto de transferência com Freud. Naturalmente esse resto implica que o paciente não se libertou inteiramente de sua fixação ao pai; mas aparentemente a causa da ligação restante não é a presença de um material inconsciente, *mas uma elaboração insuficiente da transferência ela mesma*. Eu digo isso diante do fato de que o paciente passou quatro anos e meio com Freud e permaneceu bem depois por uns doze anos. É uma coisa para o analista considerar um caso concluído, e outra para o paciente fazer isso. *Como analistas, nós podemos estar em plena posse dos fatos históricos da doença, mas nós não podemos saber em qual medida o doente precisa elaborar (durcharbeiten) para curar-se* [itálicos nossos]. (Brunswick, 1928/1970, p. 304)

Os desafios de um amor narcísico

No último capítulo do relato, a avaliação de Freud (1918[1914]/2006) é a de que o adoecimento de Pankejeff se deu em função de uma frustração narcísica, que estava de pleno acordo com sua atitude muito próxima da homossexualidade:

Portanto, ele adoeceu de uma “frustração” narcísica. Essa grande intensidade do seu narcisismo concordava inteiramente com outros indícios de um desenvolvimento sexual inibido: que a sua escolha heterossexual de objeto concentrou em si, não obstante toda a energia, bem poucas tendências psíquicas, *e que a atitude homossexual, tão mais próxima do narcisismo, nele se afirmou com tal tenacidade como poder inconsciente* [itálicos nossos]. (p. 156)

Na escolha de objeto homossexual, que estimulou Freud (1914b/2010) a estudar o narcisismo, há uma procura conforme o modelo de si mesmo, como escreve no início de “Introdução ao narcisismo”:

De modo especialmente nítido em pessoas cujo desenvolvimento libidinal sofreu perturbações, como perversos e homossexuais, descobrimos que não escolhem seu posterior objeto de amor segundo o modelo da mãe, mas conforme o de sua própria pessoa. *Claramente buscam a si mesmas como objeto amoroso, evidenciando o tipo de escolha de objeto que chamaremos de narcísico.* Nessa observação se acha o mais forte motivo que nos levou à hipótese do narcisismo [itálicos nossos]. (Freud, 1914b/2010, p. 32)

A partir disso, podemos concluir que o Homem dos Lobos, em seu intenso narcisismo ferido, e em sua escolha objetual homossexual, poderia satisfazer-se com a escolha amorosa caso encontrasse a si mesmo. Para avançarmos a discussão, podemos retomar o fenômeno do enamoramento, como aparece em “Psicologia das massas” (Freud, 1921/2011), em que há uma idealização do objeto, uma superestimação de seus atributos e qualidades, pois, devido a um falseamento do juízo, o objeto é tratado como o próprio Eu. Assim, o objeto pode ser amado em suas perfeições e, com isso, satisfaz o narcisismo:

O que aí falsei o juízo é o pendor à *idealização*. Com isso nós vemos facilitada a orientação; percebemos que o objeto é tratado como o próprio Eu, que então, no enamoramento, uma medida maior de libido narcísica transborda para o objeto. Em não poucas formas da escolha amorosa torna-se mesmo evidente que o objeto serve para substituir um ideal não alcançado do próprio Eu. Ele é amado pelas perfeições a que o indivíduo aspirou para o próprio Eu, e que através desse rodeio procura obter, para satisfação de seu narcisismo. (Freud, 1921/2011, p. 71)

Se as exigências do ideal podem ser suportáveis é porque o Eu reencontra a atitude infantil que o fazia imaginar ser capaz de atingir esse ideal em um tempo futuro, quando crescesse, como pondera Mijolla-Mellor (2010). A satisfação narcísica pode então ser encontrada em outro lugar, para além do enamoramento e da idealização, pois, com uma mínima confiança em seu próprio potencial, abre-se um diálogo com as exigências dos ideais. Caso contrário, há uma insatisfação narcísica que favorece a paixão amorosa e a alienação no outro, como uma tentativa de resgatar a perfeição almejada.

Enquanto na identificação o Eu se enriquece das qualidades do objeto que deve ser perdido, na idealização há um forte investimento no objeto que é colocado no lugar de ideal do Eu, restando um Eu enfraquecido, em meio a uma potente alienação, como conclui Mijolla-Mellor (2010):

A idealização é, portanto, definida como uma consequência do fracasso da formação do supereu e do ideal do eu na saída do Édipo. Não tendo podido constituir suas instâncias ideais em um sólido processo de identificação que assegurasse que, por seu intermédio, os primeiros objetos idealizados se tornassem propriedade do eu, este último encontra-se obrigado a despojar-se de sua libido narcísica em benefício de objetos existentes na realidade e, portanto, alienantes, no sentido de uma restrição imposta ao eu de colocar para fora de si seu elemento constitutivo mais importante, o ideal do eu. (p. 502)

Portanto, sem ter se assegurado de sua libido narcísica estruturante para o Eu, como ocorreria em um processo de identificação e a apropriação das imagos parentais, a idealização apenas renova a situação de abandono na infância e gera paralisia: ela nasce da relação entre um ser poderoso e um outro ser impotente e indefeso (Mijolla-Mellor, 2010). Considerando que o Homem dos Lobos estaria paralisado em uma relação idealizada e alienante, satisfazendo-se com os ideais de seu próprio analista, como então o processo de análise poderia contribuir para uma estruturação narcísica de outra ordem, que o pudesse liberar dessa ligação aprisionante?

A satisfação do próprio ideal junto aos objetos tem seu mérito como uma satisfação substituta a um Eu empobrecido, podendo inclusive se prestar a uma cura pela via do amor, só que esta não caberia à psicanálise, como opina Freud (1914b/2011):

Onde a satisfação narcísica depara com obstáculos reais, o ideal do Eu pode ser usado para a satisfação substitutiva. Então a pessoa ama, em conformidade com o tipo de escolha narcísica de objeto, aquilo que já foi e que perdeu, ou o que possui méritos que jamais teve [...] A fórmula paralela à de cima é: aquilo que possui o mérito que falta ao Eu para torná-lo ideal é amado. Esse expediente tem particular importância para o neurótico, que devido a seus investimentos de objeto excessivos está empobrecido no Eu. Busca então o caminho de volta ao narcisismo, após o seu esbanjamento de libido nos objetos, escolhendo um ideal sexual conforme o tipo narcísico, que possua os méritos para ele inatingíveis. *Isso é a cura pelo amor, que via de regra ele prefere à cura analítica* [itálicos nossos]. (Freud, 1914/2011, p. 49)

A pergunta que emerge, portanto, é sobre a maneira como essa cura pelo amor poderia ter lugar na análise, sem incorrer no risco da dependência e da alienação em relação ao analista. E isso seria exatamente aquilo que o analisando espera:

De fato, ele não pode crer em outro mecanismo de cura, em geral leva a expectativa do mesmo para o tratamento e dirige à pessoa do médico. Naturalmente a incapacidade de amar do paciente, devido a suas extensas repressões, é um empecilho a esse plano de cura. Se com o tratamento nós a reduzimos até certo grau, é frequente o resultado inesperado de que o paciente se furte à continuação do tratamento, para fazer a escolha de um amor e confiar o restabelecimento posterior à convivência com a pessoa amada. *Poderíamos ficar satisfeitos com essa saída, se ela não trouxesse todos os perigos de uma opressiva dependência de tal salvador* [itálicos nossos] (Freud, 1914/2011, pp. 49-50)

A dificuldade para amar oferece sérios obstáculos: como uma resistência ao estabelecimento da transferência e, quando aliviada, levaria à dependência do analista. Em uma das notas de rodapé em “O Eu e o id” (Freud, 1923c/2011) – parcialmente reproduzida no primeiro capítulo –, há uma menção ao risco do analista ser visto como salvador ou profeta, quando justamente se oferece como uma alternativa para o ideal do Eu, principalmente naqueles casos em que há uma forte barreira à análise provocada pelo sentimento de culpa:

Temos uma oportunidade especial de influenciá-lo quando este sentimento de culpa *ics* é *emprestado*, ou seja, é produto da identificação com uma outra pessoa, que uma vez foi objeto de investimento erótico. Tal adoção do sentimento de culpa é com frequência o único vestígio, difícil de ser reconhecido, da relação amorosa abandonada. A semelhança com o processo da melancolia é inconfundível. (Freud, 1923c/2011, p. 62)

Haveria um progresso na análise se desvendada a relação de objeto por trás do sentimento de culpa. Caso contrário, e sem garantias do desfecho de seu esforço, o analista poderia se prestar a substituir o ideal do Eu do analisando, só que aí correria o risco de assumir o papel de salvador e profeta, claramente um “novo limite à ação da psicanálise, que, afinal, deve proporcionar ao Eu do paciente a *liberdade* de decidir de uma ou outra maneira, e não tornar impossíveis as reações patológicas” (p. 63). Freud estava certamente preocupado em não oferecer nada que pudesse ser considerado um amor transferencial que fosse transgressor da regra básica de abstinência.

Esse tipo de relação, em que o analisando parece chegar à servidão, foi considerada uma paixão que não oferece só uma dificuldade à análise, mas seria intratável, na opinião de Hassoun (1989). Na origem da idealização de uma paixão, o objeto é indeterminado, e há uma ignorância a seu respeito: os outros não existem para além da sua convocação a satisfazerem uma avidez insaciável.

Controlado e obrigado a encarnar a perfeição e a adequação, o objeto é vítima de uma outra violência, pois deve continuar a sustentar, mais por omissão do que pela sua presença atenta, também um narcisismo faltoso do apaixonado. Sem nenhum deslocamento, e somente com a substituição de uma imagem por outra, numa série especular, isso nada mais seria do que uma tentativa fadada à falha. É sempre errante, pois necessita a irrupção desse reflexo narcísico paradoxal: ao mesmo tempo poderoso e miserável; e por isso é implacável e intratável.

Em “Observações sobre o amor de transferência”, Freud (1915a/2010) assume que as maiores dificuldades do tratamento não estão na interpretação das associações, nem no cuidado com a reprodução do reprimido, mas “as únicas e realmente sérias [dificuldades] estão no uso

da transferência” (p. 211). Pondera que, ao amor de transferência, não se pode furtar a ele o seu caráter de realidade:

Não temos o direito de recusar o caráter de amor “genuíno” à paixão que surge no tratamento analítico. Se ela parece pouco normal, isto se explica pelo fato de que também a paixão fora da análise lembra antes os fenômenos psíquicos anormais do que os normais. De todo modo, há alguns traços que lhe garantem uma posição especial. Ela é, em primeiro lugar, provocada pela situação analítica; em segundo, é bastante intensificada pela resistência que domina tal situação; em terceiro, carece enormemente de consideração pela realidade, é menos sensata, menos preocupada com as consequências, mais cega na avaliação da pessoa amada do que costumamos admitir para uma paixão normal. *Mas não podemos esquecer que justamente esses traços desviantes da norma constituem o essencial numa paixão* [itálicos nossos]. (p. 224)

Com um tom mais otimista, Miguelez (2015) afirma que é “justamente nesse realismo da transferência que ela encontra seu poder na cura. É por esse realismo também que a transferência é lugar de neogênese e transformação” (p. 54). A gratificação erótica deve ser negada, mas isso não pode ser confundido com uma posição inatingível: “o paciente precisa perceber que está na presença de um outro ser humano, comprometido, limitado por sua subjetividade. A interpretação encarnada do analista tem valor de alteridade e a transferência, valor de experiência mutativa” (p. 55). O analista é assim convocado a estar presente com sua subjetividade, vivendo as repetições transferenciais com a própria subjetividade – como também alerta Pontalis (1999).

Semelhante situação é observada por Ogden (2004) nos casos em que predomina um funcionamento esquizoparanoide, para quem as experiências de amor e ódio com um mesmo objeto geram ansiedades intoleráveis. Na relação predominada pela identificação projetiva, o objeto se vê inevitavelmente controlado e atuando um determinado papel pertencente ao drama interno do outro. Nesses casos, “O analista não é experimentado como *similar ao* objeto primário, ele *é* o objeto primário” (p. 21), e, com isso, é necessário que o analista experimente *ser* o objeto primário.

Caso o analista possa conter os sentimentos experimentados, sem simplesmente devolvê-los, pode então vir a acorrer uma mudança na relação, promovendo o desenvolvimento psíquico do analisando. O processamento dos conteúdos da identificação projetiva não deve operar simplesmente com o retorno do conteúdo modificado, mas, ao invés disso, deve ser capaz de “alterar o modo de contenção intersubjetivo produzido pelo par em interação, assim gerando uma nova maneira de experimentar velhos conteúdos psíquicos. Não é tanto que os conteúdos psíquicos são modificados; é o contexto intersubjetivo desses conteúdos que é modificado” (Ogden, 2004, p. 26).

Pondera que, desde Freud, sabe-se que as fantasias inconscientes são atemporais e nunca podem ser destruídas, e, portanto, não poderíamos falar da erradicação de uma fantasia, pois implicaria em uma extinção ou substituição por uma nova. As fantasias não são destruídas, elas são experimentadas de uma maneira distinta graças à mudança em sua matriz psíquica: o essencial é que aquilo que sofre mudanças é o contexto das fantasias.

A mudança psíquica teria lugar, portanto, somente a partir da experiência transferencial vivida com o analista de algo da ordem do enamoramento, da paixão, da alienação e do controle, mas só traria benefícios se, conjuntamente, ocorressem experiências de separação e, novamente, reitera-se a importância do ódio, das palavras e da posição disjuntiva do analista. Que ele possa ocupar o lugar do objeto primário, como em espelho, mas que possa sair e oferecer alternativas para que o analisando experimente diferentes contextos para suas fantasias.

Um paradoxo no processo de identificação

Quando menino, o Homem dos Lobos queria ser como seu pai, para ele um modelo admirado: “ao lhe perguntarem o que pretendia ser, ele costumava responder: ‘um homem como meu pai’. Esse objeto de identificação da sua corrente ativa tornou-se então o objeto sexual de uma corrente passiva, na fase sádico anal” (Freud, 1918[1914]/2010, p. 39).

Por outro lado, como vimos anteriormente, a partir de um sonho, a análise teria esclarecido que o sintoma de expirar ao ver gente lastimável, para não se tornar semelhante a eles, ligava-se ao pai. Este também era o modelo original de todos os pobres, aleijados e mendigos, e assim, no sintoma de expirar estava “a velha identificação com o pai, transformada no negativo” (Freud, 1918[1914]/2010, p. 91).

Graças ao estudo da melancolia, a identificação foi reconhecida em sua importância e em sua precocidade e como um substituto do investimento objetal permitiu a Freud (1923c/2011) compreender a configuração do Eu, detalhada em “O Eu e o id”:

Foi-nos dado esclarecer o doloroso infortúnio da melancolia, através da suposição de que um objeto perdido é novamente estabelecido no Eu, ou seja, um investimento objetal é substituído por uma identificação. Mas ainda não reconhecíamos, então, todo o significado deste processo, e não sabíamos como ele é típico e frequente. Desde então compreendemos que tal substituição participa enormemente na configuração do Eu e contribui de modo essencial para formar o que se denomina o seu *caráter*. (p. 35)

Como uma introjeção característica da fase oral, a identificação se apresenta como uma condição para o abandono dos investimentos no objeto e para a separação do mesmo. Assim o caráter do Eu surge justamente como um precipitado dessas escolhas de objeto abandonadas:

Talvez, com essa introjeção que é uma espécie de regressão ao mecanismo da fase oral, o Eu facilite ou permita o abandono do objeto. *Talvez essa identificação seja absolutamente a condição sob a qual o Eu abandona seus objetos.* De todo modo, o processo é muito frequente, sobretudo nas primeiras fases do desenvolvimento, e pode possibilitar a concepção de que *o caráter do Eu é um precipitado dos investimentos objetivos abandonados*, de que contém a história dessas escolhas de objeto [itálicos nossos]. (p. 36)

Apesar do caráter do Eu se apresentar como um precipitado desses investimentos objetivos, Freud (1923c/2011) reconhece que existe uma alteração do caráter anterior a qualquer escolha de objeto: “Também devemos considerar o investimento objetal e a identificação simultâneos, ou seja, uma alteração do caráter anterior ao abandono do objeto” (p. 37). Dessa maneira, mesmo que aqui reconheça apenas a simultaneidade da identificação com a escolha de objeto, em “Luto e melancolia” (1917[1915]/2011) já havia reconhecido a primazia da identificação, como também afirmara em “Psicologia das massas e análise do Eu”: “A psicanálise reconhece a identificação como a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa” (Freud, 1921/2011, p. 60).

Em “O Eu e o id” (Freud, 1923c/2011), confirma-se a existência de uma identificação primordial com o pai da pré-história pessoal e que poderia ser pai e mãe, pois “não são avaliados de forma diversa, antes do conhecimento seguro da diferença entre os sexos, da falta do pênis” (p. 39). As identificações subsequentes vêm apenas reforçar tal identificação:

Mas, como quer que seja depois a resistência do caráter às influências dos investimentos objetivos abandonados, serão gerais e duradouros os efeitos das identificações iniciais, sucedidas na idade mais tenra. Isso nos leva de volta à origem do ideal do Eu, pois por trás dele se esconde a primeira e mais significativa identificação do indivíduo, aquela com o pai da pré-história pessoal. Esta não parece ser, à primeira vista, resultado ou consequência de um investimento objetal; é uma identificação direta, imediata, mais antiga do que qualquer investimento objetal. Mas as escolhas de objeto pertencentes ao primeiro período sexual e relativas a pai e mãe parecem resultar normalmente em tal identificação, e assim reforçar a identificação primária [itálicos nossos]. (p. 38-39)

A distinção entre a identificação e a escolha de objeto é bastante clara: a primeira define o que se gostaria de *ser*, antes mesmo de qualquer escolha de objeto, configurando o Eu à semelhança daquele que foi tomado como *modelo*; já a escolha de objeto é definida a partir

do que se gostaria de *ter*, tal como aparece no texto de 1921, “Psicologia das massas e análise do Eu”:

É fácil exprimir numa fórmula a diferença entre essa identificação com o pai e a escolha do pai como objeto. No primeiro caso o pai é aquilo que se gostaria de *ser*, no segundo, o que se gostaria de *ter*. Depende, portanto, de que a ligação recaia no sujeito ou no objeto do Eu. O primeiro tipo, então, já é possível antes de qualquer escolha de objeto. Bem mais difícil é fazer uma apresentação metapsicológica nítida dessa diferença. *Percebe-se apenas que a identificação se empenha em configurar o próprio Eu à semelhança daquele tomado por “modelo”* [últimos itálicos nossos]. (Freud, 1921/2011, p. 62)

Com a dissolução do complexo de Édipo duplo, surge um precipitado no Eu, que consiste das duas identificações, com pai e mãe: “*Essa alteração do Eu conserva a sua posição especial, surgindo ante o conteúdo restando do Eu como ideal do Eu ou Super-eu*” [itálicos nossos] (Freud, 1923c/2011, p. 42), como o resíduo das primeiras escolhas objetais, mas também uma enérgica formação reativa a este¹⁷:

Mas o Super-eu não é simplesmente um resíduo das primeiras escolhas objetais do Id; possui igualmente o sentido de uma enérgica formação reativa a este. Sua relação com o Eu não se esgota na advertência: “Assim (como o pai) você *deve* ser”; ela compreende também a proibição: “Assim (como o pai) você *não pode* ser, isto é, não pode fazer tudo o que ele faz; há coisas reservadas a ele”. Essa dupla face do ideal do Eu deriva do fato de ele haver se empenhado na repressão do complexo de Édipo, de até mesmo dever sua existência a essa grande reviravolta. (Freud, 1923c/2011, p. 42-43)

A combinação de duas afirmações simultâneas e paradoxais, em que a aceitação de uma é equivocada em relação à outra, remete a um funcionamento que foi chamado de *duplo entrave* por Rosolato (1978). Um exemplo estaria na validade dessas duas afirmações simultaneamente: “faça isso” e “não seja tão obediente”. É um mecanismo que ocorre desde a origem do sujeito e de forma universal, sobre um plano vital constituinte do narcisismo. Ele diz respeito à diferença das gerações, às identificações bem como ao complexo de Édipo.

O duplo entrave ocorre precisamente nessa passagem de “O Eu e o id” (Freud, 1923c/2011), logo acima citada, em que há esses dois mandamentos simultâneos: “seja assim como o pai” e “não seja assim como o pai”. Haveria um paradoxo nessas frases caso “ser como o pai” signifique ser *inteiramente* como ele, uma vez que ser “absolutamente como o pai, o duplo (em espelho), é ser seu próprio pai: posição narcísica na qual o afrontamento repercute

¹⁷ De acordo com o dicionário de Laplanche & Pontalis (2001), o termo Supereu aparece pela primeira vez em “O Eu e o id” (Freud, 1923c/2011) de uma forma ampla e um tanto indiferenciada, englobando tanto uma função de interdição como de ideal. Se é mantida a subestrutura do ideal do Eu, a instância do Supereu encarna lei e proibição.

sobre si mesmo” (Rosolato, 1978, p. 223). Nessa identificação total, portanto, há uma violenta aniquilação de si e, como contrapartida, o que surge é a onipotência.

Pankejeff identificava-se com seu pai e gostaria de ser como ele, mas, ao mesmo tempo, reconhecia-o como uma figura depreciada que não gostaria de ser. Só é possível concluir que nesse processo de identificação, bastante precoce e que teria se dado antes mesmo da saída do Édipo, se fosse como o pai, seria imediatamente repugnante. Preso às duas sentenças insatisfatórias, esse paradoxo só poderia provocar sua paralisia. Sem que pudesse se decidir entre incorporar ou expulsar o objeto de amor perdido, recorria a uma solução de onipotência e ilusão – como observou Brunswick (1928/1971). Sem que nunca viesse a se desligar do objeto, buscava apaixonadamente um modelo ideal que satisfizesse seu narcisismo, em meio a essas identificações duvidosas.

Uma introjeção impossível: o medo da morte

No relato do caso do Homem dos Lobos, há a afirmação de que a angústia de morte poderia emergir na fase oral do desenvolvimento. Foi o que aconteceu com o pequeno russo, quando sofreu de falta de apetite em sua primeiríssima neurose, acompanhada de um medo de morrer, que o assombrou em diversos outros momentos da infância¹⁸:

Parece que também a essa fase corresponde uma angústia (em casos de distúrbio, naturalmente) que aparece como angústia ante a morte, e pode se ligar a tudo que é mostrado à criança como sendo apropriado. Em nosso paciente ela foi usada para conduzi-lo à superação de sua falta de apetite, e mesmo para a supercompensação desta [itálicos nossos]. (Freud, 1918[1914]/2010, p. 142)

Esses dois sintomas, o medo da morte e a recusa alimentar, foram observados por Abraham (1916/1970) nas perturbações depressivas: “Entre as mais importantes e notáveis manifestações das perturbações mentais depressivas encontram-se dois sintomas que apresentam uma relação imediata com a ingestão de alimento. *São eles a recusa em alimentar-se e o medo de morrer de inanição*” [itálicos nossos] (p. 75). Esse medo de morrer por falta de alimentos bem poderia ser uma expressão da tendência suicida melancólica, se não fosse a estranheza dessa escolha, pois é uma morte bastante lenta e, além do mais, incerta. Assim, o

¹⁸ Um desses momentos aparece em suas associações com o sonho dos lobos, quando a cor branca desses animais relaciona-se ao rebanho de ovelhas que havia ao redor da propriedade da família, sendo que algumas delas morreram após serem vacinadas: “alusões ao medo da morte haviam de estar presentes” (Freud, 1918[1914]/2010, p. 48).

medo de morrer, nesses casos, só poderia estar vinculado ao impedimento da introjeção do objeto:

A ansiedade do paciente quanto a morrer de fome é agora também fácil de entender. *Seu desejo de “incorporar”, de devorar o objeto desejado, defronta-se com poderosas resistências internas.* Tal como acontece com outros desejos, o desejo canibalesco, quando sua realização se defronta com uma resistência grande demais, transforma-se em ansiedade neurótica. Foi ameaçado pela sina de nunca realizar-se. *Foi promulgado o edito de que a zona bucal nunca experimentará aquela satisfação por que anseia e o resultado é o medo de morrer de inanição* [itálicos nossos]. (p. 79)

É justamente a repressão do desejo inconsciente mais profundo do melancólico, de destruir o objeto devorando-o, que coloca barreiras à sua realização, com a recusa a devorá-lo e a colocar o alimento para dentro, que se soma a um estado depressivo, com uma incapacidade para amar. Nas páginas finais de “O Eu e o id”, Freud (1923c/2011) coloca a questão a partir do ponto de vista da dinâmica entre as instâncias psíquicas:

O mecanismo do medo da morte só poderia ser este: o Eu dispensa em larga medida o seu investimento libidinal narcísico, isto é, abandona a si mesmo, como a um objeto em caso de angústia. Penso que o medo da morte se dá entre o Eu e o Super-eu. (p. 72)

Na melancolia, o medo da morte admite apenas uma explicação: “o Eu abandona a si mesmo por sentir-se odiado e perseguido pelo Super-eu, em vez de amado” (p. 73). O mesmo ocorre ao Eu, quando não acredita em suas próprias forças mediante um perigo na realidade:

A mesma conclusão deve tirar o Eu quando se acha ante um imenso perigo real, que não acredita poder superar com suas próprias forças. Vê-se desamparado de todos os poderes protetores e deixa-se morrer. Esta é, aliás, a mesma situação que subjaz ao primeiro grande estado de angústia, o do nascimento, e à angústia infantil da nostalgia, a de separação da mãe protetora. (p. 73)

Podemos supor que, para o Eu, é um perigo estar a sós diante da agressividade do Supereu:

Quando o Eu sofre ou mesmo sucumbe à agressão do Super-eu, seu destino é uma contrapartida daquele dos protozoários que perecem devido aos produtos de decomposição que eles mesmos criaram. No sentido econômico, a moral atuante no Super-eu nos parece tal produto de decomposição. (p. 71)

O que ocorre ao Eu, portanto, seria semelhante ao que ocorre aos protozoários, que morrem em função dos próprios produtos metabólicos. A referência aos protozoários aparece

em “Mais além do princípio do prazer”, em que Freud (Freud, 1920/2010) apresenta um experimento do biólogo Woodruff, que comprova a tese de que, caso esses seres unicelulares sejam deixados sem interferência externa, “os pequenos seres são prejudicados pelos produtos do metabolismo que lançam no líquido ao seu redor, e pôde convincentemente demonstrar que apenas os produtos do *próprio* metabolismo têm o efeito de acarretar a morte da geração” (p. 218). Freud supõe o mesmo para os seres pluricelulares: “Abandonado a si mesmo, portanto, o infusório tem uma morte natural, devido à imperfeita eliminação de seus produtos metabólicos; *mas talvez todos os animais superiores também morram devido à mesma incapacidade, no fundo*” [itálicos nossos] (p. 218).

Apesar de “Mais além do princípio do prazer” não ser o foco desse trabalho, é relevante que é lá que Freud (1920/2010) postula a ideia de que o nosso destino é perecer:

Se é lícito aceitarmos, como experiência que não tem exceção, que todo ser vivo morre por razões *internas*, retorna ao estado inorgânico, então só podemos dizer que *o objetivo de toda vida é a morte*, e, retrospectivamente, que *o inanimado existia antes que o vivente*. (p. 204)

Em compensação, a *vitalização* aparece em outros experimentos da biologia que mostraram a Freud (1920/2010) que, se animais unicelulares em pleno envelhecimento são misturados uns aos outros, eles rejuvenescem. Tal efeito revigorante poderia vir também de outros agentes externos, como, por exemplo, a mudança da água em que estavam imersos. Em um minucioso estudo sobre o texto, Figueiredo (1999) conclui, especialmente dessa passagem do texto freudiano, que “*a vida vem de fora, vem da diferença*” (Figueiredo, 1999, p. 95).

Freud (1920/2010) dá um passo adiante ao buscar apoio na filosofia de Schopenhauer, “para quem a morte é o ‘autêntico resultado’ e, portanto, o objetivo de vida, enquanto o instinto sexual é a encarnação da vontade de vida” (p. 220). A partir dessa ideia, Freud postula que “a união de numerosas células num agregado vital, a multiplicidade dos organismos, tornou-se um meio para o prolongamento de sua vida” (p. 220). Acrescenta ainda que “*a copulação, a temporária fusão de dois seres unicelulares, tem efeito preservador da vida e rejuvenescedor em ambos*” [itálicos nossos] (p. 220).

Sobre essas últimas passagens, Figueiredo (1999) nos chama a atenção para uma ideia crucial: “uma célula aporta à outra e dela recebe um *potencial de diferença* que rejuvenesce e prolonga a *vitalidade de ambas*. É o que se passa no caso da reprodução sexual e de outros encontros com a alteridade” (p. 98).

Com isso, podemos pensar que o trabalho realizado junto com o objeto, com o diferente, favorece a continuidade da vida, prolongando-a por mais tempo. Temos notícias do

que ocorre na relação com o objeto em “Luto e melancolia” (Freud, 1917[1915]/2011). Ali, a hostilidade que se volta contra o Eu, e que o levaria ao suicídio, estaria em desacordo com o princípio de um estado primordial da vida pulsional: “Reconhecemos como o estado primordial do qual parte a vida pulsional um amor a si próprio tão enorme, e vemos na angústia que sobrevém diante da ameaça à vida uma tão grande liberação de libido narcísica, que não entendemos como esse ego pode consentir em sua própria destruição” (Freud, 1917[1915]/2011, p. 69). Seria apenas o melancólico que chegaria a tal destruição, pois nele, o Eu se confunde e se trata como o objeto:

Há muito tempo sabíamos que nenhum neurótico abriga propósitos de suicídio que não estejam voltados para si a partir do impulso de matar os outros, mas não pudemos compreender o jogo de forças pelo qual uma intenção como essa pode se pôr em ação. *Agora a análise da melancolia nos ensina que o ego só pode matar a si próprio se puder dirigir contra si a hostilidade que vale para o objeto e que representa a reação primordial do ego contra os objetos do mundo externo* [itálicos nossos]. (Freud, 1917[1915]/2011, p. 69)

O tormento melancólico é fruto de uma rebeldia contra o objeto que foi enclausurado, e a agressividade direcionada a si mesmo é uma tentativa de vingança. O resultado é apenas um apego à própria doença, que se manifesta como uma força que resiste ao tratamento:

o doente ainda tenta conseguir, por meio do rodeio da autopunição, vingar-se dos objetos originários e atormentar seus seres amados através da condição de doente, depois de ter cedido à doença para não ter de mostrar diretamente a eles a sua hostilidade [itálicos nossos]. (Freud, 1917[1915]/2011, p. 67)

Podemos concluir disso que a angústia de morte emerge num contexto de extrema fragilidade do Eu, que se sente abandonado em seu investimento libidinal narcísico e incapaz de defender-se da agressividade voltada a si. Como ressalta Abraham (1916/1970), não foi possível introjetar o objeto, e em lugar do investimento libidinal direcionado a um Eu, que se fortalece pois adquire as qualidades do objeto, encontra-se tão somente, como Freud (1917[1915]/2011) afirma, a poderosa sombra do objeto que recaiu sobre o Eu. Sem ser amado e protegido pelo Supereu, ao Eu estaria reservado o mesmo destino que os protozoários, que perecem de seus *próprios* produtos metabólicos.

No caso do suicídio melancólico, sem que o Eu possa se distinguir do objeto, este persiste internamente e se mantém poderoso:

Assim, na regressão a partir da escolha narcísica de objeto, o objeto foi de fato suprimido, mas provou ser mais poderoso que o próprio ego. Nas duas situações opostas, o mais extremado

enamoramento e o suicídio, embora por caminhos inteiramente diferentes, o ego é subjugado pelo objeto [itálicos nossos]. (Freud, 1917[1915]/2011, p. 69)

A distinção do objeto poderia ocorrer com o advento do julgamento, realizado, primeiramente, por um Eu-prazer purificado sobre as características de uma coisa, quando escolhe se algo é acolhido ou não no Eu, cujo o resultado é a delimitação do espaço interno, como se vê em “Os instintos e seus destinos” (Freud, 1915b/2010). Podemos pensar o quanto desregulada está essa função no contexto das relações fortemente ambivalentes.

Em “A negação” (Freud, 1925/2011), Freud acrescenta uma segunda função ao juízo que consiste em admitir ou contestar se uma representação existe ou não na realidade. Ela só acontece com a experiência de *perda do objeto*, pois é somente com essa falta que o Eu-realidade definitivo pode julgar se a representação que tem do objeto pode ser reencontrada também na percepção externa. Estabelece-se assim um juízo entre o que é percebido e o que deve ser somente subjetivo: “O não real, apenas representado, subjetivo, está apenas dentro; o outro, o real, também se acha *fora*” (p. 279). Portanto, no enamoramento e no suicídio, em que o objeto tem um valor exacerbado e não se pode perdê-lo, certamente essa segunda função do juízo estaria também prejudicada.

A pulsionalidade primária está na gênese da função intelectual: a *afirmação* é uma evolução da junção – de Eros – e a *negação* [*Verneinung*] decorre da expulsão – da pulsão de destruição. A última tem um papel fundamental para a liberdade de pensamento, pois, “através do símbolo da negação, o pensamento se livra das limitações da repressão e se enriquece de conteúdos de que não pode prescindir para o seu funcionamento” (Freud, 1925/2011, p. 278). Caso a relação ambivalente, permeada de amor e ódio, possa ser posta em palavras, haverá o livre pensamento e o juízo de realidade.

Com a distinção entre o Eu e o objeto, poderia finalmente haver uma externalização do ódio que preservaria a vida, com o amalgamento das pulsões em certa medida. Caso o ódio pudesse ser usado (Winnicott, 1969/1989), o juízo de realidade poderia ser criado; e ainda se pudesse devorar o objeto talvez as angústias de morte fossem amenizadas (Abraham, 1916/1970).

O duplo

Por uma série de identificações, a estruturação do Eu pode se dar ou não, como Florence (1994) afirma, e o que acontece numa identificação narcísica, própria da melancolia,

é que ao invés de permitir uma tensão que abre o Eu para igualar o objeto introjetado, estruturando o Eu, essa identificação cliva o Eu, revelando-se mortífera e destrutiva para ele. Não havendo o luto, se observa uma relação com o objeto que é da ordem do *duplo*: “uma ligação sadomasoquista sem medida, delirante, no cenário do eu, fora de toda obediência à realidade. O próprio de uma identificação narcísica é conservar um vínculo em que o objeto e o eu são os *duplos* um do outro” [itálico nosso] (p. 131).

Com as formulações teóricas que introduzem a nova dualidade pulsional, a melancolia passa a ser uma manifestação da cultura da pulsão de morte, já não mais enlaçada a Eros. Em “O Eu, mortal-imortal”, Green (1988) considera que, a partir de então, não é mais possível afirmar que as angústias de morte seriam todas substitutas da angústia de castração; isso seria verdade para as neuroses de transferência, mas não para as neuroses narcísicas. Nestas, a angústia de morte se daria diante do fim do prazer de viver, diferente de uma angústia de castração, que se dá diante do fim do prazer.

No nível do narcisismo originário, o Eu fica vulnerável e aflito com os múltiplos efeitos da destrutividade e, se sentindo ameaçado em sua existência, fica imerso em angústia de morte, tornando necessária uma fantasia de sua imortalidade. Nesse cenário, o Eu encontra um refúgio em sua própria idealização, que vem da relação com seu *duplo*:

A invulnerabilidade que assim é conferida é solidária de um estado que podemos qualificar seja de bissexualidade auto-suficiente, seja de assexualidade indiferente, ou, ainda, de indiferenciação sexual. [...] *A completude narcisista não é mais o resultado da fusão com o objeto; nasce agora da relação que o Eu estabelece com seu duplo* [itálicos nossos]. (p. 295)

A representação da morte não existe no inconsciente, e nele também não há uma representação de sua contrapartida, a aspiração à imortalidade, pois, como Freud (1923c/2011) afirma em “O Eu e o id”, o medo da morte “oferece à psicanálise um difícil problema, pois a morte é um conceito abstrato de teor negativo, para o qual não se acha uma correspondência inconsciente” (p. 72). Entretanto, para Green (1988), o Eu encontra-se clivado e se reconhece mortal em função da necessidade e do princípio de realidade. Assim, a crença na imortalidade surgiria no Eu e se tornaria consciente somente com a cobertura de uma ficção, que seria uma “autêntica recusa da morte no seio de um Eu que se sabe mortal, com seu *duplo* que se recusa a admitir a fatalidade do término da existência” [itálico nosso] (Green, 1988, p. 283).

Para Green (1988), o caso do Homem dos Lobos abala a convicção de Freud no Eu como um poderoso aliado no tratamento, já que o Eu teria se tornado responsável por grande parte do processo defensivo em jogo. A resistência ao tratamento não se daria somente em

função da manutenção das defesas antiquadas do Eu, mas também precisamente por essa parte do Eu que luta por sua imortalidade e exerce uma força contra os progressos da análise.

Considerado um dos temas mais notáveis por Freud (1919/2010) em “O inquietante”, o duplo ocorre quando há uma identificação com outra pessoa que implica num equívoco quanto ao próprio Eu, com uma “duplicação, divisão e permutação do Eu” (p. 351)¹⁹. Ele se origina tanto no terreno do ilimitado amor a si próprio como uma ânsia por garantias contra o desaparecimento do Eu, como um enérgico desmentido do poder da morte. Com a superação dessa fase, o duplo tem o seu sinal invertido: de garantidor de sobrevivência passa a ser um inquietante mensageiro da morte. E esse efeito inquietante decorre de que aquilo que é projetado, e que então aparece fora, remete a um período que foi superado, quando tinha um significado mais amigável, como também pelo fato de o Eu não estar suficientemente discriminado em relação ao mundo exterior e aos outros:

O caráter de inquietante pode proceder apenas do fato de o duplo ser criação de um tempo remoto e superado, *em que tinha um significado mais amigável*. O duplo tornou-se algo terrível, tal como os deuses tornaram-se demônios após o declínio de sua religião [itálicos nossos]. (pp. 353-354)

O efeito inquietante pode aparecer também quando são atribuídas más intenções a outras pessoas, que contam com a ajuda de forças especiais, como ilustrado pelos versos de *Fausto*, de Goethe, em que os poderes ocultos de Mefistófeles fazem dele uma figura inquietante para Gretchen: “Ela sente que sou um gênio, sem dúvida, / E talvez até mesmo o Diabo” (Goethe apud Freud, 1919/2010, p. 363). Decorre disso, portanto, que, na melancolia, o inquietante estaria exacerbado pela projeção do ódio sentido por um objeto amado-odiado (Abraham, 1911/1970), e, assim, algo que deveria ter um significado mais amigável é visto como terrível, ameaçador e inquietante.

Tomando como ponto de partida a literatura e a antropologia, Rank (1925/1989) faz um depurado estudo sobre o duplo e avalia que a culpa seria um sintoma dos mais proeminentes que levam à busca pelo duplo. Para não aceitar a responsabilidade de seus atos, o herói a coloca em seu duplo, que ganha a figuração do diabo e personifica os desejos inaceitáveis. Assim, os desejos do herói podem ser indiretamente satisfeitos pelo seu duplo, sem precisar assumir a responsabilidade por eles.

¹⁹ O caso do Homem dos Lobos serviu de estímulo para Freud (1940[1938]/2018) formular o processo de cisão do Eu em seu artigo inacabado “A cisão do Eu no processo de defesa”. Uma discussão mais aprofundada do assunto foi feita por Abraham & Torok (1986).

Com a projeção no analista dos desejos vingativos inaceitáveis para o melancólico, é possível que esse efeito resulte em um analista-duplo, como uma figura onipotente e ameaçadora que personifica o diabo. Isso dificultaria o estabelecimento da transferência positiva, bem como da passividade, necessária para a estruturação narcísica.

Com relação a essa hostilidade que vem do outro, Laplanche (1992) afirma que ela não é subordinada à ambivalência, mas sim à alteridade e ao que vem originalmente do outro, como um demoníaco oculto e inquietante²⁰. Na situação de desamparo, Cardoso (2002) afirma que a perda do amor do outro ganha contornos de uma alteridade intraduzível:

A perda do amor implica o risco de um desnudamento da face pulsional inassimilável do outro, a experiência de perda não se limita, conforme havíamos sublinhado, a uma simples privação. Neste caso, a dimensão de *falta* – perda da proteção do outro externo/interno – e a de *excesso* – “ganho” de uma alteridade interna intraduzível – são indissociáveis [itálicos nossos]. (Cardoso, 2002, p. 36)

É novamente a perda do amor, que vimos ser essencial para que ocorra a passividade diante do pai e uma saída sublimatória, que faz aumentar os riscos de estar diante do outro, do diferente, de uma alteridade. Em consideração à melancolia, Laplanche (1987) afirma que o objeto é introjetado apenas como um objeto mau, pois a perda do melancólico é apenas uma perda parcial, uma perda da parte boa do objeto, fazendo “surgir por detrás do objeto bom desaparecido, a sombra do objeto mau obtido por clivagem da mãe” (p. 341).

Na melancolia, portanto, haveria o retorno dessa parte obscura do objeto sobre si, como um *transporte* no próprio Eu de uma dimensão intraduzível e categórica desse objeto. Cardoso (2002) questiona se esse processo seria próprio de uma identificação, pois, trata-se justamente da impossibilidade de integrar a sombra do objeto no Eu, e considera que estaria mais próximo da fascinação e da sujeição. Constitui-se um verdadeiro estrangeiro-em-si, superinvestido e impossível de ser integrado, restando apenas a desproteção e a submissão, que exige um árduo trabalho psíquico singular face a esse radical *estrangeiro-em-si*.

É possível que, na transferência, esse objeto interno perseguidor permaneça projetado no analista, como um duplo, temido e venerado, e inquietante ao mesmo tempo. Isso só reforçaria a busca pelo duplo e a indestrutibilidade do sujeito. A separação e a diferença podem representar novamente uma ameaça avassaladora e mortífera, provocando a ambivalência, como acontece diante de uma alteridade sem o amor. Ao mesmo tempo, somente aquilo que

²⁰ Em “Luto e melancolia”, Freud (1915[1917]/2011) encontra a ideia de uma ambivalência decorrente da perda do objeto de amor: “A perda do objeto de amor é uma oportunidade extraordinária para que entre em vigor e venha à luz a ambivalência das relações amorosas” (p. 65).

está fora, que é diferente, teria condições de novamente alimentar o dentro, mantendo-o vivo, como ressalta Freud (1920/2010).

Capítulo 3 – A bissexualidade na transferência

Tenhamos presente o modo como os seres humanos em geral se comportam afetivamente uns com os outros. Conforme a célebre alegoria de Schopenhauer, sobre os porcos-espinhos que sentem frio, nenhum deles aguenta uma aproximação muito íntima do outro. Freud (1921/2011, p. 56)

A bissexualidade e, conseqüentemente a *fantasia incestuosa com a mãe*, apesar de evidentes naquele que foi o primeiro relato de caso do Homem dos Lobos, parecem ter sido deixadas em um segundo plano na análise conduzida por Freud: “*No tratamento ele se queixava de que não podia conviver com uma mulher, e todo o trabalho se orientou para lhe desvendar a relação inconsciente com o homem*” [itálicos nossos] (Freud, 1918[1914]/2010, pp. 155-156). É um aspecto da vida psíquica difícil de ser trabalhado em análise, pois pode permanecer em pontos obscuros de nossa mente, o que justifica nossa investigação.

Por bissexualidade, Schaeffer (2002) compreende que ela é, por essência, narcísica e situa-se do lado das identificações primárias ou secundárias, podendo operar como uma defesa contra a elaboração da diferença dos sexos, que é libidinal e objetal. Considera a existência de uma bissexualidade pré-genital a dois decorrente de uma identificação primária, em que o psiquismo maternal é interiorizado pela criança nos moldes da oralidade e, sem distinção entre devorar e ser devorado, forma uma completude narcísica fusional e indiferenciada, um estado original de união com a mãe.

Considera que o investimento erótico e sedutor feito pela mãe imprime a feminilidade originária nas crianças dos dois sexos, como um feminino maternal original, que fornece, *après-coup*, o fantasma do paraíso perdido e, caso perdure, faz obstáculo à diferenciação das imagens parentais, e o que persiste é essa imagem maternal arcaica bissexual. É uma mãe poderosa, não castrada, que tudo possui, como os pais combinados, com pênis e seio. No caso dos meninos, há uma dificuldade em se desligar dessa marca que imprime uma homossexualidade primária e “isso pode conduzi-lo, quando a função paterna não apoiou suficientemente a desidentificação, à homossexualidade agida, a uma procura constante no exterior de uma confirmação do valor erótico e narcísico de seu pênis” (Schaeffer, 2002, p. 25).

A regressão na análise ao tempo da identificação primária alimenta a fantasia de um analista como essa mãe arcaica “que não faz mais do que *um* com o analisando” [itálico nosso] (p. 26). Essa imagem que todos temos, e que é da ordem do inquietante estrangeiro, gera a fantasia de um poder narcísico fusional, acrescido do seu inverso, o lado mortífero. Na transferência, analista e analisando viveriam essa posição primária indeterminada, onde, ao mesmo tempo, se é um e outro, ou nem um nem outro. Haveria uma saída com a escolha de uma posição somente,

que implica uma renúncia a ser tudo; é escolher uma e não duas posições ao mesmo tempo, como ocorre na bissexualidade. Renuncia-se a “ser tudo”, mas que poderia acabar pendendo para o outro lado, o do “ser nada”.

Em suma, o fim da análise – se houvesse – vem com a experiência subjetiva diante da finitude e da morte, numa renúncia à bissexualidade, caso contrário, perdura a fixação nessa mãe arcaica onipotente, uma busca pelo paraíso perdido. Para Schaeffer (2002), ao analista seria solicitado não somente uma contenção maternal, mas uma posição próxima desse feminino libidinal que é aberto à alteridade. Do mesmo modo, evidencia uma posição masculina do analista, que se expressa na violência da interpretação penetrante.

Pankejeff tem um sonho revelador, durante a análise com Brunswick (1928/1970) no momento em que se inicia o restabelecimento, em que a analista aparece vestida como um pajem, com um traje juvenil: “Apesar do traje dela, que é mais de menino do que masculino, ela parece inteiramente feminina. O paciente abraça ela e a coloca em seu colo” (p.294). É curioso que a analista interpreta que nesse aspecto de menino que lhe fora atribuído ela seria uma substituta do pai, mas também seria uma tentativa de negar a castração da mulher, ao atribuir um falo a ela, e nesse papel de pajem: “não sou nem homem nem mulher, uma criatura de gênero nenhum” (p.295). É muito reveladora a frase seguinte que a analista coloca: “a atribuição do falo para a mulher tornou-se uma conquista para o paciente que imediatamente descobre a feminilidade dela e começa a fazer amor com ela” (p.295). Ora, poderíamos vislumbrar nisso uma semelhança com essa mãe arcaica bissexual com a qual a criança seduzida deseja fazer essa unidade?

O desejo de união incestuosa com a mãe que havia no Homem dos Lobos estaria relacionado com esse anseio pela mônada, essa bissexualidade arcaica da mãe que inaugura a feminilidade constituinte. Podemos supor que com experiências dessa ordem, constituintes do narcisismo, que passa pelo encontro com o que é igual, modelando o Eu à imagem do semelhante, a castração seria então mais aceitável, assim como a tolerância para com o diferente. Essa poderia ser uma saída viável da onipotência bissexual de uma totalidade intransponível e impenetrável.

A cena primária: uma exclusão do prazer compartilhado

A recusa de alimentos, considerada a primeira neurose de Pankejeff, remete à organização oral da libido, num período em que “ainda domina a cena o fato de a excitação

sexual apoiar-se originalmente no instinto de alimentação” (Freud, 1918[1914]/2010, p. 140). Um sintoma alimentar indica que o organismo ainda não conseguiu dominar completamente a excitação sexual:

Chegaremos à possível fonte de seu distúrbio alimentar, se nos lembrarmos – com base naquela discutida suposição – que a observação do coito, de que partiram tantos efeitos posteriores, aconteceu na idade de um ano e meio, seguramente antes da época das dificuldades alimentares. Talvez nos seja permitido supor que ela acelerou os processos de maturação sexual, e assim teve também efeitos diretos, embora pouco evidentes. (Freud, 1918[1914]/2010, p. 142)

Temos pistas de como a observação do coito influencia o desenvolvimento sexual em um acréscimo feito ao texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (Freud, 1905a/2016) em 1915, portanto, logo após a redação do caso. Ali, encontramos a ideia de que as crianças pequenas que presenciam a cena “não podem deixar de conceber o ato sexual como uma espécie de mau tratamento ou sujeição, isto é, *num sentido sádico*” [itálicos nossos] (pp. 105-106). Assim, a “psicanálise também nos faz ver que tal impressão, no início da infância, muito contribui para a predisposição a um posterior deslocamento sádico da meta sexual” (p. 106). O que é possível formular, então, a respeito desse componente sádico, deslocado da finalidade sexual, provocado pela observação da cena primária?

Devemos considerar que Pankejeff teria observado a cena primária em uma fase muito precoce do desenvolvimento, quando estaria em jogo a identificação narcísica e uma busca pelo semelhante. Haveria, portanto, uma frustração em estar excluído, observando dois adultos compartilharem o prazer. Ferido com essas diferenças, o narcisista só pode se limitar se houver uma ligação com o outro, como pondera Freud (1921/2011) em “Psicologia das massas e análise do Eu”: “Segundo nossas concepções teóricas, tal limitação do narcisismo pode ser produzida apenas por um fator, pela ligação libidinal a outras pessoas. O amor a si encontra limitação apenas no amor ao outro, amor aos objetos” (p. 58). Uma tolerância às diferenças viria justamente de uma identificação, a mais antiga ligação a uma outra pessoa:

Há um caminho que da identificação, através da imitação, leva à empatia, isto é, à compreensão do mecanismo pelo qual se torna possível, para nós, tomar uma posição ante uma outra vida psíquica. Também há muito a ser explicado quanto às manifestações de uma identificação existente. *Uma consequência desta, entre outras, está em que o indivíduo limita a agressividade frente à pessoa com a qual se identificou, poupa esta e lhe dá ajuda* [itálicos nossos]. (pp. 68-69)

Deve haver o encontro libidinal com o igual, mesmo que somente em certa medida, para que então suceda a imitação e a empatia, “que participa enormemente na compreensão daquilo que em outras pessoas é alheio ao nosso Eu” (p. 65). A partir da relação com o semelhante, a agressividade pode ser arrefecida diante daquilo que é alheio ao Eu.

A alegoria de Schopenhauer – sobre a distância ótima entre os porcos-espinhos, citada na abertura do capítulo – pode figurar um movimento em busca de proteção, que se procura no outro, no contexto de um narcisismo imaturo. Dessa alegoria, como Grunberger (1989) ressalta, a aversão às pessoas que são diferentes dá lugar ao componente sádico, introduzindo a noção de que o narcisista “pode investir em sua imagem só se ele a ver no espelho” (p. 187), no momento em que ainda se é *um* com a mãe, constituindo uma mônada. Podemos concluir que, diante das frustrações de ser excluído o prazer compartilhado pelos pais, e sem desfrutar do encontro, haveria um desinvestimento libidinal e um ódio exacerbado, comprometendo a constituição egoica de Pankejeff.

O componente sádico que decorre da cena primária observada por Pankejeff é compreendido por Green (1988) como sendo um desejo de vingança destruidora, pois ao testemunhar a relação dos pais o pequeno russo fica de fora daquele prazer compartilhado. Sem experimentar a ligação libidinal com os pais, sem compartilhar o amor deles, sua agressividade não é arrefecida. O autor situa o Homem dos Lobos entre a psicose e a loucura, e sobre a última esclarece:

Antes que caracterizá-la [a loucura] como uma desordem da razão, dever-se-ia, pelo contrário, enfatizar o elemento *afetivo, apaixonado*, que modifica a relação do sujeito com a realidade, elegendo um objeto parcial ou total, tornando-se ligado mais ou menos exclusivamente a ele, reorganizando sua percepção do mundo em seu redor e lhe dando uma aura única ou insubstituível pela qual o ego é cativado e alienado [*itálicos nossos*]. (p. 226)

A loucura do Homem dos Lobos vem de sua fixação à cena primária, na *raiva* por ser excluído do prazer de seus pais, que então o coloca diante de um conflito bissexual:

A loucura do “Homem dos Lobos”, ligada a seu conflito *bissexual*, está conectada com sua fixação à cena primeva e sua raiva de ser excluído do prazer de seus pais. Isso é bem sabido. Mas o que jaz por trás dela? É a impossibilidade de decidir entre o desejo de experimentar o orgasmo como sua mãe (pelo ânus) ou como seu pai (pelo pênis). *Sabe-se que a castração não pode ser evitada em um ou no outro destes dois casos*: é o beco-sem-saída do complexo de Édipo invertido. Porém essa loucura erótica é duplicada por um louco ciúme. O “Homem dos lobos” não mais sabe quem ele deseja destruir como vingança, se sua mãe ou seu pai, o que explica sua “vacilação” afetiva ao nível tanto erótico como no agressivo [*itálicos nossos*]. (p. 233)

Há uma loucura localizada no conflito bissexual e numa vacilação afetiva entre o erótico e o agressivo: quer experimentar o prazer seja com o pai ou com a mãe, mas sente, ao mesmo tempo, raiva e um desejo de destruir como vingança. Caso experimente o prazer com qualquer um deles, resta somente a certeza da castração, que o leva a se refugiar em uma megalomania defensiva. Marcantemente influenciado pela cena primária, o sintoma alimentar oscilava entre só querer guloseimas ou não querer comer nada, e poderia ter sua origem exatamente nesse desejo de satisfação e na raiva vingativa. É uma ânsia por satisfação combinada com um prazer impossível de ser compartilhado: é impossível introjetá-los, devorando-os, enquanto são dois pais que experimentam o prazer e excluem a criança de qualquer satisfação a não ser a de olhá-los.

O ódio: uma fantasia de união incestuosa imortal

Podemos aprofundar a compreensão do ódio que parte da cena primária se consideramos que, no período final da análise do Homem dos Lobos, fica evidente a bissexualidade e a fantasia de união incestuosa com a mãe:

Quanto à fantasia de renascimento, é provável que seja via de regra uma atenuação, um eufemismo, por assim dizer, para a fantasia de união incestuosa com a mãe, uma abreviação anagógica da mesma, para usar a expressão de H. Silberer. Deseja-se voltar à situação em que se estava nos genitais da mãe; nisso o homem se identifica com o pênis, faz-se representar por ele. [itálicos nossos]. (Freud, 1918[1914]/2010, p. 135)

O ódio pode cumprir uma importante função, mantendo a ligação com a mãe. A reação à perda dela seria um processo melancólico, diferente do que ocorre com a perda do pai, que dá lugar ao luto e é produtivo, como avalia Stein (1988). O pai morto é erigido como essa “criatura magnífica do filho” (p. 46), num processo produtivo, fonte de luz, e que leva ao conhecimento. No caso de Freud, a morte de seu pai levou-o a publicar “A Interpretação dos sonhos”, como ele afirma no segundo prefácio à obra: “ele [o trabalho] foi..., minha reação à morte de meu pai” (1900a[1989]/1996, p. 32).

Numa interessante leitura que faz do mito de Édipo, Stein (1988) considera que Epicasta (ou Jocasta, como é nominada por Sófocles) não se enganara com relação à identidade de seu filho, ao desposá-lo como o assassino de seu marido, dada a evidência das cicatrizes nos pés feridos de Édipo. Engano no qual todos preferiríamos ficar, nos mantendo na ignorância, no irreconhecimento, para não ver a mãe como “uma sedutora perversa, um monstro híbrido, um demônio íncubo” (Stein, 1988, p. 39). E é essa imagem de sedutora perversa que

procuramos desconhecer, e que todos nós carregamos, que funda a misoginia de todos, homens e mulheres.

Ao se suicidar, não poderíamos sentir pena de Epicasta. Esse ato seria antes um matricídio censurado realizado por Édipo, que atinge o corpo da mãe. Há uma passagem de “Odisseia”, pouco comentada segundo Stein (1988), que possibilita então interpretar esse suicídio como uma vingança ao filho, pois somente com sua morte, Epicasta coloca suas Erínias imortais a perseguirem Édipo, causando-lhe um profundo sofrimento²¹.

A correlação com o processo melancólico está nesse ódio das Erínias que o perseguem: “A sombra do objeto caiu sobre *mim*, estou sendo perseguido pelas Erínias de uma mãe” [itálico nosso] (p. 41)²². E essa figura das Erínias de uma mãe que nos persegue estaria ligada à formulação freudiana do Supereu.

Nessa perseguição internalizada, não há somente uma depreciação de si, mas um verdadeiro ódio de si, e é precisamente esse “eu me odeio” que todos vêm a se confrontar num processo de análise. É uma das mais fortes resistências, pois o ódio de uma mãe pelo filho e o ódio a si, como duas proposições intercambiáveis, esse ódio que nos persegue após a morte da mãe, representa, acima de tudo, uma forte ligação a ela: “O ódio imortal, indestrutível, está dos dois lados ao mesmo tempo, servindo constantemente como objeto de projeções em um sentido ou no outro” (p. 47). Esse ódio, que é facilmente projetável, presta-se a formar uma unidade com a mãe, a partir do dia do nosso nascimento:

“Eu me odeio” e “Ela me odeia” são duas proposições intercambiáveis, representando uma única e indizível unidade no ódio. Assim, retrospectivamente, é a partir do dia da separação instaurada pelo nascimento que este ódio passa a garantir uma ligação à toda prova com aquela da qual nascemos. (Stein, p. 47)

Enquanto o luto do pai produz a luz e a ciência, a obscura e “negra melancolia está ligada à figura de uma mãe; mais precisamente, esta melancolia está fundada sobre o ódio inextinguível, *imortal*, que assegura um *laço indestrutível com uma mãe*” [itálicos nossos] (p. 47). Seria preciso purificar a alma desse ódio que garante o laço, o mais sólido possível, entre

²¹ O trecho no qual se baseia a argumentação de Stein (1988) está no canto XI, versos 277-280, da “Odisseia” de Homero (2014): “E vi a mãe de Édipo, a bela Epicasta, que feito inaudito fizera com mente ignorante ao ser desposada pelo filho: ele, após matar o pai, a desposou; logo deuses expuseram-nos aos homens. Mas ele, sofrendo agonias, em Tebas muito amada, regia os cadmeus graças a planos ruinosos de deuses; e ela foi à casa de Hades, o poderoso porteiro, após apertar um nó, abrupto, da alta viga no quarto, tomada pela dor. *Deixou-lhe aflições no futuro, muitas, tantas quantas as Erínias da mãe completam*” [itálicos nossos] (p. 334).

²² Para chegar nessa afirmação, Stein (1988) se vale de um jogo de palavras que ocorre em francês, quando se afirma: “l’ombre de l’objet est tombée sur *moi*” [itálico nosso] (p. 41). Segundo nota do tradutor Silva Jr. (1988): “O autor faz um trocadilho com dois empregos do vocabulário francês ‘moi’, a saber ‘ego’ e ‘mim’” (p. 41).

um filho e sua mãe. Ele é diferente de uma agressão assassina contra o pai, pois ele restitui a unidade perdida: “*ódio é o substituto da onipotência supostamente perdida*, da onipotência inerente a esta infância pré-histórica” (p.63).

A relação incestuosa é uma promessa impossível de união primordial perdida desde o nascimento, mas é inerente ao pacto realizado entre analista e analisando. Como observa Stein:

basta que um paciente venha se deitar com hora marcada no divã de um psicanalista para que se esboce uma situação cuja promessa implícita é impossível de ser mantida. Esta promessa implícita é, no fim das contas, de restaurar a mesma glória primordial que supõe perdida por causa do nascimento, glória primordial da qual aparece como substituto o laço inalterável que une, no ódio, uma mãe a seu filho [itálicos nossos]. (1988, pp. 64-65)

O ódio mantém vivo o laço incestuoso perdido que é impossível de ser encontrado novamente, que somente vêm a reforçar o laço com o objeto, laço eternamente inalcançável. Portanto, com o ódio que parte da observação da cena primária, o Homem dos Lobos poderia vir a expressar aspectos dessa relação incestuosa melancólica, substituindo a onipotência a ser perdida²³.

Identificação com a mãe

No penúltimo capítulo do relato, chamado “Complementos ao período primordial”, Freud (1918[1914]/2010) apresenta o que foi o direcionamento da cura, que consistiu em remodelar a cena primária. O ponto inicial foi o sintoma presente à época do tratamento – a constipação intestinal – que se ligava ao lamento com o qual resumia todo o seu sofrer:

²³ O tema da cena primária, do incesto bem como da morte da mãe estava presente na vida de Freud, como depreende-se do relato de seu sonho “querida mãe” (Freud, 1900b[1899]/1996, p. 611). Para Anzier (1989[1959]), ao representar sua mãe morta, Freud estaria elaborando o luto e a separação dela, liberando-o para suas descobertas, para a palavra e a vingança de seu pai. Esse processo de luto não teria ocorrido com o jovem russo, pois supomos predominar uma ânsia pela união, mortífera em si mesma, sem separação nem luto. No entanto, a distância entre analista e analisando talvez não seja tão grande, pois haveria em Freud uma identificação com a mãe, bem como um desejo de castração, se o sonho do “homem com uma machadinha” (Freud, 1900b[1899]/1996, p. 612), que aparece logo em seguida ao sonho com a mãe morta fosse considerado uma associação do primeiro sonho. Esse sonho faz uma clara alusão à castração, que não fora notada por Freud. Como Ribeiro (2000) indaga: “seria possível, então, supor que a não percepção, por Freud, dos sinais evidentes de uma angústia de castração no sonho do ‘homem da machadinha’ remete a uma resistência a admitir um desejo de castração originado numa identificação com a mãe na cena primitiva [no sonho da ‘mãe querida’]?” (p. 177). A sua hipótese, com base na argumentação da sua leitura do caso do Homem dos Lobos, é de que Freud enfatiza a identificação com o pai em detrimento da identificação com a mãe, tanto para ele mesmo, Freud, quanto na análise de seu analisando, pois “*foge da constatação de uma continuidade entre a fantasia de coito com o pai, o desejo e a angústia de castração*” [itálicos nossos] (p. 197).

Dizia que para ele o mundo era oculto por um véu, e o treino psicanalítico afasta a expectativa de que essas palavras sejam destituídas de significado e escolhidas ao acaso. O véu se rompia – curiosamente – apenas numa situação: quando, após uma lavagem, as fezes passavam pelo ânus. *Então ele se sentia bem de novo, e por um breve instante via claramente o mundo [itálicos nossos]*. (p. 132)

O russo não se apegou ao véu, “este se volatilizou depois em sentimentos crepusculares ‘*tenèbres*’, e outras coisas impalpáveis” (Freud, 1918[1914]/2010, p. 133). Segundo o dicionário *Robert* (1973), essa palavra tem o sentido de *obscuridade profunda*, o que nos remete a um lugar onde não há diferenças nem trocas com o mundo. Resguardado pelo véu ou o sentimento crepuscular, haveria somente um retorno a si mesmo, um retorno ao inanimado e ao mortífero.

O véu estava associado à crença de que tinha nascido envolto numa pelica: “Apenas pouco antes de deixar o tratamento ele se recordou de haver escutado que nascera com uma ‘pelica’ [*Glückshaube*]. Por isso ele se considerou sempre um menino de sorte [*Glückskind*], ao qual nada de ruim poderia suceder” (p. 133). No entanto, tal narcisismo é abalado quando percebe um dano a seu corpo como uma possível castração:

Tal confiança o abandonou apenas quando teve de reconhecer na infecção gonorreica um sério dano ao seu corpo. Ante essa injúria ao seu narcisismo, ele desmoronou. Diremos que ele repetiu desse modo um mecanismo que nele já havia funcionado uma vez. Também a sua fobia de lobos irrompeu quando ele se achou ante o fato de que a *castração era possível*, e claramente situou a gonorreia na mesma linha [itálicos nossos]. (p. 133)

É formulada a hipótese de que o lamento seria na verdade uma fantasia-desejo realizada de retorno ao ventre materno: “Sou tão infeliz na vida, tenho que voltar ao seio materno” (p. 133). O lamento era assim uma identificação com a mãe, pois esta, sofrendo de dores e hemorragias abdominais, queixou-se de que “não podia mais viver assim” (p. 102).

Com quatro anos e meio, no período de angústia e sofrendo de desordens intestinais, lamenta-se da mesma maneira, envergonhado, ao sujar sua calça de fezes: “O lamento, que aliás ele repetiria inúmeras vezes, em sua enfermidade adulta, significava então... uma identificação com a mãe” (p. 103). A mãe do analisando sofrera de constantes dores abdominais, que foram notadas pelo juvenzinho desde muito cedo, diferentemente das depressões do pai, que o fizeram ausentar-se de casa: “Apenas muito mais tarde, é natural, o paciente veio a compreender a doença do pai; o estado doentio da mãe, ele o conhece já nos primeiros anos da infância” (p. 21).

Nesse período de angústia, aparece o tema da morte, quando a mãe advertiu para que protegessem as crianças do perigo da disenteria. Ele logo se informa sobre o que seria essa

doença e, sabendo que nela haveria sangue nas fezes, diz angustiado que o mesmo lhe sucedia. Nessa angústia se identificava com a mãe, sentindo vergonha de si mesmo “*e não sabia que fora abalado pela angústia da morte, que, no entanto, se revelou inequivocamente em seu lamento*” [itálicos nossos] (Freud, 1918[1014]/2010, p. 104).

A conclusão é a de que “a mãe, que sofria do baixo ventre, naquele tempo sentia angústia por si mesma e pelas crianças; *é bem provável que a angústia dele se apoiasse, além de seus motivos próprios, na identificação com a mãe*” [itálicos nossos] (p. 104). A identificação com a mãe não estaria isenta de conflitos de ordem narcísica, pois, a partir desse processo, além de ser castrado, e ameaçado com as angústias de morte, ele mesmo se tornaria essa pessoa queixosa e sofrida.

Quando chega para tratar-se com Brunswick (1928/1970) em 1919, a analista observa que “estava sofrendo de uma *ideia fixa* hipocondríaca. Queixava-se de que ele fora vítima de uma injúria nasal [...]. De acordo com ele, a injúria nasal consistia variavelmente de uma cicatriz, um buraco, ou uma ranhura na cicatriz” (p. 264). O núcleo de sua identificação patogênica com a mãe estava nessa paranoia hipocondríaca, mais próxima da psicose, acreditando que um órgão seu estaria ferido ou doente.

Conforme um relato que o próprio Homem dos Lobos entrega para a analista, a mãe dele chega da Rússia em 1923, e quando se encontram na estação, percebe que havia uma verruga preta no nariz dela. No início de 1924, ele mesmo começa a ter problemas com seus dentes e a ter pensamentos estranhos sobre seu nariz: “Sempre insatisfeito com seu nariz pequeno e arrebitado, ele tinha sido caçoado dele na escola, e chamado *Mops* (cão pug)” (Brunswick, 1928/1970, p. 269).

Porém, nos anos seguintes à guerra – coincidentemente logo após a análise com Freud – ele se sentia orgulhoso de seu nariz e se achava sortudo de não haver nenhuma mancha nele: “seus pensamentos continuaram, quão terrível seria caso *ele*, por exemplo, tivesse uma verruga em seu nariz” (p. 269). É quando sua mãe retorna para a Rússia, em maio de 1924, que percebe uma pequena espinha no meio do nariz, que tinha uma aparência estranha e não desaparecia: “A espinha começou a ficar dura, e o paciente lembrou que uma tia dele tinha uma afecção similar, que nunca se dissipou” (p. 270). Podemos supor o quanto a presença e a ausência de sua mãe o abalavam²⁴.

²⁴ Dada a loucura afetiva e a intensa labilidade pulsional do Homem dos Lobos caberia ainda avaliar as contribuições de Green (1988) a respeito da dinâmica que ocorre quando a mãe por algum motivo se ausenta subitamente, empreendida no texto “A mãe morta”. Ali, as manifestações de ódio são secundárias, prevalecendo o desinvestimento de uma clínica do negativo.

Brunswick (1928/1970) aponta o que Dr. Wolff, psicanalista russo que então atuava em Berlim e conhecia Pankejeff, teria então lhe dito sobre o analisando: “Ele não mais atua o papel da mãe, ele *é* a mãe, até os mínimos detalhes” (p. 301). É de suma importância considerar que, na identificação com a mãe, não há somente o medo de ser castrado, que nos remete, no caso em questão, ao medo da morte, mas também o *desejo de ser castrado*, que pode ser concluído a partir do seguinte sonho:

Ele disse: “*sonhei que um homem que arrancava as asas de uma ‘Espe’*”. “*‘Espe’?*”, perguntei, “o que você quer dizer com isso?” – “Ora, o inseto com listras amarelas no corpo, que pode picar. Deve ser uma alusão à *Gruscha*, a pera de listras amarelas.” – “*‘Wespe’* [vespa], você quer dizer”, corriji. – “O nome é *‘Wespe’*? Pensei que era *‘Espe’*.” (Como muitos outros, ele se aproveita do fato de falar uma língua estrangeira para cobrir atos sintomáticos.) “Mas *‘Espe’* sou eu, S.P. (as iniciais de seu nome).” A *‘Espe’* é naturalmente uma *‘Wespe’* mutilada. O sonho diz claramente que ele se vingava de Gruscha pela ameaça de castração. (Freud, 1918[1914]/2010, p. 126)

Rizzuto (2015) considera que, ao relatar o sonho, Pankejeff finalmente teria se mostrado disponível e saído de sua trincheira, com o aparecimento do desejo de castração no sonho com a (*W*)*espe* mutilada. A dissociação entre a ameaça de castração e esse desejo por ela estaria somente na interpretação do analista, como adverte Ribeiro (2000):

A ação do sonho é essencialmente a extirpação de uma parte do corpo, que torna Espe, quer dizer, S.P. mutilada(o). E se a Espe é também o inseto com as listras amarelas [associada ao nome de Gruscha], não seria justamente uma condensação de Gruscha e S.P.? *Não seria, então, a referência a Gruscha muito mais de natureza identificatória que vingativa?* [itálicos nossos] (p. 189)

Esse autor supõe que a identificação do menino com a mãe na observação da cena primária – e a ligação direta entre essa posição e o desejo de castração – foi deixada de lado por Freud, em prol de uma identificação primária com o pai. Como argumenta, há um recalque por parte de Freud da importância da identificação feminina primária, e isso teria impossibilitado o analista de extrair dessa vertente todas as consequências possíveis.

A angústia de castração, como pondera André (1996) em sua leitura do caso do Homem dos Lobos, pode dissimular, em superposição, uma angústia arcaica diante do desejo, diante de um ataque pulsional: “Sob muitos aspectos, *a angústia de castração aparece como a maneira de qualificar e, com isso, tornar mais manejável e mais dominável uma angústia em suspenso, quantum livre de uma libido subtraída do alvo feminino*” (p. 82). Portanto, essa

angústia arcaica, que é dissimulada pela angústia de castração, seria antes uma angústia diante da libido que tem alvos passivos.

Essa angústia talvez se aproxime daquilo que Freud considerou como sendo o rochedo da resistência em uma análise: uma recusa da feminilidade, como foi tematizada em “Análise terminável e interminável” (1937a/2018). Ora, podemos pensar que Freud preferiria ver as defesas ante essa posição passiva perante um homem e teria negligenciado o desejo de castração e ânsia por estar nessa posição. Entretanto, também para o Homem dos Lobos esse alvo libidinal feminino era perigoso, pois teria que se identificar com sua mãe. Uma identificação com a mãe não parecia levá-lo para muito além do lamento, da hipocondria e da angústia de morte. Mas não temos muitas notícias de como teria sido o relacionamento com sua mãe para irmos adiante em nossas hipóteses. Mas sabemos que é uma posição delicada de estar, pois há uma vulnerabilidade enorme diante do objeto.

É possível imaginar que Pankejeff pudesse encontrar uma saída satisfatória para tamanha injúria junto ao pai, com uma satisfação homossexual com outro homem:

A condição para o renascimento é que um homem lhe aplique o clister (*somente depois ele precisou tomar o lugar desse homem*). Isso só pode significar que ele se *identificou com a mãe*, que o homem faz o papel do pai, o clister repete o ato de acasalamento, como fruto do qual a criança-excremento – novamente ele – vem ao mundo. A fantasia de renascimento se acha, então, estreitamente ligada à condição da satisfação sexual pelo homem [itálicos nossos]. (p. 134)

Renasceria com o encontro amoroso. Com a satisfação junto ao pai, mas só se tomar o lugar da mãe, ser a mãe, pois Freud prossegue com o seguinte: “*apenas se ele puder substituir a mãe*, para se deixar satisfazer pelo pai e lhe gerar um filho, a sua doença o abandona. Portanto, a fantasia de renascimento era apenas a reprodução *mutilada, censurada*, da fantasia-desejo homossexual” [itálicos nossos] (p. 134).

Não surpreende que a loucura do Homem dos Lobos, como Green (1988) coloca, decorria da frustração de ser excluído do prazer dos pais, expressando-se em uma oscilação afetiva, apaixonada e imbuída de raiva vingativa, sem saber com quem experimentaria a satisfação, se com o pai ou com a mãe, restando-lhe somente a certeza da castração.

A recusa da feminilidade

Pode-se imaginar o quanto a postura feminina de Pankejeff – derivada da identificação com a figura materna – surpreendia tanto Pankejeff quanto Freud; e talvez tal espanto tenha

influenciado o analista na condução de outros tratamentos. A rejeição da postura feminina foi estudada por Freud (1923a/2011) em seu texto sobre o pintor Christoph Haitzmann, “Uma neurose do século XVII envolvendo o demônio”²⁵. Haitzmann ocupa uma posição feminina diante do pai que, em seu auge, se expressa na *fantasia de lhe gerar um filho*, o que choca Freud, como ele mesmo afirma.

A morte de seu pai provocou em Haitzmann a depressão melancólica e a inibição para o trabalho, indicando, além do ódio, um forte amor ao pai. É extraordinário que, nesse texto, o pintor concebe uma imagem incomum do Demônio, que é geralmente associada ao pai, pois dota-o de atributos femininos, com seios grandes e pendentes, jamais, no entanto, com genitais femininos:

Tal representação do Demônio é algo incomum em si. Quando ele é uma noção genérica, quando surgem demônios no plural, a representação de demônios femininos nada tem de estranho, mas não me parece ocorrer que o Demônio, que é uma forte *individualidade*, o senhor do Inferno e opositor de Deus, não seja retratado como masculino, ou mesmo supermasculino, com chifres, calda e um grande pênis-serpente [itálico nosso]. (Freud, 1923a/2011, p. 250)

A fantasia de gerar um filho para o pai, o exacerbado anseio por ele, pressupõe uma posição feminina, castrada, da qual tem que se defender: “Com o luto pelo pai que perdeu, com o aumento do anseio por ele, é também reativada no pintor a *fantasia de gravidez* há muito reprimida, contra a qual ele tem de se defender mediante a neurose e a depreciação do pai” [itálicos nossos] (Freud, 1923a/2011, p. 250). Para defender-se da posição feminina, projeta-a no pai, que fica então associado à figura do demônio com seios e atributos femininos, que Freud interpreta como sendo a expressão de uma atitude hostil frente ao pai:

Esse traço parece de difícil interpretação; no entanto, logo surgem duas explicações para ele, que competem entre si, mas não se excluem. A postura feminina do garoto diante do pai sucumbiu à repressão tão logo ele entendeu que a competição com uma mulher pelo amor do pai tinha por condição a perda do próprio genital masculino, ou seja, a castração. *Assim, a rejeição da atitude feminina é consequência da revolta contra a castração*; via de regra, tem sua mais forte expressão na fantasia oposta de castrar o pai, de torná-lo mulher. Então os seios do Diabo corresponderiam a uma projeção da própria feminilidade no sucedâneo do pai [itálicos nossos]. (p. 251)

²⁵ Esse trabalho foi produzido sob o estímulo de um Conselheiro da Corte e diretor de uma biblioteca que se interessou pelo material clínico que encontrara sobre o pintor, pois o faz recordar da lenda de Fausto. Nesse texto encomendado, Freud dedica-se à compreensão do pacto com o Demônio, que se dá em um estado de possessão, pois poderia trazer à luz achados valiosos, sem muita interpretação. Charcot também havia estudado o estado de possessão para a compreensão da patologia histérica.

Só que, nesse modo demoníaco de depreciação do pai, esconde-se algo de suma importância, que se encontra na segunda explicação:

A outra explicação para esse ornamento no corpo do Diabo já não tem significado hostil, e sim carinhoso: vê nessa conformação um sinal de que a ternura infantil foi deslocada da mãe para o pai, e assim alude a uma forte fixação anterior na mãe, fixação esta responsável por uma parte da hostilidade em relação ao pai [itálicos nossos]. (p. 251)

Com as duas versões das fantasias, constata-se o anseio pelo amor do pai e a fixação à mãe; e assim chegamos à conclusão de que, mesmo antes da ameaça de castração, estaria um anseio frustrado, por ambos, pai e mãe, que poderia ser o verdadeiro e mais forte motor da revolta contra a passividade. Haveria antes um forte desejo pela castração para que então encontrasse satisfação junto ao pai e à mãe. Por trás do que Freud interpreta como sendo um repúdio à posição feminina, haveria um verdadeiro desejo de encontro com a figura materna, e que pressupõe justamente essa posição feminina, em um encontro de ordem homossexual feminina e fusional com uma mãe arcaica, como vimos acima com as ideias de Schaeffer (2002).

Há um perigo do desejo de união com a figura materna se realizar no inquietante retorno ao lugar familiar de onde todos partimos. Mas isso supostamente seria difícil para Freud reconhecer e aceitar, pois não parecia confortável em assumir o papel da figura materna na transferência; preferiria ver como motivo último da rejeição da atitude feminina uma revolta contra a castração, e não o medo do incesto com a mãe e o retorno ao indiferenciado.

Freud não gostava das transferências que o colocavam no lugar da mãe, como ele mesmo revela a Doolittle (1945-1948[1933-1944]/1984), que se tratou com ele entre 1933 e 1934:

“eu preciso te dizer (você foi franca comigo e eu vou ser franco com você), eu não gosto de ser a mãe na transferência – sempre me surpreende e me choca um pouco. Eu me sinto muito masculino”. Eu perguntei a ele se outros tinham o que ele chamou de transferência materna com ele. Ele disse, ironicamente, “Ah, muitos”, e creio que a se recordar. (p. 147)

É fácil constatar que a transferência do Homem dos Lobos estaria carregada de hostilidade – sentia raiva por ser excluído da cena primária, recusava a postura feminina, fora seduzido pela irmã²⁶ e sofria ameaças de castração. Freud parecia reconhecer esse aspecto hostil

²⁶ No caso do pequeno russo, ele sofrera uma sedução por parte da irmã, revoltou-se contra ela, mas, recorrentemente, provocava a situação de abuso, insultando-a e, por isso, se sentindo um pecador. Essa situação, no mínimo, tornou mais complexa a posição passiva diante do outro.

da transferência, centrando-se na revolta contra a castração, como se observa em vários momentos do relato do caso.

Por outro lado, o que parece passar ao largo da percepção de Freud é precisamente o desejo de castração, como Ribeiro (2000) argumenta, assim como o próprio analista vir a ser dotado de atributos femininos, como se evidencia no texto sobre o pintor, e que coloca em jogo a transferência com a figura materna. O repúdio à feminilidade e à transferência com a mãe estariam fortemente presentes do lado do analista? Repúdio a um convite para a fusão, para o retorno ao ventre materno, que suprime a separação, a individualidade. O que estaria a todo tempo sendo desejado e ao mesmo tempo temido seria o amor, a união, tanto com o pai, como com a mãe. União que Freud negava?

Partindo da concepção de Laplanche a respeito da sedução originária, que ocorre num momento de profundo desamparo, André (1996) considera que a vida começa não pela introjeção, mas pelo que vem de fora, pelo que é implantado pelo outro, assim “*a criança-seduzida é uma criança-cavidade, uma criança orifical*” (p. 98). Trata-se de uma sedução, pois não é possível considerar que há uma relação, dada a prematuridade da criança, que não tem ainda capacidade para compreender e elaborar o que lhe é injetado. Dada essa penetração que o adulto realiza na criança, conclui: “Se essa penetração, como pensamos, é constitutiva da feminilidade da criança pequena, a teoria da sedução abre-se para uma psicogênese da *feminilidade precoce até hoje inexplorada*” [itálicos nossos] (p. 99).

Ao focar os efeitos da observação da cena primária na liberação do componente sádico e no medo da castração, estaríamos negligenciando todo esse aspecto constitutivo próprio da feminilidade, que envolve a forte ligação com a figura materna, o desejo de castração e a bissexualidade de uma união com a figura materna e paterna, formando uma mônada carregada de investimento libidinal.

A polissemia do amor: uma elaboração possível

Para o seu reestabelecimento – com sua fantasia de renascimento – Pankejeff deveria ocupar o lugar da mãe, primeiramente, para então satisfazer sua homossexualidade junto ao pai, dando a ele um filho: “*Não se deve excluir a possibilidade de que no lamento e na condição de cura do nosso paciente se unam ambas as fantasias, e igualmente os dois desejos de incesto, portanto*” [itálicos nossos] (p. 136).

Se a satisfação homossexual é algo angustiante, pois exige a castração, é possível que haja uma saída na união incestuosa mortífera, no retorno ao ventre materno. Fédida (1988)

argumenta que, frente à estranha intrusão da sexualidade que ameaça a integridade, “o que é desejado pelo indivíduo é o retorno ao estado de inércia inorgânica. É a possibilidade de estar protegido contra a morte exterior pelo auto-investimento sexual do eu, ou seja, o eu auto-sexualizado” (p. 45). Em suas palavras:

a preocupação de Freud é: ou demonstrar que talvez o amor seja anormal, patológico, ou pelo que ele é, o amor cura. Seria preciso poder admitir os contrários e fazê-los coexistir no interior de si mesmo, fazê-los co-habitar, fazê-los frutificar juntos. Portanto romper a clivagem e assim poder estar do lado da análise do amor, e não de sua síntese [itálicos nossos]. (p. 45)

Há uma polissemia do amor, e na análise não se deve procurar pela síntese dessas diversas vertentes que estão contempladas no amor – pulsões parciais, amor sexual, amor terno, ambivalência etc. Há sempre o amor mais a morte, o amor mais o ódio, o amor mais o negativo, sendo o negativo não a morte, como o analisando acredita, mas o negativo como a existência da linguagem. E é justamente a presença desse negativo que permite a análise do amor. Do outro lado, o sintoma se encarrega da síntese e quando o analisando se enamora do analista, há a busca por essa síntese, a totalização, pelo medo do esfacelamento, da fragmentação, como ressalta Fédida (1988).

Apesar desses perigos, a presença do amor de transferência é de suma importância para a compreensão de quais angústias se aproximam do analisando e que o ameaçam desde seu interior. Enamorar-se do terapeuta seria uma forma de resistência, mas também uma forma de dominar as angústias que emergem, “porque na evolução pessoal, o processo analítico começou a se abrir, com o verdadeiro encontro com as angústias de morte arcaicas, o terror de um aniquilamento. Nessas condições o paciente se agarra ao terapeuta esperando fazer uma unidade com ele” (Fédida, 1988, p. 48).

Portanto, deve-se permitir a existência daquele amor que está do lado da patologia e que é vivido pela dupla, em sua compulsão à repetição, oferecendo as maiores dificuldades à análise, bem como o amor que está do lado da cura, que vem acompanhado da presença viva e da linguagem. Esse amor não seria a morte, como o analisando acredita, mas é uma outra maneira de viver o amor.

Pankejeff buscava fazer essa unidade com o analista, com a figura do pai e da mãe, no entanto a ligação dessa ordem não teria sido suficientemente elaborada em análise e nem teria se desfeito quando o tratamento teve um fim. Assim, permaneceu no tempo a força da ligação entre ambos, mesmo depois de se despedirem em 1914 e novamente em 1920.

Leclaire (2001) argumenta que Freud não teria liberado seu analisando das respostas do analista para a questão evidente em sua neurose, no que se refere à sua ligação paterna: “*O que é esse pai, de quem sou filho, e como posso eu, como filho de tal pai, tornar-me verdadeiramente possuidor de um pênis?*” (p. 189). Essa interrogação teria se atualizado na relação transferencial, principalmente ao ser fixado um término para a análise, sem que um outro tipo de resposta, diferente do laço transferencial, tivesse sido elaborado. Como relata Brunswick (1928/1970), “Sua inabilidade para ser o pai em suas sublimações o fizeram projetar em Freud uma influência que o limitava. Ele não estava autorizado para fazer sua própria escolha, mas, ao contrário, devia ser obediente e seguir os passos de seu pai” (p. 293).

Leclaire (2001) considera que, com o estabelecimento do prazo, a separação antecipa a imagem da morte e representa uma ameaça de castração primária, em que perder o objeto representa perder a si mesmo. Dessa maneira, antecipando a angústia que viria após o término, são redobrados os efeitos das experiências primitivas de separação, e o resultado é o indissolúvel agarramento ao objeto:

Então, é claro que, longe de sentir o ultimato freudiano como um estímulo e uma promessa de salvação possível, ele o sente como uma ameaça de separação, à maneira de uma ameaça de castração primária; *o objeto, o homem, Freud, só é experimentado então como uma parte de si mesmo*; é assim, de certa forma, uma ameaça renovada de castração, à qual o sujeito só pode responder segundo seu modo habitual: “Eu mantereí”, isto é, “mesmo que você me deixe, que me abandone, eu o mantereí com uma parte de mim mesmo, nesse laço imaginário indissolúvel” [itálicos nossos]. (Leclaire, 2001, p. 193)

Determinando a separação, Freud acaba por provocar no analisando a manutenção do laço com o homem que os manteve unidos; foi a única promessa de resposta que forneceu à pergunta do jovem russo. Após a delimitação do prazo, restou a Pankejeff sobreviver para manter a simbiose, no presente da transferência, “essa experiência confusa mas privilegiada de uma relação com o homem” (Leclaire, 2011, p. 193). Resultou nas dificuldades para se desvencilhar e se separar do médico vienense, que foram elaboradas com Brunswick (1928/1971).

A partir do estabelecimento do prazo, num movimento sem saída, como uma tentativa de preservar o analista como uma parte de si mesmo, o Homem dos Lobos teria lhe dado exatamente o que Freud queria: a cena primária, preciosa e apaixonante, encantando-o com a possibilidade de publicar o caso, como resposta a seus dissidentes. Com isso, o Homem dos Lobos consegue acorrentar Freud, conservando-o para si.

Levantando uma cena hipotética, Leclaire (2001) pondera que se Freud tivesse usado ao menos algumas palavras num dos encontros em que lhe dava dinheiro, Pankejeff teria encontrado outro destino, diferente do delírio paranoico, quando chega a Brunswick para sua segunda análise. Retomando sua função de analista, Freud poderia ter lhe dito:

Antes de me procurar, você ainda tentou continuar com o seu jogo quase delirante; levantando mais uma vez, a respeito do seu nariz, a questão da posse integral do seu pênis, você interrogou, como bom obsessivo o segundo dermatologista; foi porque este, investido por você de altas funções simbólicas, respondeu que definitivamente não havia mais nada a fazer quanto às cicatrizes, que você entendeu que não havia mais esperança de adquirir sua virilidade e tornar-se verdadeiramente um homem. *Então você sentiu um desespero sem limites, uma “infelicidade absoluta”. Mas isso aconteceu ontem e hoje você vem me pegar o dinheiro... Hoje você não terá, pois é importante que você reconheça enfim que sou livre, que estou fora do jogo da sua imaginação, hoje quase delirante* [itálicos nossos]. (pp. 195-196)

Numa infelicidade absoluta, procura por esses homens que poderiam satisfazê-lo. Há uma oscilação entre essa fragilidade extrema e uma busca pela onipotência, que não o libera para ser verdadeiramente um homem. Com o dinheiro, “desaparece a esperança de possuir um dia um pênis, sem medo de castração, porque reconhecido em seu pleno valor simbólico” (p. 196). Diante das angústias arcaicas de aniquilamento, revela-se então a persistência de uma união sem limites, sem qualquer possibilidade de corte.

Do lado do desejo incestuoso em relação à mãe, Delouya (2000) esclarece que o *setting* analítico tem como princípio ordenador o complexo de castração, marcado por uma negatividade. Em suas palavras, é “um *não* à demanda pela plenitude pulsional buscada no corpo da mãe” (p. 79). Mas, tal negatividade só tem razão de existir pela presença da força oposta, que é o desejo de plena satisfação. A análise funciona como uma fenda na viscosidade dessa demanda, uma postergação e frustração dela, como a negatividade do não-mãe, da ausência desta, pela introdução do pai, ou a lei do pai morto.

Le Guen (1991) expõe a presença dos dois movimentos na análise, o “mãe – não-mãe” (p. 94), em que um deles demanda palavras maternas e acalentadoras, mas que é por essência inapreensível:

Seria preciso lembrar que toda demanda de análise é anseio de uma presença compassiva, que assegura e consola, que cuida, acalma preenche e, numa palavra, materna? Que nesse lugar e posição se encontra um ser inapreensível, suporte de fantasmas, aparecendo sempre alhures mas que também é rocha de onde resultam interdito e frustração que representa e designa a falta? (Le Guen, 1991, p. 86)

Como enfatiza Delouya (2000), o sucesso dessa negociação com o não-mãe depende do sim-mãe, das experiências de satisfação e presença materna, o que estabelece uma dependência entre as duas posições. O sim-mãe está relacionado com a fonte originária da moralidade, momento em que o objeto realiza a ação específica mediante o desamparo e o grito da criança, como concebido na conhecida passagem do “Projeto de uma psicologia” (1950[1895]/2003)²⁷.

Essa formação se dá em um estado ainda indiferenciado, fusional, de desamparo, que é fonte originária dos motivos morais, pois estabelece a comunicação: é com a descarga no sistema neurônico que conduz a uma alteração interna – o grito – que o outro se dá conta do estado do bebê, traduzindo-o como sinal de estado de carência. Loffredo (1999) ressalta a importância da fala do adulto no cuidado do desamparo inicial do bebê:

Os cuidados que ocorrem nesse estado de desamparo inicial são acompanhados pela fala de quem cuida; isto é, envolvem, além das funções de contato (toque, cheiro, etc.), *a palavra ouvida*. É assim que se pode entender como as noções de *ação* e de *representação de palavra* têm papel essencial no *Projeto*. As palavras (ou a comunicação pré-verbal) adquirem significação porque *têm efeito na ação do outro*. (p. 175)

Portanto, é a partir do desamparo e da união, que as palavras se tornam passíveis de ganhar um significado, porque elas têm *efeito na ação do outro*, ou seja, a significação das palavras depende do encontro que é da ordem do sim-mãe. Logo, é essencial que o que é da ordem de um amor patológico compareça na análise. É desse encontro, e somente com ele, que se pode chegar às palavras, que levam à compreensão do estado fusional e da separação. É do encontro que advém o corte, a falta e a possibilidade de estruturação:

é apenas o *não* – que o bebê sente vir de fora – que é gerador de uma estrutura, ou seja, *constitui* o psíquico, pois recorta o sim do desejo, esboçando um sujeito. É *constitutivo* e estruturante porque é somente este *não* que permite ao sujeito apreender tanto o estado indiferenciado de antes, quanto o diferenciado de agora. (Delouya, 2000, p. 52)

²⁷ A passagem é a seguinte: “Aqui um cancelamento de estímulos só é possível mediante uma intervenção que, por um certo tempo, remova no interior do corpo a liberação de Qn’ e essa intervenção exige uma alteração no mundo externo (aprovisionamento de alimento, proximidade do objeto sexual) que, como *ação específica*, só pode efetuar-se segundo determinados caminhos. O organismo humano é no início incapaz de levar a cabo a ação específica. Ela efetua-se por *ajuda externa*, na medida em que, por meio da eliminação pelo caminho da alteração interna, um indivíduo experiente atenta para o estado da criança. Esta trilha passa a ter, assim, a função secundária, da mais alta importância de *comunicação*, e o desamparo inicial do ser humano é a *fonte originária* de todos os *motivos morais*” (Freud, 1950[1895]/2003, p. 196).

Entretanto, o corte pode ser desorganizador, como foi em certa medida para Pankejeff diante do limite de Freud que estipula para uma separação entre os dois, como uma primeira aplicação da técnica ativa: “a incidência do negativo sobre o *sim* indiferenciado pode acarretar no colapso em vez de uma constituição do sujeito, se não tiver havido antes um verdadeiro *sim* – uma resposta *suficientemente boa* à demanda dos inícios” (Delouya, 2000, p.52).

Podemos argumentar, com o auxílio das ideias de Aulagnier (1979), que no *sim-mãe* haveria algo da ordem da violência primária, que leva palavras a esse bebê e são essas palavras, que advém do encontro, que permitem a significação. São essas palavras que vêm do encontro que garantem o efeito no analisando; são palavras que dialogam com o afeto. A única maneira de sair do impasse e adentrar no plano da elaboração. Ou seja, uma interpretação só ganharia sentido quando ela parte do encontro, do amor patológico, permitindo a elaboração dos afetos que se repetem na análise.

Bokanowski (2002) observa que, no trecho da carta endereçada a Ferenczi, o ato do analisando pôde alcançar algum significado pelas palavras de Freud. Este passa a construir e buscar sentido para o sintoma obsessivo, logo em seguida ao relato da ameaça que o russo teria lhe feito depois da primeira sessão:

Judeu ladrão, gostaria de te pegar por trás e cagar na tua cabeça. Com seis anos de idade, o primeiro sintoma manifestou-se em xingamentos blasfemos contra Deus, porco, cão, etc. Quando ele via na rua três montes de estrume, sentia-se mal por causa da S.[antíssima] Trindade, e procurava ansiosamente um quarto, para destruir a evocação. (Freud & Ferenczi, 1994, p. 200)

Com isso, é certo que Freud contribui para dar alguma identidade a Pankejeff, como afirma Roudinesco (2014). A publicação do caso certamente deu muitas palavras ao analisando sobre sua história. Porém, muitas outras questões não puderam ser elaboradas na análise.

Uma morte necessária?

Spielrein (1912/2014), pioneira do conceito de pulsão de morte, como Freud se refere a ela em uma nota de rodapé em “Mais além do princípio de prazer” (1920/2010), em relação ao que ela propõe em “A destruição como origem do devir”, se aproxima do que seria essa dialética entre o *sim-mãe* e o *não-mãe*. A autora inicia o texto com a seguinte pergunta:

por que essa tão poderosa pulsão, pulsão de procriação, esconde, ao lado dos sentimentos positivos que são esperados *a priori*, também outros negativos como angústia, aversão, os

quais na verdade precisam ser superados para que possamos chegar ao ato positivo? (Spielrein, 1912/2014, p. 229)

Haveria um perigo desconhecido no ato erótico, em que a parte masculina se dilui na feminina: “a feminina passa a ter uma forma inquieta, passa a ter uma nova forma devido ao invasor estranho” (p. 232). Apesar de afetos de bem-estar aparecerem ligados ao devir presente na pulsão de procriação, do outro lado estão afetos de defesa, como angústia e aversão, que correspondem ao componente destrutivo da pulsão sexual frente a esse desconhecido presente no ato erótico.

Spielrein argumenta a favor da concepção de que toda representação diferenciada da mãe primeva, em que não existe tempo, nem lugar e nem opostos, quer retornar a essa mãe, ao não-diferenciado. Um trecho de seu trabalho é bastante esclarecedor:

A pessoa busca aquilo que é semelhante a si mesma (os pais, ancestrais) no qual a própria partícula do Eu possa se diluir, pois a diluição no semelhante não é bruscamente destruidora, mas imperceptível. Porém, por outro lado, o que significa essa diluição para a partícula do Eu se não a morte? Realmente, ela volta a aparecer em uma nova forma, talvez mais bela, mas ela não é a mesma partícula do Eu, e sim um Outro surgido à custa dessa partícula, assim como uma árvore que cresce a partir de uma semente é a mesma no que diz respeito à espécie, mas não a mesma no que diz respeito ao indivíduo, e na verdade é mais uma questão de gosto se queremos ver marcado nos novos produtos surgidos à custa dos antigos a existência ou o desvanecer da antiga vida. (pp. 242-243)

Existe aí um paradoxo, pois justamente a morte pode fazer surgir a vida: é necessário morrer para que surja o novo. Nesse pensamento há o pressuposto de que a diferenciação, o vir a ser, vem da indiferenciação, da morte, de uma imperceptível destruição no retorno à origem: o todo, o magma originário indiferenciado, é ele mesmo o próprio vir a ser. Cromberg (2014a) ressalta o apoio de Spielrein em Anaxágoras evidenciando que “a separação e diferenciação são injustas e de que figuram o mal” (p. 225). Há, portanto, uma dor na diferenciação, mas é graças a ela que o nosso mundo existe. Embora tudo deseje eternamente retornar ao magma indiferenciado originário:

ele é origem e eterno retorno, nele estão contidas, indiferenciadas, para usar a expressão de Anaxágoras, todas as sementes do devir. Ele é uma força geratriz, mais do que um criador, isto é, contém tudo o que virá, é o próprio vir a ser, se diferenciando em si mesmo. Gera a vida ao morrer como magma indiferenciado, como indiferenciação, mas toda a vida, porque é imanente à origem, deseja retornar a essa indiferenciação. E a cada retorno do todo é um recomeço porque a separação está inscrita no inseparado. (Cromberg, 2014a, p. 225-226)²⁸

²⁸ Em nota de rodapé, Cromberg (2014a) esclarece que nessa articulação contou com a contribuição de “Marilena Chauí, na arguição da minha tese de doutoramento ‘O amor que ousa dizer seu nome – Sabina Spielrein, pioneira da psicanálise’, realizada no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, em abril de 2008” (p. 226).

No caso do neurótico, ele pode se angustiar diante da possibilidade da perda de si na relação sexual, entre um desejo de dissolução e um desejo de permanência do Eu. Como esclarece Cromberg (2014b): “Está tematizada aqui toda a questão da onipotência do Eu, a inércia da formação egoica, que ela chama de complexo do Eu, e do que conhecemos freudianamente como narcisismo, a partir, sobretudo de *À guisa de introdução ao narcisismo*” (p. 319).

Pankejeff se assustava diante da possibilidade de uma satisfação dessa ordem, do retorno ao ventre materno, diante da passividade perante o outro, aniquiladora de si, e reagia com a megalomania e a hipocondria paranoica, como uma tentativa de organização. É possível que seu analista também evitasse esse tipo de relação, criando assim um impasse, impedindo qualquer elaboração, repetindo-se no tempo a reformulação da cena primária, caracterizada pela loucura afetiva que oscilava em sua posição bissexual.

Para Spielrein (1912/2014), a criança autoerótica, com seu amor voltado a si mesma, desempenha um papel passivo diante dos pais, lutando para ser amada por eles: “Ela precisa imaginar como pode ser amada e, para tanto, precisa se colocar no lugar dos pais” (p. 253). A criança com raiva dos pais, não pode ousar externar esse sentimento, pois provocaria a reação de vingança. Em vez disso, ela volta seu ódio contra os outros objetos ou a ela mesma, provocando tão somente a autodestruição solitária.

Estaria aqui o germe do que seria formulado como o suicídio melancólico, fruto de um ataque superegoico, pleno de pulsão de morte, fruto da identificação com o objeto de amor abandonado, como exposto em “Luto e melancolia” (1917[1915]/2011). A criança, identificada narcisicamente com os pais, na impossibilidade de amá-los e ser amada, encontraria a fúria da pulsão de morte que, desintrincada e voltada para si, torna-se autodestrutiva.

No caso dos neuróticos medrosos da relação sexual, negando completamente o objeto de amor alheio ao Eu, tornam-se eles mesmos o objeto da própria libido, e dessa maneira, encontram apenas essa solitária autodestruição. Resulta um paradoxo, pois justamente o afastamento de uma relação leva novamente ao desejo extremo do amor incestuoso, pois nesse “desejo de autodestruição mais evidente corresponde a um desejo mais intenso de devir associado ao amor incestuoso menos diferenciado” (Spielrein, p. 259). Ambos os movimentos acabam na autodestruição, mas somente o amor incestuoso indiferenciado permitiria o devir. Podemos pressupor o quanto haveria de um desejo do melancólico, que se afasta do mundo, por esse amor incestuoso outrora perdido, que então pudesse trazer um novo nascimento, uma diferenciação, a vida, a partir dessa indiferenciação no encontro.

Concebe-se, portanto, que a vida depende do retorno para o indiferenciado, no qual está inscrita a separação, e é daí que decorre a diferenciação. A não dissolução por medo da destruição do próprio narcisismo causaria a morte interna, com a retorno para si da pulsão de destruição. Em “Mais além do princípio de prazer” (Freud, 1920/2010), considera-se que a vida dos protozoários se extingue se eles forem abandonados ao que lhes é próprio, pois perecem do metabolismo interno. O mesmo ocorre com a célula germinativa, pois vive somente se vier a se fundir com uma outra que é “a ela semelhante, porém diferente” (Freud, 1920/2010, p. 207). Isso é próprio da pulsão de vida, que luta contra a pulsão de morte, e depende do que vem de fora, desse outro semelhante, mas diferente.

Em “Mais além do princípio de prazer” (1920/2010) pode-se compreender o argumento de que a vida vem de fora:

o processo vital do indivíduo conduz, por razões internas, ao nivelamento de tensões químicas, ou seja, à morte, enquanto a união com uma substância viva individualmente diversa magnifica essas tensões, introduz como que novas *diferenças vitais*, que depois têm de ser *dissipadas vivendo*. O fato de havermos reconhecido como tendência dominante da vida psíquica, talvez da própria vida dos nervos, o esforço de diminuir, manter constante, abolir a tensão interna dos estímulos (o *princípio de Nirvana*, na expressão de Barbara Law), tal como se exprime no princípio de prazer – é um dos nossos mais fortes motivos para crer na existência da instintos de morte. (Freud, 1920/2010, pp. 227-228)

Com relação a esse último ponto, Figueiredo (1999) nota que a frase faz sentido se o termo pulsão de morte corresponder a um sentido de diminuir, manter constante, abolir a tensão interna. Mas, do contrário, como Freud aproxima pulsão de morte à agressão, se ela for usada nesse sentido, a frase perde o seu sentido. Portanto, podemos supor que no ódio, em sua polissemia, ainda teríamos vida.

Há uma outra contradição nesse texto em relação à própria pulsão de vida, quando é concebida como uma necessidade de uma restauração de um estado anterior, como na teoria de Platão. Nela, supõe-se a existência de três sexos: um masculino, um feminino e outro que une os dois, o homem-fêmea. Tudo neles era duplo, possuía quatro mãos, dois rostos, duplos genitais, e Zeus teria decidido dividi-lo. Como todos se achavam divididos, haveria então um anseio pela união, num desejo de fusão com o *igual*. Para Figueiredo (1999), essa reunião erótica perderia a dimensão energética vitalizadora, que vem com a *diferença*, para ser pensada pelo viés do retorno à unidade, da estabilidade, da constância. Em suas palavras:

se Eros agencia a reunião de diferentes gerando potenciais de diferenças vitalizadoras, o amor platônico, ao contrário, estaria a serviço da constância, da estabilidade, da união, do retorno.

Ou seja, o mito só serve a Freud se ele estiver disposto a se descartar de boa parte do que acabou de afirmar sobre os efeitos da reunião erótica. (p. 112)

Com Freud, poderíamos concluir que a vida vem de fora, com o diferente, e não do encontro com o igual, que anula as diferenças numa tendência mortífera. Jullien (2016) aprofunda o assunto em *Lo íntimo*. Porém, creio que Spielrein (1912/2014) potencializa a riqueza desse paradoxo quando defende os dois aspectos, tanto da indiferenciação no retorno quanto da diferenciação a partir dele. Com isso voltamos à afirmação de Freud, do outro, *semelhante*, porém *diferente*, que é necessário para a vida (Freud, 1920/2010).

No resumo final de Spielrein (1912/2014), há uma importante discussão a respeito do *amor*, pois somente com a presença dele, o narcisismo originário pode se abrandar e fazer emergir um novo começo. Para isso, como vimos, é preciso a dissolução no indiferenciado, que arrefece o narcisismo originário, mas para que não haja ameaças de aniquilamento, de morte, faz-se necessário o amor. Em suas palavras:

“*Onde o amor reina, o Eu morre, esse déspota tenebroso*”. No amor, a dissolução do Eu no ser amado é, ao mesmo tempo, a autoafirmação, uma nova vida na pessoa do ser amado. Se o amor falta, então a representação de uma alteração do indivíduo psíquico ou físico sob a influência de um poder estranho é, assim como no ato sexual, uma representação de aniquilamento ou de morte. (p. 261)

Sem o amor, rapidamente surge a influência de um poder estranho – ideia que ressoa no pensamento de Laplanche (1992) apresentado no segundo capítulo – e o que então se encontra é o sinal da morte. A partir disso, compreende-se que somente com o amor pode haver a autoafirmação, mas como uma nova vida que possibilita a castração do Eu. Caso não haja o amor, não é possível a dissolução do Eu no outro, a alteração do indivíduo, restando somente a representação de aniquilamento ou morte do indivíduo psíquico ou físico e a angústia tenebrosa diante da morte.

Portanto, o outro como alguém que possa permitir a experiência de amar e ser amado é fundamental para constituição de um Eu, diferenciado e menos onipotente, ideia presente em “Introdução ao narcisismo” (1914b/2010), quando afinal precisamos amar para não adoecer: “Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar” (Freud, 1914b/2011, p. 29). Cromberg avalia que em Spielrein (1912/1914) há:

uma concepção *ética* a partir do seu entendimento do psiquismo: é o trabalho do amor que destrói a tirania do Eu, é no Outro amado que se afirma a si mesmo, o Eu continuamente renovado por um Outro. A intersubjetividade aparece no centro da renovação da vida psíquica. (Cromberg, 2014b, p. 329)

Somente com o amor poderia advir a castração, a perda da onipotência e a diferenciação a partir da indiferenciação do encontro amoroso. O Eu precisa primeiramente se limitar, se permitir perder-se no outro. É um tanto paradoxal que, ao mesmo tempo em que há uma destruição de si mesmo num encontro indiferenciado, ele gera a afirmação, a diferenciação, a castração.

Considerações finais

O impasse se revelou uma fonte preciosa de questionamentos. Quando nos defrontamos com esses becos sem saídas, somos convocados a refletir sobre a técnica, a transferência, a contratransferência, o material da análise, nossa teoria. E com esse exercício, é possível promover mudanças, não só em nossos analisandos, mas em nós mesmos, como pessoas e enquanto analistas. Algo fundamental para que possamos usufruir de um pensamento livre que possa voltar a enriquecer o trabalho diário da experiência clínica, que se dá na intimidade dos afetos.

Como hipótese, trabalhamos o impasse da análise do Homem dos Lobos com Freud como decorrente da contribuição tanto da psicopatologia do analisando como das reações contratransferenciais do analista (Etchegoyen, 2004). E para empreender esse estudo foi necessário resgatar a história clínica do caso, principalmente, no que dizia respeito à qualidade da relação que se estabeleceu entre Freud e Pankejeff.

É muito convidativo estudar um caso publicado e muito comentado, saber de tudo o que teria acontecido e especular sobre o que então poderia ter sido – ou não ter sido –, principalmente quando se trata de nosso grande mestre Freud. Apesar de certa hesitação diante do desafio, esse risco não existe, pois nunca temos acesso ao que de fato aconteceu e nunca chegaremos a uma verdade. O que pudemos tão somente fazer foi um exercício do pensamento clínico, que pode nos ajudar a iluminar um campo sempre desconhecido a ser descoberto a cada dia em nossa tarefa com nossos analisandos.

Procuramos compreender como a dinâmica de funcionamento de Pankejeff contribui para obstruir o caminhar de sua análise com Freud. Consideramos que ele apresentava uma intensa labilidade pulsional acompanhada de uma forte ambivalência, que se expressavam na sede de submissão e em uma resistência igualmente importante, despontando numa relação que estava permeada de *amor e ódio*, considerando-se a polissemia que esses termos admitem. Esses afetos, de amor e ódio, mereceram atenção, pois são cruciais para o processo de constituição do psiquismo, e são exacerbados no contexto das relações narcísicas e fusionais, especialmente quando se corre o risco de perder o objeto.

Apesar de permanecer por muito tempo “entrincheirado, inatacável, detrás de uma postura de dócil indiferença” (Freud, 1918[1914]/2010, p. 18), a transferência do Homem dos Lobos estava permeada de ódio e maus tratos, como logo após a primeira sessão ocorreu ao russo ameaçar o analista: “Judeu ladrão, gostaria de te pegar por trás e cagar na tua cabeça”. (Freud & Ferenczi, 1994, p. 200).

Embora o ódio tenha assumido uma forma de resistência à transferência (ou mesmo, uma demonstração de carinho, dada a ambivalência de sua expressão), vimos que ele tem um papel essencial na constituição de si, formando uma barreira entre o externo e o interno, com o desenvolvimento da noção de uma individualidade, como uma entidade minimamente separada do outro. Posteriormente, com o advento da possibilidade da negação [*Verneinung*], o ódio permite tomar em consideração os conteúdos uma vez recalcados, possibilitando a formação do pensamento.

Além disso, também observamos que o ódio promove um combate, em que se prova o sentimento de estar vivo, de se sentir existindo (Green, 1993). Ressaltamos ainda um outro aspecto do ódio, que garante o laço indestrutível com a mãe sedutora que fora perdida, mas que oferece uma das mais fortes resistências à análise (Stein, 1988).

Porém, tudo só ocorre caso o ódio possa ser usado, ou seja, se o ambiente não reagir aos ataques do bebê, caso contrário, o bebê sente que é destrutivo e, conseqüentemente, deixa de usar sua agressividade, mesmo em fantasia (Winnicott, 1969/1989). Nossa suposição é a de que Freud não teria suportado os ataques de Pankejeff tanto quanto era necessário (Freud, 1937a/2018), comprometendo as funções de delimitação de um espaço interno e do juízo de realidade (Freud, 1925/2011).

Essa falta de discriminação dificultou o processo de separação do analista, com o qual o russo manteve um forte vínculo que perdurou por muito tempo em sua vida. Esse afeto teria sido algo extremamente perigoso para o Homem dos Lobos experimentar com Freud, tanto em função da possibilidade de uma retaliação por parte do analista, que poderia ser destruidora para um narcisismo ferido, como pelo risco de perder a importante relação que mantinha com o médico – que era ao mesmo tempo amado e odiado – caso o amor não viesse em seu auxílio (Abraham, 1924/1970).

A transferência estava também imbuída de amor, como se evidencia, logo nos primeiros encontros, pela forte admiração que Pankejeff sente imediatamente por Freud: “Ele tinha um magnetismo, ou melhor, uma aura que era muito agradável” (Obhlzer, 1982, p. 30). E durante a análise, ameaçava devorar o analista, nos moldes da organização oral da libido, toda vez que encontrava dificuldades na análise.

Supomos que, com isso, que o Homem dos Lobos teria introjetado o objeto, e Freud contribuiu assim para lhe dar uma identidade. Entretanto, consideramos a hipótese de que ele sofria de uma “melancolia crônica incurável” (Roudinesco, 2014, p. 248), tendo em seu germe uma frustração com o objeto, num momento precoce de identificação narcísica. Sem poder externalizar o ódio, toda a relação ambivalente volta-se para o russo, que poderia chegar assim

a um estado de mania e ao risco de uma autodestruição sem limites. Decorre dessa situação um desinvestimento do mundo, com a presença de estados depressivos, configurando uma situação que coloca enormes barreiras para o estabelecimento da transferência, sem a qual não há análise (Abraham, 1911/1970).

Mas havia em Pankejeff um forte desejo homossexual, e todo o trabalho de Freud concentrou-se “em desvendar a relação inconsciente com o homem” (Freud, 1918[1914]/2010, p. 156). Como observamos, o processo de constituição do Eu depende da figura do pai como um modelo, e conta com o auxílio da libido homossexual, que assim permite a aquisição de suas qualidades. No entanto, para que isso ocorra é fundamental que haja o sentimento de se sentir amado pelo grande homem, e que não se sinta tão somente o seu aspecto ameaçador. Assim, haveria a aquisição de suas qualidades, o desprendimento pulsional e a sublimação – como concluímos da leitura de “Psicologia das massas e análise do Eu” (Freud, 1921/2011) e “Moisés e o monoteísmo” (Freud, 1939[1934-1938]/2018).

A análise de Pankejeff dependia fortemente da aceitação da postura feminina diante de Freud (1937a/2018). No entanto, essa postura muito surpreendeu Freud (1923a/2011), e para ele era um fator que exercia uma das maiores resistências à análise (Freud, 1937a/2018). Podemos nos perguntar se a maior dificuldade com a posição passiva diante de outro homem vinha de seu analisando ou do próprio Freud. Apesar de terem vivido esse amor, principalmente nas diversas trocas de presentes entre os dois, supomos que não houve uma separação que permitisse a Pankejeff tornar-se verdadeiramente um homem, possuidor de um pênis simbólico, sem correr o risco de uma castração que lhe tirasse todo o seu valor.

Dada a importância da bissexualidade no caso em questão, consideramos também a repetição de um forte desejo incestuoso de união com a mãe, aspecto este que também teria sido negligenciado por Freud, que não se sentia confortável em ocupar a posição materna na transferência (Doolittle, 1945-1948[1933-1944]/1984).

Pankejeff encontrou saídas na onipotência, na idealização e no fetichismo, que não aceitam a falta, crucial para o processo de sublimação. Há uma busca pelo duplo, como uma garantia de continuidade do Eu, e esse forte anseio pela imortalidade oferece extensas resistências à análise. O efeito inquietante do duplo, e que advém principalmente do encontro com a face hostil do outro, que deveria ter um significado mais amigável, teria comparecido na relação com o analista, dificultando ainda mais o estabelecimento da relação transferencial, como concluímos da leitura de Laplanche (1992) e Cardoso (2002).

Há, portanto, um desafio no trabalho analítico diante da fragilidade narcísica e da extraordinária força de ligação ambivalente com o objeto, que se mostra ao mesmo tempo

bastante frágil. Emergem fortes anseios pelo amor do analista e um ódio exacerbado que, se não forem trabalhados, levam a saídas defensivas como a idealização, a megalomania e o afastamento do mundo.

Percebemos que na análise com Brunswick (1928/1970), que se considerou apenas uma mediadora na relação de Freud com Pankejeff, para quem a “análise era Freud” (Brunswick, 1928/1970, p. 306), finalmente ganharam expressão os potentes afetos de amor e ódio diante de uma mediadora. Supomos que tais afetos foram minimamente elaborados para que então fosse possível o desligamento de Freud, que lhe permitiu uma saída sublimatória. Isso se deveu ao fato de que o analisando “*elaborou suficientemente suas reações para com o pai, e foi, portanto, capaz de abandoná-las*” [itálicos nossos] (Brunswick, 1928/1970, p. 306). Aqui acrescentamos pai e mãe!

Brunswick (1928/1970) nos dá notícias de como teria sido difícil a análise entre os dois homens:

parece improvável para mim que uma análise com um analista homem teria sido possível. É uma coisa ocupar o papel do perseguidor frente a uma mulher paranoica – já castrada! – e outra é atuar isso frente a um homem para quem a castração é ainda uma possibilidade. É preciso lembrar que na psicose as coisas temidas são na realidade acreditadas: o paciente psicótico tem medo do real corte de seu pênis, e não de algum ato simbólico da parte do analista. Fantasia se tornou realidade. Assim, a situação é muito perigosa para o paciente. Essa é talvez uma situação em que o sexo do analista tem importância. (Brunswick, 1928/1970, p. 306)

O estancamento do processo de análise não se dá pelas paixões atualizadas na transferência, mas sim por uma negatividade desses afetos que impede o deslocamento, como salienta Pontalis (1991). A elaboração fica impedida quando há uma ligação extremamente forte a um único objeto, um agarramento a ele, sem que sobre espaço para o deslocamento libidinal, a castração e a sublimação, como foi pensado ao longo desse trabalho, principalmente a partir do *conceito inconsciente* (Freud, 1914[1918]/2010).

Assim, chegamos na hipótese de que a castração poderia ser elaborada somente a partir da repetição desses afetos em análise, que favorecem a constituição narcísica e a separação da pessoa do analista. Somente se o último puder viver junto com o analisando esses aspectos constitutivos da vida psíquica, e que podem ser muito assustadores, eles podem ser elaborados, a partir de uma mudança no contexto das relações (Ogden, 2004).

Esses elementos não eram temerosos apenas para o analisando, eram também para Freud, que teria descartado de bom grado o trabalho transferencial no que diz respeito aos intensos afetos. Parecia evitar o ódio, preferindo claramente o laço amigável com seu

analisando, e igualmente encontrava as maiores dificuldades com a paixão, com o amor que se atualiza na análise. Vimos como lhe desagradava estar no lugar da mãe, o que implicava lidar com os desejos incestuosos que o Homem dos Lobos repetia na reformulação da cena primária. Surpreendia-se com uma suposta resistência a uma posição passiva homossexual perante outro homem, ligação necessária para a constituição do sujeito, e que o Homem dos Lobos tanto ansiava.

Colocamos em questão os limites a que a pessoa do analista pode se prestar: deve-se ponderar sobre a maneira como poderiam ser vivenciados esses afetos, fundamentais para a constituição psíquica, porém perigosos quando se estabelece uma relação de dependência com o mestre. Uma vez vivenciados, os afetos poderiam oferecer uma chance não só para o fortalecimento narcísico, mas para o processo de separação, como Brunswick (1928/1971) apostou no direcionamento de sua conduta, que consistiu em evidenciar tanto o amor quanto o ódio de Pankejeff por Freud. O que são verdadeiramente negativos são os momentos em que ocorre um desinvestimento pulsional, um desligamento do mundo, sem que nada possa surtir qualquer efeito no analisando.

Deve-se ressaltar que o encontro fusional é perigoso, uma vez que sem a separação, o que ocorre é a morte. Há que se preservar uma violência, um ódio, que reafirma as diferenças e alimenta a vida. Ela vem de um movimento que consiste em poder estar junto, com o semelhante, porém, ao mesmo tempo, fazer viver o outro, o que ocorre tão somente se preservamos as diferenças, aquilo que nos é alheio. Os dois movimentos devem estar presentes para que a vida possa continuar, para que possa haver dois psiquismos que vivam criativamente e em liberdade.

A constituição do psiquismo vem do encontro paradoxal entre o que é semelhante e, ao mesmo tempo, diferente. Assim, nos casos em que há uma problemática narcísica acentuada, podemos nos deparar com um trabalho especialmente árduo e repetitivo para o analista e o analisando, no desafio de viverem juntos e igualmente separados, respeitados em sua criatividade e saídas sublimatórias. Entre o impasse e a elaboração podemos levar um tempo que deve, primeiramente, ser vivido no plano dos afetos, com a condição de que haja um corte: a castração. Vivência e castração que, em certa medida, foram negligenciadas por Freud no caso estudado. É fundamental que as paixões, os afetos, possam ser vividos, que sejam considerados e legitimados pelo analista, e que possam ser vividos pela dupla e experimentados de outras maneiras.

Referências

- Abraham, K. (1970). Notas sobre as investigações e o tratamento psicanalítico da psicose maniaco-depressiva e estados afins. In K. Abraham, *Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido* (C. M. Oiticica, trad., pp. 32-50). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1911)
- Abraham, K. (1970). O primeiro estágio pré-genital da libido. In K. Abraham, *Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido* (C. M. Oiticica, trad., pp. 51-80). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1916)
- Abraham, K. (1970). Breve estudo do desenvolvimento da libido visto à luz das perturbações mentais. In K. Abraham, *Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido* (C. M. Oiticica, trad., pp. 81-160). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1924)
- Abraham, N. & Torok, M. (1986). *The Wolf man's magic world: a cryptonymy* (N. Rand trad.). Minneapolis: University of Minnesota.
- Abraham, N. & Torok, M. (1995). Luto ou melancolia, introjetar-incorporar. In N. Abraham & M. Torok, *A casca e o núcleo* (M. J. R. F. Coracini, trad., pp. 243-258). São Paulo, SP: Escuta.
- André, J. (1996). *As origens femininas da sexualidade* (V. Ribeiro trad.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Anzier, D. (1989). *A auto-análise de Freud* (F.F. Settineri, trad.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1959)
- Aulagnier, P. (1979). *A violência da interpretação* (M.C. Pellegrino, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Blum, H. (2013). The Wolf Man's Rorschach. *International Journal of Psychoanalysis*, 94 (5), pp. 937-944.
- Bokanowski T. (2002). *A prática analítica*. (M. Pedreira, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Borch-Jacobsen, M. (2011). *Les patients de Freud*. Auxerre, France: Sciences Humaines.
- Brown, C. (2014). *Um por um* (R. Marques, trad.). São Paulo, SP: Três Estrelas.
- Brunswick, R. M. (1971). A supplement to Freud's 'History of an infantile neurosis'. In M. Gardiner (Org.), *The Wolf Man by the Wolf Man* (pp. 263-307). New York, NY: Basic Books. (Trabalho original publicado em 1928)
- Cardoso, M.R. (2002). *Superego*. São Paulo, SP: Escuta.
- Chasseguet-Smirgel, J. (1992). *O ideal do ego* (F. Vidal, trad.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Coelho Junior, N. E. (2010). Da intercorporeidade à co-corporeidade: elementos para uma clínica psicanalítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44 (1), pp. 51-60.
- Cromberg, R.U. (2010). *Paranóia*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Cromberg, R.U. (2014a). A emergência do conceito de pulsão de morte. In. R. Cromberg (Org.), *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise* (pp. 217-226). São Paulo, SP: Livros da Matriz.

- Cromberg, R.U. (2014b). O amor que ousa dizer seu nome na história da psicanálise. In R. Cromberg (Org.), *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise* (pp. 377-384). São Paulo, SP: Livros da Matriz.
- Cyssau, K. (1999). Fonctions théoriques du cas clinique. De la construction singulière à l'exemple sériel. In F. Villa, & P. Fédida (Org.). *Le cas en controverse* (pp. 59-82). Paris, France: PUF.
- Delouya, D. (2000). *Entre Moisés e Freud: tratados de origens e de desilusão*. São Paulo, SP: Via Lettera.
- Delouya, D. (2005). *Torções na razão freudiana: especificidades e afinidades*. São Paulo, SP: Unimarco Editora.
- Deutsch, H. (1973). *Confrontations with myself*. New York, NY: Norton & Company.
- Doolittle, H. (1984). *Tribute to Freud*. New York, NY: New Directions. (Trabalho original publicado em 1945-1948[1933-1944])
- Eissler, K. (1980). Report on the Sigmund Freud Archives. *International Journal of Psychoanalysis*. 61(1), 104-105.
- Etchegoyen, R. H. (2004). *Fundamentos da técnica psicanalítica*. (F. F. Settineri, trad.). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Fédida, P. (1988). *A clínica psicanalítica: estudos* (C. Berliner, M.P. Silva, R. Steffer, trad.). São Paulo, SP: Escuta.
- Ferenczi, S. (2011). Dificuldades técnicas de uma análise de histeria. In S. Ferenczi. *Psicanálise III* (A. Cabral, trad., Vol. 3, pp. 1-8). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1919)
- Ferenczi, S. (2011). Fantasias provocadas. In S. Ferenczi. *Psicanálise III* (A. Cabral, trad., Vol. 3, pp. 261-270). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1924)
- Figueiredo, L.C. (1999). *Palavras cruzadas em Freud e Ferenczi*. São Paulo, SP: Escuta.
- Florence, J. (1994). As identificações. In. M. Mannoni [et al]. *As identificações na clínica e na teoria psicanalítica* (pp. 115-166). Rio de Janeiro, RJ: Relume-Dumará.
- Freud, S. (2003). Projeto de uma psicologia (O.F. Gabbi Jr., trad.). In O.F. Gabbi Jr., *Notas a projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise* (pp. 171-260). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1950[1895])
- Freud, S. (1996). Lembranças encobridoras. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Samomão, trad., Vol. 3, pp. 285-306). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1899)
- Freud, S. (1996). A interpretação dos sonhos (primeira parte). In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Samomão, trad., Vol. 4). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1900a[1899])
- Freud, S. (1996). A interpretação dos sonhos (segunda parte). In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Samomão, trad., Vol. 5, pp. 371-650). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900b[1899])
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 6, pp. 13-172). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905a)

- Freud, S. (2016). Psicoterapia. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 6, pp. 331-347). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905b)
- Freud, S. (2015). Caráter e erotismo anal. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 8, pp. 350-358). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1908)
- Freud, S. (2013). Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 9, pp. 113-219). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1910)
- Freud, S. (2010). Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia [*Dementia paranoides*] relatado em autobiografia (“O caso Schreber”). In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 10, pp. 13-107). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911)
- Freud, S. (2010). A dinâmica da transferência. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 10, pp. 133-146). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912a)
- Freud, S. (2010). Recomendações ao médico que pratica a psicanálise. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 10, pp. 147-162). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912b)
- Freud, S. (2012). Totem e tabu. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 11, pp. 13-244). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913[1912-1913])
- Freud, S. (2010). Recordar, repetir e elaborar. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 10, pp. 193-209). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914a)
- Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Obras completas* (P.C. Souza, trad., Vol. 12, pp. 13-50). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914b).
- Freud, S. (2010). Observações sobre o amor de transferência. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 10, pp. 210-228). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915a)
- Freud, S. (2010). Os instintos e seus destinos. In S. Freud, *Obras completas* (P.C. Souza, trad., Vol. 12, pp. 51-81). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915b)
- Freud, S. (2010). A repressão. In S. Freud, *Obras completas* (P.C. Souza, trad., Vol. 12, pp. 82-98). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915c)
- Freud, S. (2014). Conferências introdutórias à psicanálise (Terceira Parte: Teoria geral das neuroses). 28ª Conferência: A terapia psicanalítica. In S. Freud, *Obras completas* (P.C. Souza, trad., Vol. 13, pp. 593-613). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917[1916-1917])
- Freud, S. (2010). Sobre transformações dos instintos, em particular no erotismo anal. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, trad., Vol. 14, pp. 252-262). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917)
- Freud, S. (2011). Luto e melancolia. In S. Freud, *Luto e melancolia* (M. Carone, trad., pp. 41-89). São Paulo, SP: Cosac Naify. (Trabalho original publicado em 1917[1915])

- Freud, S. (2010). História de uma neurose infantil (“O Homem dos Lobos”). In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, trad., Vol. 14, pp. 13-160). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1918[1914])
- Freud, S. (2010). O Inquietante. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, trad., Vol. 14, pp. 328-376). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (2010). Mais além do princípio de prazer. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, trad., Vol. 14, pp. 161-239). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do Eu. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, trad., Vol. 15, pp. 12-113). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (2011). Sonho e telepatia. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, trad., Vol. 15, pp. 174-208). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1922)
- Freud, S. (2011). A Cabeça de Medusa. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, trad., Vol. 15, pp. 326-328). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1940[1922])
- Freud, S. (2011). Uma neurose do século XVII envolvendo o demônio. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, trad., Vol. 15, pp. 225-272). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923a)
- Freud, S. (2011). O Eu e o Id. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, trad., Vol. 16, pp. 13-74). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923b)
- Freud, S. (2011). Observações sobre a teoria e a prática da interpretação. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, trad., Vol. 16, pp. 300-317). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923c)
- Freud, S. (2011). O problema econômico do masoquismo. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, trad., Vol. 16, pp. 184-202). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (2011). A Negação. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, trad., Vol. 16, pp. 275-282). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925)
- Freud, S. (2014). Inibição, sintoma e angústia. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, trad., Vol. 17, pp. 13-123). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926)
- Freud, S. (2014). Dostoiévski e o parricídio. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, trad., Vol. 17, pp. 337-364). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1928)
- Freud, S. (2010). Novas conferências introdutórias à psicanálise. 32ª Conferência: Angústia e instintos. In S. Freud, *Obras completas* (P.C. Souza, trad., Vol. 18, pp. 224-262). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933[1932-33])
- Freud, S. (2018). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Obras completas* (P.C. Souza, trad., Vol. 19, pp. 274-327). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1937a)
- Freud, S. (2018). Construções em análise. In S. Freud, *Obras completas* (P.C. Souza, trad., Vol. 19, pp. 327-344). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1937b)

- Freud, S. (2018). Moisés e o monoteísmo: três ensaios. In S. Freud, *Obras completas* (P.C. Souza, trad., Vol. 19, pp. 13-188). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1939[1934-38])
- Freud, S. (2018). A cisão do Eu no processo de defesa. In S. Freud, *Obras completas* (P.C. Souza, trad., Vol. 19, pp. 345-350). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1940a[1938])
- Freud, S. (2018). Compêndio de Psicanálise. In S. Freud, *Obras completas* (P.C. Souza, trad., Vol. 19, pp. 189-273). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1940b[1938])
- Freud, S., & Ferenczi, S. (1994). *Sigmund Freud & Sándor Ferenczi: correspondência*. (Org. E. Falzeder, E.Brabant & P.Giampieri, C.Cavalcanti), S.K.Lages, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (2009). *Cartas entre Freud & Pfister (1909-1939): um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. (Org. E. Freud, H. Meng & K. Wondracek) (D. Junge, trad.). Viçosa, MG: Ultimato.
- Fulgêncio, L. (2014). Aspectos diferenciais da noção de ego e *self* na obra de Winnicott. *Estilos da Clínica*, 19(1), 183-198.
- Gardiner, M. (1971). The Wolf-man in later life. In M. Gardiner (Org.), *The Wolf Man by the Wolf Man* (pp. 311-366). New York, NY: Basic Books.
- Glover, E. (1955). *The technique of psycho-analysis*. New York, NY: International Universities Press.
- Goethe, J.W. (2007). *Os sofrimentos do jovem Werther* (M. Fleischer, trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1774)
- Green, A. (1964). A analidade primária na relação anal. In B. Brusset & C. Couvreur (2003), *A neurose obsessiva* (S. J. Almeida, trad., pp. 79-114). São Paulo, SP: Escuta.
- Green, A. (1988). *Sobre a loucura pessoal* (C.A. Pavanelli, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Green, A. (1988). A mãe morta. In A. Green. *Narcisismo de vida, narcisismo de morte* (C. Berliner trad. pp. 239-273). São Paulo, SP: Escuta.
- Green, A. (1988). O Eu, mortal imortal. In A. Green. *Narcisismo de vida, narcisismo de morte* (C. Berliner trad. pp. 275-302). São Paulo, SP: Escuta.
- Green, A. (1993). A analidade primária. In A. Green (2010), *O trabalho do negativo* (F. Murad, trad., pp. 306-13). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Grunberger, B. (1989). *New essays on narcissism*. Londres, England: Free Association Books.
- Hanns, L. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Hanns, L. (1999). *A teoria pulsional na clínica de Freud*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Hanns, L. (2004). Comentários do Editor Brasileiro. In S. Freud (1915b), “Pulsões e destinos da pulsão”, In S. Freud, *Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (L.A. Hanns, trad., Vol. 1, pp. 137-144). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Hassoun, J. (1989). *Les passions intraitables*. Mayenne, France: Aubier.
- Homero (2014). *Odisseia* (C. Werner, trad.). São Paulo, SP: Cosac Naify.
- Johnson, L. (2001). *The Wolf man's burden*. New York, NY: Cornell University.

- Jones, E. (1970). Introdução. In K. Abraham, *Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido* (C. M. Oiticica, trad., pp. 1-31). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1926)
- Joseph, B. (1989). The patient who is difficult to reach. In *Psychic equilibrium and psychic change* (pp. 75-87). London, England: Routledge. (Trabalho publicado em 1975)
- Jullien, F. (2016). *Lo íntimo: lejos del ruidoso Amor*. Buenos Aires, BA: El Cuenco de Plata.
- Khan, M. (1971). Infantile neurosis as a False-Self. *Psychoanalytic Quarterly*, 40, pp. 245-263.
- Laplanche, J. (1987). *Problemáticas I – A angústia*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Laplanche, J. (1992). Le temps et l'outre. In J. Laplanche, *La révolution copernicienne inachevée*. Paris, France: Aubier.
- Laplanche, J., & Pontalis, J-B. (2001). *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Le Guen, C. (1974). *L'Œdipe originaire*. Paris, France: Payot.
- Le Guen, C. (1991). *A dialética freudiana – 1: prática do método psicanalítico* (R. Steffen, trad.). São Paulo, SP: Escuta.
- Leclaire, S. (2001). Sobre o episódio psicótico apresentado pelo “Homem dos Lobos”. In S. Leclaire, *Escritos Clínicos* (L. Magalhães, trad., pp. 175-198). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958)
- Loffredo, A.M. (1999). Em busca do referente, às voltas com a polissemia dos sonhos: a questão em Freud, Stuart Mill e Lacan. *Psicologia USP*, 10 (1), pp. 169-197.
- Loffredo, A.M. (2002). Sobre a escrita dos relatos clínicos freudianos. *Jornal de Psicanálise*, 35 (64/65), pp. 175-190.
- Loffredo, A.M. (2006). Parábolas freudianas: as narcísicas feridas e o arqueólogo. *Jornal de Psicanálise*, 39 (70), pp. 289-308.
- Loffredo, A.M. (2014). *Figuras da sublimação na metapsicologia freudiana*. São Paulo, SP: Escuta.
- Loffredo, A.M. et al. (2004). Ler Freud: apreensões em torno do originário. *Jornal de Psicanálise*, 37 (68), pp. 11-30.
- Macguire, W. (1974). *The Freud/Jung letters* (R. Manheim & R.F.C. Hull, trad.). Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Mahony, P. (1992). *Gritos do Homem dos Lobos* (M.C.S.B. da Silva, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Masson, J. M. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Menezes, L. C. (2001). *Fundamentos da clínica freudiana*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Mezan, R. (2002). A medusa e o telescópio: Freud e o olhar. In R. Mezan, *Interfaces da psicanálise* (pp. 32-82). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Mezan, R. (2014). *O tronco e os ramos*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Migueluez, O. M. (2015). *Narcisismos*. São Paulo, SP: Escuta.

- Mijolla-Mellor, S. (2010). Os ideais e a sublimação (L.E.V. Moreira, trad.). *Psicologia USP*, 21 (3), pp. 501-512.
- Minerbo, M. (2012). *Transferência e contratransferência*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Neyraut, M. (1974). *Le transfert*. Paris, France: Press Universitaires de France
- Obholzer, K. (1982). *The Wolf-Man sixty years later* (M. Shaw, trad.). London, England: Routledge & Kegan Paul.
- Offenkrantz, W. (1973). Problems of the Therapeutic Alliance: Freud and the Wolf Man. *International Journal of Psychoanalysis*, 54, pp. 75-78.
- Ogden, T. (2004). Introduction. In T. Ogden, *The primitive edge of experience*. London, England: Karnac.
- Pankejeff, S. (1971). My recollections of Sigmund Freud. In M. Gardiner (Org.), *The Wolf Man by the Wolf Man* (pp. 135-152). New York, NY: Basic Books.
- Peres, U.T. (2011). Posfácio: uma ferida a sangrar-lhe a alma. In S. Freud (1917[1915]). *Luto e melancolia* (M. Carone, trad., pp. 101-137). São Paulo, SP: Cosac Naify.
- Pontalis, J.-B. (1991). Esta transferência chamada negativa. In *Perder de vista* (V. Ribeiro, trad., pp. 74-78). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Pontalis, J.-B. (1999). ISSO em letras maiúsculas (M. Marques, trad.). *Percursos*, 23 (2), pp. 5-15.
- Prado Jr., B. (2000). *Alguns ensaios*. São Paulo, SP: Paz e Terra.
- Rank, O. (1925/1989). *The double: a psychoanalytic study* (H. Tucker Jr., trad.). London, England: Maresfield Library.
- Ribeiro, P.C. (2000). *O problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária*. São Paulo, SP: Escuta.
- Rizzuto, A-M. (2015). *Freud and the spoken word: speech as a key to the unconscious*. New York, NY: Routledge.
- Robert, P. (1973). *Dictionnaire alphabétique & analogique de la langue française*. Paris, France: Dictionnaire Le Robert.
- Rosenfeld, H. (1987). O problema do impasse no tratamento psicanalítico. In H. Rosenfeld, *Impasse e interpretação* (V. Ribeiro, trad., pp. 167-187). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Rosolato, G. (1978). *La relation de desconocido* (M.N.F. de Freda, trad.). Barcelona, CT: Petrel
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1988). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Roudinesco, E. (2014). *Sigmund Freud: en son temps et dans le nôtre*. Paris, France: Éditions du Seuil.
- Schaeffer, J. (2002). Bissexualité et différence des sexes dans la cure. *Topique*, 78 (1), pp. 21-32.
- Schneider, M. (1993). *Afeto e linguagem nos primeiros escritos de Freud*. São Paulo, SP: Escuta.
- Silva Junior, N. (1988). Nota. In C. Stein (1988), *As erínias de uma mãe* (N. Silva Jr., trad., p. 41). São Paulo: Escuta.

Silva Junior, N. (2000). Modelos de subjetividade em Freud: da catarse à abertura de um passado imprevisível. *Pulsional Revista de Psicanálise*, 13 (139), pp. 23-26.

Souza, P.C. (2010). *As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Souza, P.C. (2010b). Nota. In Freud, S. (1914b), Introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Obras completas* (P.C. Souza, trad., Vol. 12, pp. 45). São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Souza, P.C. (2011). Nota. In Freud, S. (1921), Psicologia das massas e análise do Eu. In S. Freud., *Obras completas* (P. C. de Souza, trad., Vol. 15, p. 62). São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Spielrein, R. (2014). A destruição como origem do devir (R.D. Mundt, trad.). In R. Cromberg (Org.), *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise* (pp. 227-278). São Paulo, SP: Livros da Matriz. (Trabalho original publicado em 1912)

Stein (1988). *As erínias de uma mãe* (N. Silva Jr., trad.). São Paulo, SP: Escuta.

Strachey, J. (1996a). Nota introdutória. In S. Freud (1917[1915]/1996), Sobre o narcisismo, uma introdução, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (M. A. M. Rego, trad., Vol. 14, pp. 77-79). Rio de Janeiro, RJ: Imago.

Strachey, J. (1996b). Nota introdutória. In S. Freud (1918[1914]/1996), História de uma neurose infantil, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (M. A. M. Rego, trad., Vol. 17, pp. 15-18). Rio de Janeiro, RJ: Imago.

Strachey, J. (1996c). Apêndice B. In S. Freud (1923/1996), O ego e o id, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (M. A. M. Rego, trad., Vol. 19, pp. 77-80). Rio de Janeiro, RJ: Imago.

Strachey, J. (1996d). Nota introdutória. In S. Freud (1930[1939]/1996), Mal-estar na civilização, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (M. A. M. Rego, trad., Vol. 21, pp. 67-71). Rio de Janeiro, RJ: Imago.

Winnicott, D. W. (1989). The use of an Object and Relating through Identifications. In D.W. Winnicott, *Psychoanalytic Explorations* (pp. 218-227). Lexington, MA: Harvard. (Trabalho original lido em 1968)

Winnicott, D. W. (1989). The use of an Object in the Context of *Moses and Monotheism*. In D.W. Winnicott, *Psychoanalytic Explorations* (pp. 240-246). Lexington, MA: Harvard. (Trabalho original escrito em 1969)